

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Artur Renato Brito de Almeida

**Processos midiáticos, amplificação de vozes globais e a comunicologia de
Vilém Flusser**

São Paulo

2013

ARTUR RENATO BRITO DE ALMEIDA

**Processos midiáticos, amplificação de vozes globais e a comunicologia de
Vilém Flusser**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau
de Mestre em Comunicação pela Faculdade
Cásper Líbero.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino.

São Paulo

2013

Almeida, Artur Renato Brito de

Processos midiáticos, amplificação de vozes globais e a comunicologia de Vilém Flusser/ Artur Renato Brito de Almeida.--São Paulo, 2013.

127f. : 30 cm.

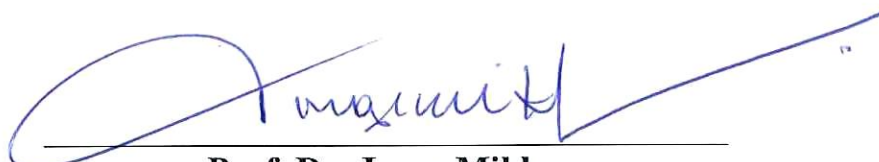
Orientador: Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Processos Midiáticos. 3. Discurso e Diálogo. 4. Global Voices. 5. Vilém Flusser. I. Martino, Luís Mauro Sá. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

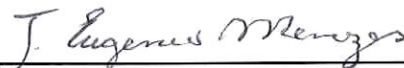
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: ARTUR RENATO BRITO DE ALMEIDA

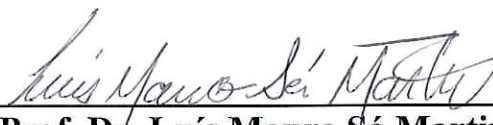
**“PROCESSOS MIDIÁTICOS, AMPLIFICAÇÃO DE VOZES
GLOBAIS E A COMUNICOLOGIA DE VILÉM FLUSSER”.**



Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista - UNIP



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero



Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: - 07 de março de 2014.

A Inalda, Leonardo e Renata. À família.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof.Dr. Luís Mauro Sá Martino, meu orientador.

Aos Professores da pós-graduação, em especial ao Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes.

À banca de qualificação pelas valiosas contribuições.

Aos funcionários da Secretaria do Curso de Pós-Graduação, em especial a Daniel Brito.

Aos colegas que muito me ajudaram.

Aos amigos, em especial a Luiz Carlos Cardoso, Luiz Gazal e Carlos Hermínio Sobral Oliveira.

“O homem não é mais do que a série dos seus atos.”
(Hegel)

Almeida, Artur Renato Brito de. **Processos midiáticos, amplificação de vozes globais e a comunicologia de Vilém Flusser**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2013.

RESUMO

Estudo de processos midiáticos correntes no sítio eletrônico *Global Voices* (www.globalvoicesonline.org), com metodologia qualitativa, análise bibliográfica e referencial teórico de Vilém Flusser. Diante de avanços tecnológicos, é considerada a vinculação de comunicação e cultura, assim como variáveis que regem a estrutura da comunicação. A comunicação humana é observada na Comunicologia de Flusser, na tensão entre discurso e diálogo, entre modos de operações discursivos e dialógicos de meios de comunicação.

Palavras-chaves: Comunicação; Processos midiáticos; Discurso e Diálogo; Global Voices; Vilém Flusser.

Almeida, Artur Renato Brito de. **Media processes, amplification of global voices and Vilém Flusser's communicology.** Dissertation (Master's in Communication) – Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2013.

ABSTRACT

Study of current media processes in the website Global Voices (www.globalvoicesonline.org) using qualitative methodology, bibliographical analysis and Vilém Flusser's theoretical references. The bonds between communication and culture, and the variables that govern the communication framework are taken into consideration. Human communication is observed in Vilém Flusser's Communicology, in the strain between discourse and dialogue, and in discursive and dialogic media operations.

Key-words: Communication; Media Processes; Discourse and Dialogue; Global Voices; Vilém Flusser.S

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A CENTRALIDADE DA COMUNICAÇÃO	22
1.1 Comunicação, tecnologia e sociedade.....	24
1.2 Comunicação e imagem.....	28
1.3 Comunicação e ambiente midiático.....	30
1.4 “Comunicação: aqui estão as minhas dores”.....	36
1.5 “Espaço, aqui estão as minhas dores”.....	42
1.6 Indignação.....	45
2 O GLOBAL VOICES: Discursos e Diálogos	48
2.1 Como surgiu – Gênese.....	53
2.2 Constituição independente do <i>Global Voices</i>	56
2.3 Princípios e valores – Manifesto.....	57
2.4 O movimento, a ação.....	59
2.5 Organização de conteúdo.....	62
2.6 Projetos adicionais.....	66
2.7 Dúvidas – espanto.....	69
2.8 Esperança: o discurso e o diálogo.....	74
3. A COMUNICOLOGIA DE VILÉM FLUSSER. SOCIEDADE PROGRAMADA E SOCIEDADE CRIATIVA	76
3.1 Mundo codificado.....	77

3.2 A tensão entre discurso e diálogo.....	83
3.3 Escalada da abstração.....	88
3.4 Tecido comunicativo de discurso e diálogo.....	92
3.5 Sociedade Programada e Sociedade Criativa.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

Este esforço acadêmico busca a compreensão de alguns aspectos do fenômeno da comunicação, da comunicação humana, com seus pontos essenciais e criações que envolvem códigos, meios e estruturas numa realidade de proeminência de prática mediada por aparatos eletrônicos na dimensão que marca o contexto histórico contemporâneo.

Trata-se de dissertação inserida no âmbito do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, que tem como área de concentração “Comunicação na Contemporaneidade”, articulada na linha de pesquisa “Processos Midiáticos”. Na compreensão de seus temas e objetos de estudo, essa linha de pesquisa considera, “de forma criativa, as interfaces da comunicação com os estudos dos códigos e linguagens da política, do universo simbólico da cultura e das tecnologias comunicacionais” (CHIACHIRI Filho et al., 2012:28).

Em tempos de abundância de meios de comunicação, com alcance e celeridade crescentes, os processos comunicacionais parecem cada vez mais diversos, fragmentados e complexos. Assim, talvez seja mesmo essencial compreender os fenômenos relacionados com a comunicação, no esforço de “pensar o contexto social tendo como elemento central relações de comunicação” (MARTINO, 2010:11).

O grau de interesse se clarifica na necessidade de investigação que possa conduzir, histórica e criticamente, a uma compreensão da tensão entre as posturas de diálogo e discurso manifestadas na perspectiva da dinâmica dos meios de comunicação, do próprio caráter dinâmico da comunicação, da sua função humana, do seu contexto cultural e força vinculadora que permite a vida em sociedade. Assim se refletirá sobre a comunicação na contemporaneidade tendo em vista também a transformação social possível, o projeto de um futuro diante da necessidade sempre presente de afirmar a liberdade de pensamento.

No propósito compreensivo, o objeto empírico deste trabalho acadêmico é circunscrito ao *Global Voices* (www.globalvoicesonline.org), uma experiência internacional efetuada no universo da estrutura tecnológica digital conectada, com suas plataformas e sistemas, suas redes de relacionamento, presente no atual estágio civilizatório. Mais precisamente, uma iniciativa que toma corpo na Internet.

Observar e refletir sobre a dimensão e a intensidade da atuação do *Global Voices*, definido como “uma comunidade internacional de blogueiros”, é horizonte que se determina graças às potencialidades abertas para a comunicação humana por força das intensas

reconfigurações, em escala universal, dos processos midiáticos sob a influência das tecnologias digitais.

Um foco na dimensão humana, com abrangência planetária, de mundo na sua amplitude, com suas diferenças, um mundo cada vez mais tido como interdependente, se constitui em intenção a consagrar sentimento de relevância da pesquisa.

Fortalece-se o pensamento voltado para a transformação social possível mediante a adoção de uma postura dialógica, do entendimento mais amplo da necessidade humana de se comunicar na era da conexão digital, da convergência, do ritmo acelerado de circulação de ideias, conceitos e estéticas. Um período que indica muitas possibilidades viabilizadas no ambiente de troca de informações por redes digitais conectadas.

Na interpretação de experiência viabilizada na amplitude de mais um revolucionário ambiente comunicacional, procura-se substituir a compreensão das técnicas do viver pelo significado do viver. Tenta-se promover um engajamento com valores do ser humano, apoiado no que aponta Vilém Flusser (2007:206): “A teoria da comunicação visa superar o saber tecnocrático por um saber engajado no homem”.

A experiência do *Global Voices* direciona luz para quem precisa de atenção, de reconhecimento e para as ambivalências geradas pelo pluralismo cultural no mundo. Parece enquadrar-se na amplitude de sentimento já expresso em 1980 pela Unesco com seu relatório intitulado “Muitas vozes, um mundo”, produzido pela Comissão MacBride (1980), no qual se faz a crítica da dominação exercida por países industrializados sobre a produção e distribuição de conteúdo da mídia. Transparece nesse contexto a intenção de excluir de forma sistemática vozes, pessoas, países e mesmo continentes.

Parece inevitável a sensação de que o *Global Voices* se vai constituindo, ou tem potencial para tanto, em iniciativa envolta nos sonhos dos que lutam por instrumentos midiáticos capazes de contribuir para a participação democrática, o combate à opressão simbólica, a resistência à manipulação e a afirmação da liberdade de pensamento, tomando emprestadas palavras de Pierre Bourdieu (1997) no seu texto *Sobre a televisão*. Para Bourdieu, a televisão se revelava no final do século XX um meio de comunicação de massa tradicional, com mecanismos que demonstravam perigo para as esferas culturais e, também, para a vida democrática e política.

A análise que aqui se faz considera aspectos gerais da constituição e do desenvolvimento do projeto *Global Voices*, especialmente quando observado o fato de se constituir o acesso à informação, o direito de saber, um requisito básico da cidadania, de

valorização do humano num mundo onde se acentuam as diferenças que cumpre conhecer e reconhecer. Esse processo certamente precisa ser enfrentado na análise mais ampla do contexto que envolve os meios de comunicação, com seus traços definidores de modos de operação e transmissão situados no âmbito da tensão entre discurso e diálogo, na compreensão dos seus fatores estruturais políticos, econômicos e sociais.

Assim, busca-se aqui refletir sobre a dinâmica das relações, da comunicação *online*, das potencialidades de abertura de espaços dialógico-criativos, da interação social e das possibilidades de ação para superar a observação passiva e acríica do mundo.

Determinar o *corpus* empírico numa iniciativa como a do *Global Voices* talvez conduza ao sentimento de aceitação da Internet como fenômeno presente em todos os aspectos do cotidiano. Um fenômeno que traz perspectivas de ampliação de fronteiras nas quais vozes podem ser articuladas, ouvidas e intercambiadas; nas quais prevaleça o livre fluir da informação, alargando-se a percepção do mundo pela possibilidade de novos modelos de linguagem. No sentido amplo da estética, surgem outras maneiras de perceber e sentir para que o homem confira significado ao mundo. Na dimensão humana, o fenômeno talvez permita pensar num ecossistema aberto com oportunidades determinadas pelo poder da tecnologia para criar vínculos.

A Internet é consagrada como “um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos para muitos em tempo escolhido e a uma escala global” (CASTELLS, 2007:16). A propósito, Castells chega a admitir que, “do mesmo modo que a difusão da imprensa no Ocidente deu lugar ao que McLuhan denominou ‘Galáxia Gutemberg’, entramos agora num novo mundo da comunicação: a Galáxia Internet” (CASTELLS, 2007:16).

Com seu alcance global, tem a Internet potencialmente a capacidade de dar acesso a todos os que queiram se conectar e participar, produzir conteúdo, bem como compartilhar com outros, em qualquer lugar do mundo, suas opiniões, ideias e ações. Talvez permita que o ser humano seja considerado sujeito consciente e ativo da vida social, afirmando-se em sua condição humana especial e fortalecendo a cidadania.

Como em anteriores criações humanas historicamente determinadas em termos de avanços tecnológicos, a Internet pode servir certamente tanto para o bem quanto para práticas nocivas ou distorcidas. Parece claro que todas as ações, também na Internet, têm peso ético, sujeitam-se a uma avaliação ética.

Esta dissertação reflete um trabalho de pesquisa acadêmica inserido na tentativa de compreender a comunicação, a comunicação humana, em aspectos que abarca o potencial dos meios de comunicação, da mídia, no ambiente digital, notadamente a presença da Internet. É

considerada, então, uma perspectiva de emancipação não apenas social, mas sobretudo do ser humano como indivíduo, quando presente no sentido da tensão entre “possibilidades de diálogo e a redundância dos discursos” (MENEZES, 2011:55).

Questão fundamental a nortear a pesquisa se encontra afirmada na seguinte conformidade: em que dimensão a comunicação *online*, o ambiente digital, se constitui em espaço aberto à construção dialógico-criativa, à superação de barreiras para fortalecer as tendências dialógicas no aparelho midiático?

As barreiras – políticas, econômicas, culturais –, que se estabeleceram em razão de preconceitos e preconceitos, de poder, domínio e influência, parecem que ainda se impõem no sentido de comprometer a necessidade que tem o ser humano de exercer seu direito fundamental à comunicação, de saber, de dialogar, de expressar-se socialmente e afirmar-se na amplitude da sua condição humana. Barreiras tais como a do abismo digital, da censura política e econômica no caminho da determinação do que deve ser divulgado, das incapacidades para lidar com os artefatos midiáticos, são exemplos. Outro exemplo diz respeito à questão da língua, do uso da linguagem quando considerado o mundo com tanta diversidade também nesse aspecto.

Talvez seja conveniente ressaltar que o vasto campo de relações a envolver o tema mídia e comunicação passa certamente, de forma aguda na contemporaneidade, pelas questões da política e do mercado. Há evidências da relação estreita da tecnologia com o mercado. Em termos de dimensões, articulações e significados da comunicação na contemporaneidade, “às preocupações originais com a problemática do mercado e sua relação com os fenômenos da comunicação foi incorporada a questão da tecnologia, tão determinante nos processos midiáticos da sociedade contemporânea” (BARROS, 2006:11).

Parece evidente que o livre fluxo de informações e ideias é questão crucial na noção de cidadania, de democracia e de respeito aos direitos humanos. É também questão crucial quando se observa o contexto da alteridade, do conhecer e reconhecer o outro nas suas diferenças.

A informação, então, tem sua importância e é assim ressaltada por MARTINO, (2007:103): “O ato de comunicar é a essência da ação. O conhecimento é a medida racional da ação a partir de sua prefixação na consciência. Só é possível agir a partir de informações”.

Formatos inovadores de mídia, cada vez mais tecnologicamente aprimorados, permitem às pessoas dispor de condições de acesso a informações de maneira mais rápida, instantânea e fora dos padrões de controle reservados ao modelo funcional, mecanicista de comunicação. A integração das mídias, a era tecnológica do multimídia, tem hoje contornos

revolucionários. Configuram-se possibilidades de expansão do atendimento da necessidade de comunicação do ser humano para que se procure superar a solidão.

Numa era dita da informação, do conhecimento, muitos permanecem à margem de um processo que se proclama de progresso. Mas em tal condição há indícios ainda de prevalecerem discursos pautados por interesses políticos e de mercado, por redundâncias que atingem e ameaçam até mesmo, diante da volúpia com que se impõem, a sustentabilidade planetária, por operações discursivas dos meios de comunicação.

Questionamentos secundários são considerados nesse esforço acadêmico em torno de observações e reflexões, compreendendo: o potencial de democratização, em decorrência dos avanços nas tecnologias midiáticas; as transformações na relação da tecnologia com o mercado, que podem contribuir para novas formas de associativismo, cooperação e ativismo cívico; a efetivação de modalidades antes inéditas de informar e ser informado e de exercer direitos, de lutar por direitos fundamentais, de praticar a cidadania, de dedicar-se a uma construção participativa que inclua no processo os jovens e as mulheres, pela cooperação em torno de temas que envolvem o destino comum planetário.

Pensar em comunicação parece mesmo não ser possível apenas pelo viés funcional de transmissão de informação, mas, também, pela compreensão da necessidade humana de comunicação e das questões estruturais e políticas que norteiam a vida social.

O objeto empírico apontado, quando pensado no seu dizer, tenta ter lugar coerente com tal contexto, com a compreensão indispensável do que ocorre quando ainda estão presentes fraturas ou desequilíbrios sociais e é preciso fortalecer a capacidade cooperativa dos agentes sociais, da crença ou da esperança no poder do partilhar, das relações de seres humanos e da necessidade de que experiências dialógicas construam pontes entre culturas.

Abarca esse esforço a ideia de que, “mesmo que aceitemos que a tecnologia não traz automaticamente os benefícios que seus acérrimos entusiastas sugerem, permanece válida a questão sobre até onde podem ser maximizados os seus benefícios” (BUCKINGHAM e BLOCK, 2007:2).

Acentua-se, então, que, “nesse sentido, os meios digitais funcionam não apenas como um ambiente para busca de conteúdos ou troca de informações, numa base imediata e global, mas também, sobretudo, para expressão de afetos que suprem demandas da espécie” (Santos, 2007, *apud* MENEZES, 2009:10). Assim, dentre essas demandas, “a vinculação, sem dúvida, é uma das principais” (Restrepo, 1998, *apud* MENEZES, 2009:10).

Em termos de objeto teórico deste esforço acadêmico, a conversação com Vilém Flusser é foco essencial. Sustenta, ainda, o caminho teórico percorrido, premissas ou noções

que passam pelo contexto da complexidade (MORIN, 1979, 1999), da estética da comunicação (MARTINO, 2007) e das posturas epistemológicas compreensivas (KÜNSCH, 2008, 2010).

Um recorte culturalista da comunicação se afirma. Reforça-se a dinâmica de pensar a comunicação como cultura, como cultivo, uma vez considerado o sentido etimológico da palavra que nos remete à ação de cultivar. A cultura se constrói mediante comunicação. “Comunicação e cultura constituem-se, desse modo, em esferas indissociáveis. É impossível pensar a comunicação humana sem a vertente histórica dada pela cultura” (BAITELLO JR., 2005:8).

A comunicação, que etimologicamente nos remete ao sentido do pôr em comum, do compartilhar ou compartilhar, parece então se consubstanciar em processo de interação de seres humanos que vai além da transmissão de informações. Há intenção, assim, de se pensar em aspectos simbólico-existenciais dos processos comunicacionais, no seu sentido e uso, no seu significado admitido no contexto do vivido e também das estruturas cognitivas inatas, superando a ideia de redução da comunicação a modelo informacional, funcional, linear.

Tenta-se, então, abrir caminhos que possam determinar a chance de compreender a natureza humana da comunicação, observada não pela função do modo como ocorre, mas do por que ocorre. Condição assim parece haver para a consolidação da ideia de criação de ambiente na comunicação, em vez de mera conexão. Compreender a comunicação como processo, como fenômeno em movimento e não apenas preso a um modelo estático. Comunicação é processo, é movimento, é vida. Compreender, enfim, a teoria da comunicação como fenômeno a ser interpretado mais do que explicado.

Assim, a comunicação parece constituir-se como questão estética, ou seja, fundada sobre o mundo do sensível. “A estética é o local da produção do sentido” (MARTINO, 2007:14). E “o sentido de uma Estética da Comunicação refere-se à elaboração de uma metodologia centrada no sujeito, no ato intencional da consciência comunicativa, do qual a sensibilidade artística é apenas uma parte” (MARTINO, 2007:13).

O pensamento complexo é pressuposto observado neste esforço acadêmico, pois “faz da vida um sistema de reorganização permanente fundado sobre uma lógica da complexidade” (MORIN, 1979:27). Convém ainda esclarecer, seguindo Morin, que “existe complexidade quando são inseparáveis os componentes diferentes constituindo um todo (como o econômico, o político, o psicológico, o afetivo, o mitológico)” e que “existe tecido interdependente, interativo nas partes e no todo, no todo e nas partes” (MORIN, 1999:14).

Admite-se o pensamento complexo de Edgar Morin, a evocar, conforme o termo latino *complexus*, “o que foi tecido junto” (MORIN, 2000:38, *apud* KÜNSCH, 2008:49), o que “tece e entretece sentidos”, abraçando assim a prática da comunicação como compreensão, que visa a um entendimento com o outro. Compreender “vem de *comprehendere* e evoca originalmente a ideia de juntar, abranger, abraçar” (KÜNSCH, 2007:58).

Ademais, “o mundo social não pode ser entendido sem a comunicação com o outro” (KÜNSCH et al., 2010:7). A comunicação está na base estruturadora da sociedade. “[...] A consciência da necessidade de estabelecer relações com os indivíduos que o cercam é o início, para o homem, da tomada de consciência de que vive em sociedade.” (MARX, ENGELS, 2005:57.)

Impõe-se, então, o desafio epistemológico de entender o outro, a abertura ao outro. Entender o outro talvez na forma como aponta Martin Buber (2003) em sua obra *Eu e tu*, que torna a vinculação um fenômeno a envolver o outro como um “tu” e não como uma “coisa”. Nessa perspectiva, pensar a comunicação no universo de oportunidades de estabelecer relações e de construir interação, cooperação e vínculo talvez implique dirigir atenção também à necessidade de valorizar mecanismos que contribuam para não debilitar potencialidades humanas e de observar extensivamente a realidade.

Nessa temática da compreensão, o avanço na reflexão se estabelece em contexto que envolve embate do “signo da compreensão” *versus* o absolutismo do “signo da explicação” (KÜNSCH, 2008:45). Valoriza-se, conforme Sodré, na mirada investigativa no campo específico da comunicação, o que “está aquém ou além do ‘conceito’, nesse amplo território do que não se contenta em ser enquadrado na ‘medida racional’” (SODRÉ, 2006, *apud* KÜNSCH, 2008:48). Opera-se a tentativa de fuga do reducionismo e da simplificação.

Procura-se afirmar, então, o pensamento da compreensão e da complexidade que, “menos dado às substâncias que às relações e buscando uma ontologia relacional, repropõe para o conjunto dos saberes humanos, reconhecidos ou ignorados, o projeto de exercício de tantas rupturas quantas necessárias para uma aproximação entre eles” (KÜNSCH, 2008:51).

Nesse âmbito, o tema da compreensão humana ganha destaque. A comunicação certamente pode servir para a melhor compreensão entre seres humanos. Seres que se comunicam para dar sentido à vida.

Parece possível estabelecer um contexto de experiência dialógico-criativa, realidade essencialmente humana. O sentido do conversar para se entender, “o conversando a gente se entende”, também parece possível prevalecer. E ainda o conversar que busca o entender, talvez viabilizado quando consideradas as oportunidades e potencialidades tecnológicas, as

condições estruturais suscetíveis de maximizar os seus benefícios diante da necessidade humana de se comunicar, de estar mais bem preparado para dialogar criativamente.

Fica potencializado o sentimento de que “uma voz só nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência” (BAKHTIN, 2005:257).

Na contemporaneidade, de maneira cada vez mais rápida, novos desenvolvimentos tecnológicos potencializam caminhos para novas possibilidades de comunicação, o que parece poder levar a mais oportunidades de relação, de encontro com o outro.

Ao admitir o necessário contexto dialógico-criativo na comunicação humana, é interessante talvez considerar a ideia de que não se mede a criatividade apenas pelo que se produz, mas também pela maneira de questionar e analisar o mundo em volta, de “tomar consciência do mundo e de nós mesmos” (BAITELLO JR., 2008:30).

Não perder o sentido de humanidade parece ser questão decisiva em nosso tempo. Isso implica compreender o propósito da comunicação na busca que envolve o espaço para a liberdade, num mundo com intensos processos midiáticos, com crescentes aparatos técnicos de mediação que, certamente, provocam alterações na forma de vivenciar, conhecer, valorizar e agir na sociedade.

É importante, então, não perder o sentido de observação do cotidiano, da dimensão da vida; da complexidade que envolve o real em que está imerso o ser humano e do encontro com os elementos simbólicos que viabilizam o seu espaço social; das condições concretas de existência que configuram os significados próprios de cada experiência de vida; dos procedimentos da influência.

Assim, está-se diante de um desafio com que lidar: o de rever como pensar, aprender quais são as rupturas em curso na atualidade, buscando, sobretudo, compreender os processos comunicacionais com uma análise que considere, na sua amplitude e complexidade, a importância da comunicação e a percepção da informação como necessidade do ser humano, recurso social e, também, causa pública vinculada a uma concepção política.

Parece, sim, conveniente, seguindo John B. Thompson (2011), buscar elementos que possam conduzir-nos para uma concepção que denote abandono da ideia de que os meios de comunicação servem para transmitir mensagens e informação e observar que seu uso implica a criação de novas formas de ação e interação na sociedade.

Novas formas de ação que permitam valorizar o ser humano em termos da sua necessidade – necessidade antropológica fundamental (WOLTON, 2002) – e mesmo do seu direito de se comunicar para fugir da solidão, para combater a fugacidade da existência, quando considerado o papel das tecnologias da informação e comunicação que condicionam,

por sua centralidade, a vida humana. A tecnologia por si não pode, então, determinar o foco da comunicação. A dimensão humana há que ser considerada.

A tentativa de oferecer aporte ou pressupostos com os quais as interpretações se conformam, que sedimenta o pensamento de Flusser como *corpus* teórico deste esforço acadêmico, procura acentuar a perspectiva em termos de abordagem fincada na influência de aparatos tecnológicos no ambiente digital, na comunicação como forma de atingir um todo, na comunicação que não vem só da tecnologia, mas do encontro do humano.

Observa-se assim que, “segundo Hoffmann, Flusser, orientado pelas ciências humanas, desenvolveu uma estética dos *media* que ‘não se dedica aos conteúdos dos *media*, mas às questões da percepção estética e baseada nos sentidos na era dos *media* tecnológicos” (HANKE em CARAMELLA, 2009:76).

Além disso, as transformações ocorridas no mundo da comunicação na contemporaneidade, com evolução tecnológica que vem do analógico para o digital, fixaram a prevalência das imagens, da disseminação de um fazer fotográfico, mais especificamente de imagens produzidas mediante uma técnica por sua vez produzida por um aparelho, ou seja, “imagens técnicas” como as citadas especificamente por Flusser.

Teorizou Flusser sobre o “universo das imagens técnicas” (FLUSSER, 2008) com seus aparelhos e sobre questões vinculadas à imagem e à mídia no contexto de um “mundo codificado” (FLUSSER, 2007). Pensou na comunicação humana, na tensão entre discurso e diálogo. Voltou-se para a dimensão existencial da vida humana. Ele não viveu o suficiente para presenciar os avanços da tecnologia na atualidade, tendo falecido em 1991, mas enxergou à frente e quis discutir as profundas mudanças que os avanços causariam no comportamento das pessoas. Flusser “assumiu cedo e sem quaisquer reservas o desafio de um futuro moldado pela mídia” (STRÖHL, 2000:58-59, *apud* HANKE, 2003:65).

Chegou Flusser a fazer referência à perspectiva de mudança de uma sociedade do conhecimento econômico para uma sociedade da informação, definida como ideal e considerada “Sociedade Telemática” (FLUSSER, 2008), na qual a informação seria gerada na forma dialógica e não na direção de modelo linear.

Ter Flusser como referência teórica representa uma tentativa de enquadramento, no contexto da contemporaneidade, do predomínio de linguagens virtuais e digitais, da Internet e das redes sociais de hoje, do olhar e do pensar por meio de aparatos ou aparelhos e da expansão de um vasto campo de relações que envolve o tema mídia e comunicação e que passa por questões políticas, culturais e de mercado. Representa, portanto, salientar uma

opção pela Teoria da Comunicação que permita “não confundir o leque de matizes afetivos da vinculação com a simples troca de informação” (CHIACHIRI, Filho et al., 2012: 25).

Em termos mais objetivos no que respeita ao estado da questão, a teoria sobre a comunicação humana de Flusser, por ele denominada “comunicologia”, serve de caminho teórico fundamental. Ela trata das formas e códigos da comunicação humana e “é definida como processamento, armazenagem e divulgação de informação já existente, assim como a criação de nova informação” (HANKE, 2003:65).

Nesse particular, o destaque se consolida no seu texto intitulado *O que é comunicação?*, inserido no livro *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação* (FLUSSER, 2007), em que aborda a noção de Comunicação que considera duas vertentes decisivas: Comunicação Discursiva e Comunicação Dialógica.

A escolha do referencial teórico afirma-se pela determinação de um caminho metodológico calcado no sentimento de um campo de conhecimento plural que permite relacionar conhecimentos pela via aberta do uso de competências e métodos de outras disciplinas. Tem-se em mente, também, que uma só teoria pode não ser suficiente para o entendimento da comunicação, o que nos leva a consagrar a base teórica como uma chave, uma lente, mas não uma lente adequada a todos os tipos de relato. Afinal, a comunicação é, evidentemente, um processo, algo que está acontecendo.

Seguindo de certa forma na direção do estabelecido por Flusser no que considera ser essencial para o estudo da teoria da comunicação (FLUSSER, 2007b: 206), fixam-se degraus no método de investigação, que passa, então, pela noção que ele tem de comunicação humana, por suas formas de investigação e compreensão e por sua busca, no âmbito do possível, de caminhos para o objetivo na maneira que adotou.

Na perspectiva de método qualitativo, a pesquisa bibliográfica, bem como a análise institucional ou de forma e a mensagem do caso concreto indicado no contexto do corpo empírico do trabalho, consolida-se no conjunto de procedimentos de pesquisa.

A estrutura do trabalho compreende, em suma, uma abordagem que, além da introdução e das considerações finais, inclui três capítulos assim ordenados: 1 – A Centralidade da Comunicação; 2 – *O Global Voices*: discursos e diálogos; 3 – A Comunicologia de Vilém Flusser. Sociedade programada e sociedade criativa.

No desenvolvimento dos capítulos são dados passos iniciais na tentativa de compreender a dimensão da centralidade da comunicação na contemporaneidade. Isso implica considerar a proeminência, o papel também central dos meios de comunicação e da cultura das imagens, do visual.

A vertente seguinte abrange abordagens específicas que privilegiam os objetos empírico e teórico da pesquisa, no propósito de salientar a singularidade do ser humano que, sendo capaz de produzir e armazenar informação, acrescenta a isso a intenção de transmiti-la. Nesse contexto, os desdobramentos se dão em termos de sociabilidade e em novas dimensões da cultura com o advento do ambiente digital.

A reflexão que se estabelece tenta considerar sentido de uma alternativa viável de existência em liberdade, de estar no mundo e refletir sobre ele, de consubstanciar a presença essencialmente dialógica do humano, que implica trocas de informação na sociedade, afirmando um resíduo humanista revestido da capacidade que tem o ser pensante de criar coisas e renovar-se sem cessar.

Ademais, observam-se os determinantes tecnológicos e a autonomia do agente humano na perspectiva de transformações decisivas que afirmam um contexto de centralidade da comunicação. Espaço é aberto para manifestações de indignação. Procura projetar-se no futuro operando em um contexto de exame da potencialidade humana para criar, fazer o novo, suscitar a diferença, concretizar também através de aparatos midiáticos, a produção de uma realidade que dê sentido à vida.

Procura-se, enfim, compreender a dimensão de uma condição de transformação cultural contemporânea, que chega a ser caracterizada como mais uma revolução na comunicação, a dos ambientes digitais, manifestada em torno de uma estrutura na qual se vislumbra a perspectiva de superar a concepção de audiência passiva, de usuário passivo dos meios de comunicação, passando a uma estrutura comunicativa em que reina a audiência ativa, com usuário ativo que atue como receptor e emissor.

Mais do que obter respostas, há neste esforço acadêmico um propósito de compreender o que ocorre no mundo considerando a comunicação humana e, assim, os processos comunicacionais observados no âmbito da incerteza, da imponderabilidade e da imprevisibilidade. Mais do que concluir, em um campo com estrutura marcada por diversas variáveis, cabe configurar espanto, estar aberto para o novo, para a contínua compreensão da realidade mutável tendo por pano de fundo a esperança.

Dado o sentido de densidade que se envolve no contexto levado a efeito neste desafio de pensar a comunicação humana, há que afirmar, seguindo o ensinamento de Morin, o universo de uma das “convicções do pensamento complexo: a incompletude, o inacabamento e a parcialidade de todo o conhecimento” (ALMEIDA, 2004:2).

É instigante estudar a Comunicação. Ela se configura realmente como “um fascinante campo de estudo que vale a pena ser conhecido e estudado” (LIMA, 2001:24).

CAPÍTULO 1 – A CENTRALIDADE DA COMUNICAÇÃO

Parece clara a consagração de lugar proeminente, central, da comunicação em nosso mundo. Parece evidente que o papel por ela desempenhado é decisivo em todas as dimensões da vida humana.

Martino (2010) assegura tal condição de proeminência fixada no sentido de uma preocupação central: o pensar as relações sociais a partir da Comunicação.

Destaque é oferecido, então, na direção da amplitude da comunicação quando considerada sua presença no cotidiano, da sua condição estratégica em termos de dominação e instrumento de resistência, de estrutura principal das atividades humanas, que leva a definir o modo como as pessoas se relacionam, como entendem a si mesma e ao mundo onde vivem (MARTINO,2010).

Na contemporaneidade, o campo da Comunicação passa a despertar atenção em termos sociais e culturais, num contexto onde paradigmas foram quebrados em razão de diversos mecanismos tecnológicos. Onde as distinções entre interesses do público e do privado, local, nacional, regional e internacional têm diminuído e a noção geográfica de audiência segmentada tem se tornado problemática.

O mundo conforma-se na sua interdependência. Mais e mais problemas mundiais tornaram-se problemas de toda a humanidade. “Em nossa era planetária os problemas estão cada vez mais ligados uns aos outros” (MORIN, 2011:149).

Parece mesmo evidente

que o mundo hoje é conformado por diversas dimensões. Fala-se do global, nacional, regional e local. Eles configuram este mundo novo e atual. Não há possibilidade de que alguma dessas esferas possa se realizar em plenitude ficando isolada, sem se relacionar com as outras. Um breve comentário acerca de cada uma delas surge como itinerário obrigatório. (RUBIM, 2007:116)

E a comunicação, certamente, tem papel preponderante neste contexto.

Com a comunicação a humanidade tem hoje maiores condições de explorar, aprender e descobrir o próprio mundo. O desenvolvimento tecnológico vem alterando a nossa compreensão do mundo e a nossa própria percepção sensorial. Povos e indivíduos podem vir a compreender uns aos outros e fortalecer laços sociais. A comunicação permeia todos os

aspectos do nosso viver. “É voz corrente a afirmação de que estamos inseridos em uma civilização da comunicação” (SANTAELLA, 2010:11).

Na contemporaneidade a aceleração do tempo histórico ocorre num processo alimentado por profundas transformações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas. Tempo e espaço são comprimidos. “A distância-tempo vai sendo abolida pelos diversos meios de comunicação e telecomunicação, e a arquitetura urbana passa então a relacionar-se com a abertura de um espaço tempo tecnológico” (VIRILIO, 1993:10).

Denotada fica a existência de articulação entre avanços na tecnologia e modos de comunicação. Fixada parece ficar a noção de que podemos ter grau de interações que passam por contatos pessoais e também mediados por artefatos, a evidenciar necessidade de devida atenção à natureza interativa da técnica e o significado neste contexto das relações comunicativas.

Desta forma, constitui referência exemplificativa os blogs, uma comunicação mediada por computador, inserida no âmbito de comunicação planetária, via redes de teleinformática, no universo de *Websites*, da blogosfera.

Ou seja, um fenômeno compatível com a fase atual da sociedade tecnológica, que se afirma na estrada das mutações da comunicação contemporânea, com sua complexidade e velocidade, no ambiente midiático de tecnologias digitais de vanguarda que promove quebras de paradigmas vinculados a uma época exclusiva de meios de comunicação ditos tradicionais – jornal, cinema, rádio, televisão. Espaço é dado, então, ao que parece, a se pensar nas relações sociais no espaço virtual. E o *corpus* empírico do presente esforço neste contexto se afirma.

Leva-se em conta que o “indivíduo é uma consciência-em-relação, um ser-no-mundo...um elemento em relação e, portanto, em comunicação” (MARTINO,2007:12,13).

O indivíduo se define a partir de suas relações de comunicação, em sua sensibilidade (*aisthesis*) para organizar e reorganizar os fluxos contínuos de mensagens e se definir em relação a eles, bem como, aos outros indivíduos, em uma seleção dos eventos comunicativos, dos signos, das mensagens. (MARTINO, 2007:9)

A comunicação parece se constituir num tema tão comum para o ser humano enquanto um ser simbólico. A sua condição sociável e, sobretudo, o papel decisivo da comunicação, certamente reforça na sua amplitude o caráter que discerne o homem de outros animais, que o consagra como único em meio de outros animais gregários.

Neste contexto, parece que a centralidade da comunicação se afirma na contemporaneidade, denotada pela proeminente presença dos meios de comunicação, da mídia, das estruturas técnicas de transmissão de linguagens e informações. “A profusão de mídias é hoje de uma tal dimensão, sua participação social e individual tão onipresente, que as mídias acabam produzindo o efeito de fetiche” (SANTAELLA in CARAMELLA et al., 2009:69). A centralidade da mídia se configura. Um mundo mediado por tecnologias de comunicação toma os seus contornos.

Parece evidente o contexto de onipresença das mídias. “É claro que as mídias são hoje onipresentes” (SANTAELLA, 2009:63 in CARAMELLA et al., 2009).

1.1 - Comunicação, tecnologia e sociedade

Certamente, então, há de ser considerada a relação fundamental entre comunicação, tecnologia e sociedade. Parece ser possível avançar e considerar, assim, dentro da relação sistêmica entre comunicação e cultura, também o papel da tecnologia. “As mídias, as artes e a tecnologia se encontram nas significações da cultura” (MARTINO, 2007: 157).

Aliás, revoluções culturais parecem mesmo ser registradas quando do advento de tecnologias midiáticas que trazem novas possibilidades de lógicas comunicacionais.

Assim como a prensa manual (no século XIV) e a fotografia (no século XIX) exerceram um impacto revolucionário no desenvolvimento das sociedades e culturas modernas, hoje estamos em meio a uma revolução nas mídias e a uma virada nas formas de produção, distribuição e comunicação mediadas por computador, que deverão trazer consequências muito mais profundas que as anteriores. (SANTAELLA, 2009:67 in CARAMELLA et al.,2009)

Uma multiplicidade de mídias estabelecidas de forma historicamente sem precedentes em razão de significativos avanços tecnológicos, notadamente hoje na perspectiva do ambiente digital, se afirma no cenário contemporâneo. Processos midiáticos parecem reconfigurar e determinar a centralidade da comunicação.

Caminhos se abrem com novos modos de comunicação, com várias plataformas midiáticas, e pelas quais as experiências do viver são influenciadas. As mídias direcionam

profundas questões do nosso tempo. Observa-se a sua presença em todas as dimensões da vida social. Na família, na educação, no trabalho, no entretenimento, enfim, hoje é possível que se cresça cercado por meios de comunicação. Parece que nos encontramos em uma revolução comunicacional em escala planetária sem precedentes.

Assim, configurado parece ficar uma condição de dependência dos meios de comunicação que estão a reger vidas e as instituições configurando uma estrutura primária a dar sentido ao mundo e o nosso lugar nele.

Enfim, parece que estamos a viver uma situação onde a comunicação mediada de alguma forma nos conduz a sentimento de que não é mais possível escapar do mandado da comunicação na forma em que se apresenta.

Isto poderia certamente caracterizar o que observa Sfez (1994:21), ao abordar que todas as tecnologias de vanguarda enraízam-se num único princípio: a comunicação. Parece certo, então, admitir e reafirmar que “jamais, na história do mundo, falou-se tanto em comunicação” (SFEZ, 2007:9).

O desenvolvimento da comunicação humana, assegura Norval Baitello Junior, exigido pela “expansão de seus limites e fronteiras, provocada pela sofisticação e complexificação das sociedades humanas trouxe consigo a busca de novas e mais eficientes tecnologias” (BAITELLO Jr.,2005a:75).

Nesse contexto, parece clara a importância de que o aspecto tecnológico que se estabelece em torno da comunicação possa ser devidamente considerado. Entretanto, quando fundamentalmente observada na sua essência a comunicação, parece ser relevante não apenas esse foco determinado, mas, também, o seu impacto na sociedade, que é formada, como sustenta Morin (2007), pela interação que se dá pela comunicação.

Somos levados a observar a comunicação em perspectiva que a revela como uma questão de cultura. Na dinâmica de pensar a comunicação como uma cultura, como cultivo, uma vez considerado o sentido etimológico da própria palavra que nos remete à ação de cultivar (do latim “*cultus*” = cultura, ação de cultivar”).

A tecnologia parece determinar um grande êxito da comunicação. A questão, no entanto, parece ser como transformá-la em um grande êxito para todos os seres humanos. Dores humanas persistem em escala global.

A cada dia, entretanto, avança o processo de aperfeiçoamento dos recursos, das técnicas e das possibilidades de um ser humano comunicar-se com o mundo. Aventada, neste contexto, fica uma transformação da sociabilidade (CASTELLS, 2001:155).

Formatos inovadores de mídia, cada vez mais tecnologicamente aprimorados, e numa velocidade até mesmo estonteante denotam potencial para viabilização de maior interação social. Suportes tecnológicos surgem como capazes de permitir ao ser humano dispor de condições de acesso a informações de maneira célere, instantânea e até mesmo fora de padrões de controle antes reservados a um modelo funcional de comunicação, de um para muitos, fundado nas chamadas mídias tradicionais.

A internet é festejada como um meio essencial de comunicação que atinge muitos, que atinge o planeta, de forma sem precedente (CASTELLS, 2007). A complexidade do processo comunicativo manifesta-se.

Parece que há uma clara dimensão de situação complexa e sistêmica (MORIN, 1979, 1999), que está bem além do escopo de uma mera imagem que possa nos livrar de seu fluxo incessante. A questão relativa ao processo de digitalização se impõe. Sinais de comunicação estão no ar. É possível que capturemos esses sinais à distância, à longuíssima distância, por meio de um equipamento, de um aparato tecnológico.

Tecnologias digitais impõem ritmo acelerado de transformações e uma condição de instabilidade em todos os sistemas que compõem o nosso estágio civilizatório.

Mudanças rápidas e constantes, de forma nunca antes experimentada, tornou-se o ambiente dominante em todas as esferas da vida. Um ambiente de rede, com uma profusão imensa de “nós”, se estabelece. Castells indica categoricamente o sentido de uma “*Sociedade em Rede*” (CASTELLS, 2005): “A Internet constitui atualmente a base tecnológica da forma organizacional que caracteriza a Era da Informação: a rede” (CASTELLS, 2001:15). Novos ambientes comunicacionais afirmam-se com o predomínio das linguagens virtuais e digitais.

Esse contexto precisa, é claro, ser estudado, e bem estudado, até mesmo, pelo que parece, para a fuga das visões reducionistas, da superficialidade dos rótulos tais como meros “a favor” ou “contra” ou da simplificação de agendas que envolvem o estudo das mídias, tornando-as irrelevantes ou insolúveis e que no fundo parece indicar proposital caminho para o “desinformar”.

A vertente contemporânea de Comunicação *online*, viabilizada pela revolucionária tecnologia digital, consolida-se neste contexto. Vislumbra-se perspectiva de dinâmica mais aberta e participativa no jogo da interação, especialmente no que concerne ao manuseio e a capacidade de reunir e processar informação.

Ademais, necessário talvez seja não esquecer de que ao mesmo tempo em que se celebra nestes atuais ambientes de troca de informações uma maior possibilidade de concretização de uma sociedade aberta, de exercício de liberdade, de liberdade de expressão,

de livre trânsito de informações, presentes também estão preocupações com as possibilidades permitidas para alternativas vinculadas a contradições a envolver, por exemplo: o contexto de diversidade cultural e monismo cultural; a utilidade para liberar como também para reprimir; para unir, bem como, fragmentar cultura e sociedade; para ações do bem e também para ações nefastas e criminosas.

As estruturas que fundamentam diferentes âmbitos de comunicação mediados por aparatos tecnológicos passam a ser questionadas na medida da sua dimensão global, diante de dúvidas estabelecidas em torno de temas como controle, alcance, acesso e uso.

Estamos a viver em uma era dita de “abundância” de informações, de “explosão da informação” (BAITELLO JR., 2005), graças a avanços tecnológicos ou mais precisamente aos avanços proporcionados pela tecnologia digital.

A integração de mídias na atualidade tem contornos revolucionários. A convergência midiática é fenômeno tecnológico digital que viabiliza “o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia” (JENKINS, 2009:29). Como assinala Jenkins, estamos a tratar da “cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras importantes” (JENKINS, 2009:29).

Com o quadro de constante transformação de ambientes midiáticos, com a importância da Internet, observam-se intensos movimentos de adequação de mídias tradicionais em torno da realidade de contexto interativo e imersivo digitalmente instituído. Desta forma, verifica-se que “uma mídia não elimina as anteriores, mas pode deslocá-las, alterá-las e mesmo incorporá-las” (CHIACHIRI F^o et al, 2012:28). Observa-se que “a convergência digital reduz as barreiras materiais, permitindo a unificação de telefonia, radiodifusão, computação e imprensa escrita” (SODRÉ: 17).

A informática, “complexo computação/informação/comunicação” (MORIN, 2011:173), impõe-se como cultura dominante, um novo paradigma, do atual estágio do capitalismo. Se nos detivermos, então, à lógica mercantil na forma prevalente na contemporaneidade, a uma concepção da estrutura de mercado, como já observara Joseph Schumpeter (1942) em meados do século passado, a chegada de novas tecnologias destrói velhas empresas, antigos modelos de negócios e até mesmo profissões, em um contexto de destruição criativa, fundada em inovações contínuas, que faz com o que o capitalismo funcione na sua dinâmica de formação de mercados consumidores e geração de inovações.

Significativas implicações sociais se estabelecem. Processos comunicativos descentralizados fixam-se em condição contrária àquela consagrada pela hegemonia dos

tradicionais meios de comunicação. Passamos a falar sobre convergência de mídias, plataformas multimídias e da convergência de muitos diferentes tipos de códigos e linguagens. Passamos a falar de cibercultura e de ciberespaço. Passamos a falar da predominância da imagem, da imagem técnica.

1.2 - Comunicação e imagem

Na contemporaneidade, parece ser preciso também refletir sobre o lugar e o papel da imagem, quando estamos a tratar de comunicação, da sua centralidade, da ampliação de leque de opções para o estabelecimento de vínculos comunicativos.

A condição contemporânea é muitas vezes também descrita como um universo cercado, bombardeado por imagens. Formas culturais contemporâneas se estabelecem em razão de uma dinâmica que chega ao contexto da imagem visual. A importância da imagem na contemporaneidade parece se constituir em questão a merecer mesmo devida atenção, diante de evidências de um “gigantesco e onipresente universo das imagens” (MENEZES, 2012:27). É possível admitir “que o planeta se unifica quase à força no fluxo global de imagens e sentidos” (MARTINO,2007:9).

Pelo que se observa, há determinação de papel central da imagem na contemporaneidade. O fluxo global de imagens que se verifica parece mesmo consagrar o mundo como um sistema interativo, sem precedente histórico diante da ordem e intensidade que se determina. A possibilidade estabelecida de transmissão de imagens em escala planetária de maneira simultânea parece fixar uma marca da contemporaneidade.

Quando considerada a comunicação na sua amplitude e complexidade, esta questão vinculada à proeminência de práticas comunicacionais visualmente estabelecidas, pela dimensão em que se apresenta, parece não poder ter permanência periférica ou marginal no campo dos estudos da Comunicação.

A cultura da mídia na contemporaneidade determina um significado tecnológico na comunicação que vem alterar drasticamente os modos de comunicação do ser humano permitindo avanços no sistema social. Práticas culturais parecem determinar operacionalização mediante uso de dispositivos tecnológicos. Vínculo entre cultura e tecnologia se fortalece. A cultura da imagem, do visual, parece tonar-se também central.

Hoje dispositivos técnicos velozmente nos interconectam ao mundo com intensiva proliferação de imagens, um turbilhão de imagens produzidas em massa, no espaço virtual, no ciberespaço. “Imagens que se impõem em contexto de ‘superfícies sobre superfícies’, carentes dos conteúdos e significados dos tempos e espaços humanos, dos contextos históricos e culturais” (KUNSCH, 2007:55).

Na constatação de uma centralidade da comunicação na contemporaneidade, evidenciada pelo papel central da mídia, com a proliferação de meios de comunicação determinada pela tecnologia, uma cultura da imagem se estabelece. Assim, novas práticas comunicativas se impõem vinculadas ao progresso tecnológico contribuindo para redefinição de muitos aspectos da sociedade contemporânea.

Aliás, O próprio desenvolvimento dos meios de comunicação, a rápida e ascendente absorção das tecnologias da comunicação na sociedade, talvez mesmo venha a se constituir em fatores determinantes para o interesse nas pesquisas, na produção teórico-investigativa, bem como, para a crescente instituição que se observa historicamente em escala global de cursos acadêmicos voltados para estudos da mídia e comunicação, no patamar em que se apoiam os clássicos estudos de mídia na contemporaneidade.

Parece possível, então, observar que o estudo da Comunicação, determinado pela evidência da mídia, toma forma mais estruturada nos primórdios do século 20 e se consolida ao longo deste mesmo século “como um ponto de convergência de interesses e de originalidade de nosso tempo” (MARTINO, 2006:6).

De acordo com Luiz C. Martino (2000,2006), já a partir da segunda metade do século XVIII, em razão de acentuadas transformações culturais (religião, sociedade, política, economia, técnica...) e sob o impacto da emergência dos modernos veículos de massa, numa trajetória que vai da invenção dos tipos móveis em metal até seu emprego regular e sistemático com os periódicos cotidianos do final do século 19, se observa o despertar de interesses para discussões a respeito da comunicação em razão de papel de novidade que assume e foco de atenção social. Evidenciado fica, entretanto, que o “verdadeiro debate se instaura junto mesmo com a consolidação da imprensa ainda na primeira metade do século XIX, quando é cunhada a expressão de ‘quarto poder” (MARTINO 2006: 6).

Neste contexto de interesse despertado por novas práticas comunicativas, Luís Mauro Sá Martino (2010:19) sustenta que “após um primeiro momento de perplexidade, cientistas sociais, filósofos e psicólogos se debruçaram sobre a Comunicação para tentar explicá-la” e se observa mesmo a emergência de estudos evocados como pioneiros no início do século 20. Um sentido de centralidade da mídia parece mesmo se afirmar, e com ela a força da imagem.

1.3 - Comunicação e ambiente midiático

E se de mídia estamos a nos preocupar, Thomas Bauer diz que falar sobre mídia, não significa estar “falando sobre um objeto que é algo em si mesmo. A mídia só é mídia se a usamos ou pensamos sobre o seu uso... A mídia não é somente uma organização, um sistema, ou um *apparatus*, a mídia é o uso da mídia” (BAUER, 2012:2). Bauer, assim, ressalta a prática social da comunicação em um ambiente midiático, ou seja, em sentido que abarca análise da comunicação como experiência cultural. Reafirma, então, a importância da conectividade entre comunicação, sociedade e cultura.

Constata Bauer: “Não podemos falar em sociedade sem falar em comunicação e cultura; não podemos falar em cultura sem falar em sociedade e comunicação; e não podemos falar em comunicação sem falar em sociedade e cultura” (BAUER, 2012:3).

Dessa forma, reforça entendimento que evidencia a ideia de considerar o que chamamos de mídia como um modelo teórico mais complicado, complexo e integrado, que não permite simplesmente ser considerado apenas como “algo que podemos observar como um objeto diante de nós” (BAUER, 2012:2). A mídia é um ambiente de prática social. “Não temos uma sociedade que acontece fora de nossa observação, ela se dá à medida que a observamos e, ao mesmo tempo que usamos essa observação culturalmente de acordo com a prática social da comunicação” (BAUER, 2012:3).

Estamos a falar da prática social, o que implica em admitir, então, mudança social, que não é um objeto, mas, sim, “uma concepção de observação: nossa sociabilidade, ou a sociedade, ou o que todos nós chamamos de social” (BAUER, 2012:3).

Ao observar a comunicação em contexto que gera cultura, fortalecida está a admissão do seu sentido acolhedor. Parece ser possível, então, consagrar uma vinculação que cria cultura, cuidado e gera afeto. Afeto, aí, considerado na sua conotação mais ampla de se estar afetado, atingido, vinculado. A dinâmica do desequilíbrio, desentendimento, da discórdia, certamente alcança também o sentido da comunicação. E é conveniente evitá-la. Parece também ser evidente que na cultura não conseguimos fazer mudanças rápidas. Trata-se de um processo de construção humana.

Assim, se estamos a pensar em estudos da comunicação, na perspectiva de possíveis consequências presentes e futuras, parece que cabe, então, refletir sobre a noção de Kamper relativa ao “olhar crepuscular (dividido em duas luzes)”, ressaltada por Norval Baitello Jr.(2005), que nos leva à possibilidade de ver salientado que o nosso olhar está acostumado

pela cultura e, há momentos, por exemplo, em que não há luz ou há menos luz do que estávamos acostumados.

Admitir que o crepuscular nos leva a pensar no que não é nítido, no que é misturado. Trata-se assim do que é próprio de quem está vendo e não está vendo. Às vezes, parece ser possível admitir que nós tentamos iluminar tudo e não pensamos no contexto do crepuscular. Não lembramos que o mundo é misturado, é complexo.

Assim, “pensar hoje a comunicação sob o viés da cultura exige o sentido da responsabilidade de sonhar também os pesadelos, para que eles não nos assolem sob a forma de monstros reais na vigília do dia seguinte” (BAITELLO JR., 2005:10).

Por outro lado, ao ser destacada a condição humana em todo esse processo, a admissão das experiências de vinculação presentes de forma decisiva na comunicação, a presença do ser humano, na sua essência de corpo com todos os seus sentidos prontos para a comunicação, claro fica a importância de que seja considerada também a perspectiva que passa pelo âmbito da antropologia.

Seguindo na direção evidenciada em uma construção antropológica do mundo, a condição humana parece mesmo nos encaminhar para uma necessária busca de sentido pelo que está a ocorrer, opondo resistência a uma ordem determinista; à ideia de progresso linear; ao progresso técnico inexorável, quase natural; às amarras opressoras da linearidade histórica; à ideia de observar, apenas observar e contemplar o que se celebra como uma mera marcha do progresso, do avanço previsível do inferior ao superior, do simples ao complexo.

Incorporado o contexto de complexidade, diante da prática social da comunicação em um ambiente midiático, ou seja, em sentido que abarca análise da comunicação como experiência cultural, e que reafirma a importância da conectividade entre comunicação, sociedade e cultura, parece ainda ser interessante observar que há um contexto histórico a considerar.

Até aqui as referências foram feitas salientando o ambiente da contemporaneidade, marcado pela centralidade da comunicação, pelos aparatos midiáticos disponibilizados no contexto do paradigma digital. O que se tem hoje, porém, não pode determinar a ideia de que tudo começa agora quando estamos a cuidar de compreensão de aspectos do fenômeno da comunicação.

Há, certamente, o contexto histórico a considerar. Há um caminho a considerar, um caminho de vida, um caminho de vida humana a considerar. Parece claro que os seres humanos naturalmente sempre procuraram ferramentas para construir e ampliar ambientes de interação.

Parece ser possível admitir, assim, o desenvolvimento humano vinculado a marcas do contexto cultural, onde pode ser constatado que meios de comunicação, em diferentes épocas históricas, se estabelecem com suas particularidades, com seus códigos. A história da humanidade pode ser considerada em âmbito que se confunde “com a história do aparecimento de novas mídias comunicacionais. Começando com a invenção das escritas e do alfabeto, continuou com a prensa manual e, depois mecânica, com a fotografia, o telégrafo, o jornal, o telefone, o cinema, o rádio, a TV etc.” (SANTAELLA, 2010:15).

Buscar não esquecer o contexto de historicidade, como ressaltado quando em mente o desenvolvimento histórico da mídia, parece induzir-nos para uma oportunidade de reflexão sobre o que ocorre com a mídia no presente. “Sobretudo, foge ao lugar comum de uma concepção linear que enxerga no contemporâneo o ápice da complexidade, e no arcaico o vale das simploriedades” (BAITELLO JR. *in* ZIELINSKI, 2006:12).

Então, entender processos históricos, caminhos percorridos, talvez nos permita pensar e projetar melhor o futuro, principalmente pelo despertar que gera em termos de evitarmos a profunda e cega sedução pela técnica, do culto da técnica pela técnica, pelo sentido de avanço tecnológico que se opera por si.

Nesse aspecto, observando o que hoje ocorre em torno dos aparatos midiáticos, talvez seja interessante considerar e refletir sobre o que diz o antropólogo americano James W. Carey: “Todos os valores atribuídos à eletricidade e à comunicação elétrica até o computador, o cabo e a televisão por satélite, inicialmente já o tinham sido ao telégrafo, em uma mescla idêntica de fantasia, propaganda e verdade” (CAREY *in* SFEZ, 2007:11). Certamente, a simples apologia da técnica não é suficiente para compreensão dos fenômenos vinculados à comunicação humana, para compreender a extensão dos impactos no ambiente comunicacional e as transformações decorrentes.

E talvez seja conveniente ainda registrar que uma abordagem a envolver a noção de história não deve significar “uma retrospectiva contemplativa, nem um convite aos pessimistas culturais de se entregarem à nostalgia” (ZIELINSKI, 2006:25).

Há necessidade de se pensar quando se estabelece foco no contexto histórico, no universo das projeções e desdobramentos futuros, mais ainda quando diante do propósito que envolve considerar a condição humana e a vinculação existente entre comunicação, cultura e sociedade.

É possível até constatar que lógicas mercantilistas determina a evolução da mídia. A história da comunicação parece ser a história dos meios de comunicação. Isto parece levar a uma concepção histórica concebida por artefatos, elementos técnicos e que, inclusive, tem

vínculos com contexto político e, sobretudo, de organizações e estruturas empresariais, com suas focalizações e acelerações das comunicações. Isto parece conduzir, às vezes, quando considerado o desenvolvimento da técnica midiática, à incorporação da “concepção primariamente mecanicista e meramente instrumental, tão em voga nas visões deslumbradas do mundo voltado para a produção, seus modos e sua otimização – não se importando com os efeitos e desdobramentos” (BAITELLO Jr. In ZIELINSKI, 2006:12).

O despertar de interesse desencadeado desde o início do processo de instituição do campo acadêmico da Comunicação, o conjunto do que se fala de comunicação quando considerado aportes teóricos parece apontar para discurso que assegura destaque para uma concepção informacional. Talvez seja conveniente mesmo refletir sobre o “patamar informacional em que se apoiam os já clássicos estudos de mídia ou as pesquisas sociológicas sobre o campo dos meios de comunicação” (SODRÉ, 2007:15).

Diante da multiplicação dos dispositivos informacionais na cultura contemporânea, parece necessário refletir criticamente, então, sobre contexto que concebe a comunicação como instrumento (rádio, jornal, revista, televisão, internet e outros) que se sustenta em torno de entendimento mais funcionalista, de “concepção informacional, segundo a qual comunicação é um processo transferencial de informações de um pólo a outro” (SODRÉ, 2007:16).

Num horizonte de processo comunicacional de conectividade permanente, dados e informações podem ser acessadas, em tempo real, de qualquer lugar e qualquer momento, diante de marcantes características de ubiquidade e mobilidade que se afirmam. Da mesma forma, opera-se em escala global uma dinâmica social com potencial interativo, de participação ativa, a envolver ações e reações. A Internet, que se impõe nos nossos dias com denotado destaque na configuração de ambiente comunicativo, se diferenciando de todos os outros meios de comunicação, oferece perspectiva de espaço de troca, e não apenas de divulgação de informações. Pierre Lévy (1998), observando a realidade da Internet aponta neste ambiente comunicacional forma mais aberto-participativa, mais interativo-participativa.

Qualifica-se às vezes ainda de “novo” o contexto dos aparatos ou dispositivos técnicos digitais deste ambiente de comunicação que avança de forma rápida na contemporaneidade. Há ainda quem use o termo novas mídias sociais. Isto parece questionável por não refletir mais a esta altura tal condição do novo. Parece já haver uma realidade já consolidada. O que se observa com o uso de tal qualificação diz respeito a contexto de se contrapor ao ambiente dito das mídias tradicionais - jornal, rádio, cinema, televisão, livro, revista -, meios de comunicação de massa, e que nos induz à compreensão de processo de intermediação clássica

de modelo linear, mecanicista, funcional, quantitativa, unilateral, já que concentrada na ideia de emissão de um para muitos e com perspectiva de passividade da audiência.

Com a mídia digital, uma lógica é rompida quando consideradas formas tradicionais de produção, disseminação e armazenamento de informações. Viabiliza-se a passagem do mundo da tecnologia analógica para a digital. Viabiliza-se “[...] a passagem de uma lógica e uma prática de participação de massa receptiva para uma lógica e uma prática de participação individual e ativa” (DI FELICE, 2008:18).

Claro parece ficar um salto qualitativo em termos da experiência comunicativa humana. Meios de comunicação digitais consolidam processos comunicativos que impõem sentido de uma cultura “cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação” (SANTAELLA in CARAMELLA, 2009:68), em oposição ao consumo massivo.

O contraponto essencial é mesmo certamente a Internet, que revoluciona tudo, criando uma rede horizontal de comunicação pessoa a pessoa com interatividade. Afigura-se um mundo de públicos específicos, da pluralidade de meio de transmissão e da individualização da interação de um para um ou de um para muitos.

O ambiente da internet e as mídias sociais com suas múltiplas possibilidades de uso, de interação e até de produção de conteúdo por qualquer ser, “esse ser interativo, ao mesmo tempo receptor e emissor” (VIRILIO, 1995:33), estão a provocar, certamente, abalo no campo da Comunicação, quando considerado modelo fundamentado em esquema linear, em que prevalece a ideia de um todo poderoso emissor e um passivo receptor.

A blogosfera, o universo dos blogs, é, em potencial, um espaço de quebra do monopólio da produção de conteúdos das mídias tradicionais. Portanto, as mídias digitais apontam para o fato de que todo cidadão pode se tornar um produtor de conteúdos. A principal barreira, o espaço para se publicar, diluiu-se. Na web, qualquer um pode produzir e divulgar conteúdos.

Floresce perspectiva, com mídias interativas, de liberdade de expressão num contexto de ambiente global. “A internet propõe um espaço de comunicação inclusivo, transparente e universal, que dá margem à renovação profunda das condições da vida pública no sentido de uma liberdade e de uma responsabilidade maior dos cidadãos” (LÉVY, 2005:367).

Em todo este contexto, parece fundamental, convém repetir, não esquecer as tramas dos interesses políticos e econômicos que movem a dinâmica dos meios de comunicação. A complexidade de tais fenômenos humanos que implica também em considerar forças ou

campo social de forças em que se tentam exercer influência e que podem estar a mover o curso de acontecimentos.

Certamente torna-se interessante observar criticamente o que ocorre em torno dos meios de comunicação quando considerados aspectos relativos à influência política, ainda mais quando se trata de alta política de Estado, e, sobretudo, a influência econômica, observada na sua amplitude financeira e empresarial, diante do atual estágio em que se afigura o dominante sistema capitalista.

Assim, é possível mesmo admitir que na contemporaneidade há denotada relação de influência entre comunicação, tecnologia e mercado. Processos midiáticos são constituídos de maneira determinante numa lógica balizada por tecnologia e mercado. Parece claro mesmo que os processos comunicacionais contemporâneos estão influenciados fortemente pela “tecnologia e a crescente expansão da lógica mercantil sobre o universo comunicacional e midiático em suas diversas formas e plataformas de distribuição e produção de valor (CHIACHIRI Filho et al,2012:19).

Portanto, junto com uma questão técnica vinculada ao que ora se retrata em termos do processo de convergência de mídias, a demonstrar também movimentos dos meios de comunicação tradicionais para enfrentamento de desafios impostos pela realidade que determina, em suma, uma dependência da Internet, parece se constituir também relevante refletir sobre variáveis outras vinculadas ao âmbito econômico e político quando considerado o aspecto da comunicação, tomada na sua dimensão política e cultural, como instituição legitimadora de poder e instituidora de ideologia (BARROS, 2006:15). É possível admitir, então, que exigências de tecnologias possam se desenvolver na lógica de interesses políticos e de mercado.

No atual estágio global de desenvolvimento do dominante sistema capitalista, talvez seja conveniente mesmo não esquecer a lógica mercantil imposta pelo culto excessivo ao consumo de mercadorias, em processo que não leva em consideração na sua plenitude a condição finita dos recursos naturais, o que provoca preocupações significativas em torno do desenvolvimento sustentável, das condições de vida e da vida no próprio planeta.

Pode ser observado um sentido de consumismo imposto como se fosse um vício que se manifesta na criação de uma mentalidade revelada em conformidade a tal ponto “niilista que nos leva a acreditar que somente adotando, de maneira metódica e em ampla escala, o princípio do consumo e da destruição dos objetos podemos garantir, para nós, identidade, *status social*, exercício da liberdade e bem-estar” (GALIMBERTI, 2004:71).

Um imperativo funcional do aparato econômico se estabelece com o consumo sendo estimulado para substituição frenética de mercadorias por modelos ditos mais avançados. A comunicação tem, então, papel importante neste processo com o contexto da publicidade. Como sempre teve, também, como instrumento político, haja vista, o seu uso em torno do universo de propaganda política, de uso indiscriminado quando considerado contexto ideológico.

Ao admitir tal reflexão circunscrita à relação entre tecnologias da comunicação e mercado, é possível, então, além dos aspectos técnicos, que as vezes fascinam e cega, por não permitir uma mais ampla compreensão dos fatos, pensar nos dominantes interesses econômicos e políticos que orientam agendas temáticas, que promovem valores de grupos ou setores hegemônicos capazes até de se situar como caracterizadoras de “instrumentos de opressão simbólica” (BOURDIEU,1997:13) ou de “exercício de violência simbólica, que define os limites do que pode ou não ser enunciado e, conseqüentemente, visto e ouvido”(GIRARDI Jr.,2005:65).

1.4 - “Comunicação, aqui estão as minhas dores”

A tentativa que se estabelece de compreender a dimensão da centralidade da comunicação na contemporaneidade, com a proeminência dos meios de comunicação e o papel da imagem, parece mesmo indicar necessidade de um despertar crítico. Notadamente quando considerado foco estabelecido neste esforço acadêmico de compreensão da tensão entre diálogo e discurso quando em mente o papel de meios de comunicação na contemporaneidade.

Apesar de todos os avanços tecnológicos observa-se ainda que “a comunicação que deveria em princípio aproximar os homens serve na realidade para revelar tudo que os afasta” (WOLTON, 2004:37).

Vivemos um novo tempo, de pessoas hiperconectadas “amarradas” com seus aparatos tecnológicos midiáticos às tomadas elétricas e redes sem fio. Um tempo que parece mesmo sem precedentes, quando visto o ritmo de desenvolvimento da cultura material. Nesse quadro que chega a transparecer para alguns a opulência, há ainda dores humanas a considerar, há ainda, por exemplo, os excluídos pelo acesso, pelo uso de tais tecnologias, os desconectados.

A tecnologia parece determinar um grande êxito da comunicação. A questão, no entanto, parece ser como transformá-la em um grande êxito para todos os seres humanos, para superação de dores humanas que persistem em escala global.

A centralidade da comunicação na contemporaneidade lastreada pela manipulação material em que se constitui a tecnologia, parece nos conduzir para a valorização de mecanismos funcionais de uma lógica tecno-instrumental direcionada de forma mais proeminente a interesses do poder, manifestados nas vertentes da política e da economia, com a crescente expansão da lógica mercantil.

A comunicação, com os seus aparatos, crescentemente desenvolvidos, e cada vez de forma mais rápida, parece estar inserida num contexto de corrida desesperada pelo dominar, pelo ter, pelo consumir. Parece, assim, nos conduzir para a primazia dos discursos em detrimento do diálogo. E, se de meios de comunicação estamos a pensar, possível talvez seja admitir preponderância de suas formas em operação discursiva.

Parece clara a proeminência do uso da comunicação, com as tecnologias midiáticas, em suas diversas formas e plataformas de distribuição e produção de valor, direcionadas com mais intensidade para a dimensão política e econômica. Um panorama histórico da constituição do campo da Comunicação, o desenvolvimento das suas teorias e modelos de pensamento comunicacional, que denota uma construção preponderantemente ocidental, talvez nos permita, como já observado, assim considerar.

Na perspectiva de deixar mais clara tal percepção, talvez seja possível, então, refletir sobre observações de pensadores da comunicação, numa síntese como a seguir exposta, admitindo uma linha de tempo.

Poderíamos considerar, então, por exemplo, em primeiro plano, o pensamento de Bertold Brecht já no começo do século XX, na época do apogeu do rádio, que ao dedicar atenção à radiodifusão já questionava a razão do porque se criar um meio de comunicação e a sua destinação. Em Brecht parece possível perceber maior preocupação com o contexto do processo comunicacional do que com o aparelho técnico em si. Tal evidência parece se sustentar na sua seguinte afirmação: “O público não apenas tem que ser instruído, mas também tem que instruir [...] E eu preferiria não vender nada a vocês, mas apenas fazer-lhe a proposta de fazer radiodifusão, em particular, um aparato de comunicação da vida pública” (BRECHT,2005:43,44,45).

E avança Brecht, a partir de análise da mídia então em evidência, com indicações a permitir, pelo que parece, sustentar posição de valorização da recepção em contraposição ao mero entendimento reducionista típico de modelo linear, funcionalista da comunicação.

Afirma então que o rádio seria fantástico na vida pública como sistema de canalização se “não somente fosse capaz de emitir, como também de receber, portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele” (BRECHT, 2005:42).

Avançando já pela metade do século XX, pelo que foi observado no que se fala no campo da Comunicação, nos seus estudos e investigações, pelo desenrolar dos acontecimentos mundiais que levou naquele século à explosão de duas Grandes Guerras Mundiais, e transformações importantes no estágio de capitalismo prevalecente, parece ser possível ainda observar fortalecimento de ideia que conduz a comunicação para quadro de acentuada verticalização, unidirecionalidade, não circularidade, a também conduzir sentido de prevalência de discursos. A visão instrumental da comunicação parece se fortalecer:

Essa visão instrumental consagra uma representação da onipotência da mídia, considerada ferramenta de “circulação eficaz dos símbolos”. A opinião comum que prevalece no pós-guerra é a de que a derrota das forças alemãs deveu-se enormemente ao trabalho de propaganda dos Aliados. A audiência é visada como alvo amorfo que obedece cegamente ao esquema estímulo-resposta. Supõe-se que a mídia aja segundo o modelo da “agulha hipodérmica”, termo forjado por Lasswell para designar o efeito ou impacto direto e indiferenciado sobre os indivíduos atomizados. (MATTELART & MATTELART, 2005:37)

Observando o contexto da televisão enquanto meio de comunicação de massa que veio a suceder o rádio em termos de evidência, Pierre Bourdieu (1997) em seu livro intitulado *Sobre a Televisão*, oferece uma ideia sobre a sujeição de tal instrumento midiático a lógicas de ordem política e econômica, que pode talvez também demonstrar efeito de onipotência da mídia em caminho funcional a denotar impacto direto e indiferenciado sobre os indivíduos atomizados.

Com a televisão, seguindo Bourdieu, atestada fica condição de sobrecarga de informação que se dirige a um contexto de homogeneização, direcionamento a interesses determinados e, por conseguinte, a estabelecer perspectiva do não despertar da sensibilidade para o espírito crítico e que mina capacidade de resistência.

Numa síntese, talvez fosse possível apontar que para Bourdieu a televisão se convertia numa poderosa máquina deformadora, de banalização da realidade, para poder colocá-la ao alcance da audiência desejada – a maior possível –, uma vez vinculada a interesses maiores

principalmente de ordem econômica. O propósito democrático de informar parece, então, abalado, haja vista ser projetado em visões próprias dos acontecimentos, de mundo. A informação não é tratada como elemento decisivo para a tomada de decisões, para a ação humana consciente quando considerado aspectos vinculados às necessárias condições de sensibilidade crítica e de responsabilidade.

Diz Bourdieu:

Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo [...] O acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação do tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita [...] É verdade que há intervenções políticas, um controle político[...] Pode-se pensar também nas censuras econômicas. É verdade que, em última instância, pode-se dizer que o que se exerce sobre a televisão é a pressão econômica. (BOURDIEU, 1997: 18,19)

Considerando a análise com dados ainda mais recentes, Wolton, em obra com título bastante contundente - *É preciso salvar a comunicação* -, ao apontar fragilização da comunicação com seu caráter funcional apoiada na técnica e na economia, afirma: “salvar a comunicação é antes de tudo preservar a sua dimensão humanista: o essencial da comunicação não está do lado das técnicas, dos usos ou dos mercados, mas do lado da capacidade de ligar ferramentas cada vez mais performáticas a valores democráticos” (WOLTON, 2006:10).

Enfim, mesmo se pensarmos em avanços tecnológicos já disponibilizados a determinar possibilidades de transformação, a dimensão humana da comunicação ainda se encontra com pendências, com questionamentos que passam, por exemplo, pelo exercício e as condições para o diálogo entre os seres humanos, a garantia da liberdade e da igualdade, por não atingir ainda a todos, às condições de acesso e uso dos aparatos midiáticos. Há necessidade de pensarmos nas dores humanas.

O acesso desigual aos recursos tecnológicos, as carências em termos de condições cognitivas e, mesmo, a questão relativa ao controle e ao sentido de propriedade da informação e do conhecimento, com seus contextos político e econômico, é realidade ainda a incomodar. Mesmo com a atual fase de proeminência da informática, ela “não foi capaz de apagar

diferenças sociais nas questões de gênero, etnia ou classe social” (BOLT & CRAWFORD, apud CAZELOTO, 2008:188).

Um contexto informacional, de transmissão mecânica, a sustentar operação discursiva de meios de comunicação, fundada na valorização extrema da tecnologia, a afirmar uma audiência amorfa, passiva, em movimento consubstanciado por interesses políticos e do mercado, ao que parece, pode se constituir em indicação que poderia ser deduzida à luz das observações efetivadas. Pode indicar justificção do clamor de que é preciso mesmo salvar a comunicação. Obscurecida ainda parece estar, então, a ideia de comunicação com o por em comum, com o compartilhar.

Comunicação, seguindo ainda Wolton (WOLTON, 2006) não se constitui apenas na produção e distribuição de informação, mas, sobretudo, deve ter abertura para o sensível, para as condições em que o receptor, num processo de troca, recebe, aceita, recusa, remodela mensagens, informações, de acordo com suas convicções filosóficas, políticas e culturais. Afirma-se, assim, a natureza relacional da comunicação, a importância do “outro”, da alteridade na comunicação. Comunicação, então, se constitui em razão do estabelecimento de laços sociais, de vínculos.

É clara a importância que tem a comunicação na contemporaneidade como guia de fluxo de transformações sociais e culturais, com seus avanços tecnológicos que tem permitido alterar o modo de comunicar, e, também, a própria comunicação em si. “A comunicação e a informação ocupam um lugar e desempenham um papel reconhecidamente centrais no conjunto das mudanças sociais que marcam fortemente esse nosso tempo” (COELHO et al.,2012:10).

Com esta compreensão, refletir sobre a centralidade da comunicação na vida contemporânea parece de fundamental importância quando diante do enfoque da dimensão humana. Pelo que se observa contexto instrumental da comunicação, com manifestações de pressões políticas e de mercado constitui questão decisiva a ser observada na sua amplitude. Mesmo com a perspectiva do ambiente tecnológico digital e suas potencialidades emancipatórias, de maior e mais efetiva participação da audiência, ainda parece ser possível admitir o uso das técnicas midiáticas como forma de discursivamente sustentar definidos interesses políticos ou econômicos na lógica de capitalismo prevalecente.

Os artefatos ou aparatos tecnológicos colocados à disposição das práticas comunicacionais tomam, cada vez mais, dimensão significativa. Um ambiente digital que se expande na contemporaneidade impõe marcas de velocidade, hipertextualidade e *interface*, marcas transformadoras a denotar modos e estratégias de integração e exclusão. Evidenciadas

ficam transformações nas relações humanas e no ser humano, bem como, no tecido social. Neste contexto há destaque para a questão da cultura do visual, da imagem.

O avanço da imagem, da cultura do visual encontra campo propício para uma condição de preponderância, em dimensão sem precedente. O universo das imagens também determina a condição de centralidade da comunicação. Imagens tecnologicamente produzidas, a fortalecer ideia de ser humano contemporâneo mediatizado por infinitas telas.

Quando considerada a dimensão humana, o necessário alicerce sustentável de significação, de fundamento, a proliferação das imagens na forma configurada, oferece ideia de uma dinâmica que parece mesmo assustadora, salientada por Norval Baitello Jr, na sua obra *A Era da Iconofagia* (BAITELLO Jr. 2005:25), na seguinte conformidade:

O excesso de visibilidade cega a percepção do homem para o corpo real e o leva a assumir um corpo virtual que prima pela distância e pela assepsia do contato com o real, uma realidade demasiadamente humana para um mundo tecnologicamente em superação constante. (BAITELLO Jr., 2005:25)

O fluxo crescente de imagens parece ser observado como uma ameaça às formas tradicionais de alfabetização e aprendizagem, valores e expressões culturais estabelecidas, para o senso de ordem prometido por formas discursivas familiares. O poder da imagem parece assustar, quando considerado o quadro de sua explosão, diante de aspectos relativos a efeitos da publicidade e até mesmo de invasão de privacidade.

O explorado contexto de avanço da imagem, da cultura do visual parece fortalecer as distorções observadas em torno da comunicação humana e que, também pelo que parece, podem justificar o brado de que é preciso salvar a comunicação, na linha de pensamento de Wolton.

O universo da imagem denota, então, necessidade de atenção na contemporaneidade por também ser fator a determinar a condição de centralidade da comunicação. E mais, imagens tecnologicamente produzidas, a fortalecer ideia de ser humano contemporâneo mediatizado por infinitas superfícies, por infinitas telas. Imagens técnicas como exploradas por Flusser. O universo das imagens técnicas por ele teorizado (FLUSSER, 2008).

Em todo este contexto a envolver a centralidade da comunicação na paisagem contemporânea que consagra papel preponderante aos meios de comunicação, bem como, à questão da imagem, das imagens técnicas, dores humanas prevalecem.

Talvez pudesse ser admitido, então, contexto que poderia ser caracterizado na seguinte conformidade: “comunicação, aqui estão as minhas dores”.

Tal caracterização na verdade tem inspiração em Flusser. “Espaço, aqui estão as minhas dores” (FLUSSER, apud BAITELLO Jr, 2010), é uma frase por ele formulada e que talvez possa nos ajudar, seguindo na compreensão do seu porque, na reflexão acentuada como necessária e que se aproxima do essencial da comunicação humana, uma vez considerado processos de comunicação na sua natureza de processos de mediação.

1.5 - “Espaço, aqui estão as minhas dores”

Ressalta Norval Baitello Jr. que “quando Vilém Flusser pronunciou a sua frase-emblema “*Raum, das sind meine Schmerzen*” (“Espaço, aqui estão as minhas dores”), formulou com ela o grande diagnóstico dos *media* contemporâneos” (BAITELLO Jr.2010:103).

Em razão desta dissertação de mestrado privilegiar um capítulo específico – capítulo 3 -, para exploração do pensamento de Flusser, enquanto seu aporte teórico básico, apenas abordagem panorâmica mais direcionada sobre o porquê da sua frase *Espaço, aqui estão as minhas dores* desde logo parece conveniente ser apresentada.

O estudo da comunicação humana na forma teorizada por Flusser considera tal fenômeno como inserido em contexto de produção, armazenagem e compartilhamento de informações. O ser humano é entendido como o elemento constituidor de um tecido social que se organiza por códigos de comunicação. Linguagem e imagem são dimensões da realidade envolvidas neste processo. Universo, conhecimento e verdade, assim, se constituem para Flusser em aspectos linguísticos (FLUSSER, 2007:17). As três principais linguagens por ele apontadas são: a imagem pictórica, a escrita e a imagem técnica. Cada uma delas corresponde a uma etapa de desenvolvimento da humanidade e são assim denominadas: pré-história, história e pós-história.

Afirma-se, assim, “...a dura passagem pelas etapas em que a representação do mundo vai perdendo progressivamente as dimensões da espacialidade” (FLUSSER, 2007:22). Há sacrifício do espaço. Afirma-se, então, a “escada ou escalada da abstração” (FLUSSER, 2007:22), uma renúncia gradativa da corporeidade em termos de representação do mundo. No sacrifício do espaço, então, “espaço, aqui estão as minhas dores”.

Opera-se, em conotação histórica e cunho antropológico, na forma como pensa Flusser, um modelo de evolução cultural dos meios de comunicação, a ideia de que em cada época há uma forma comunicativa preponderante. Dimensões da existência física vão sendo abstraídas, ou subtraídas quando considerada a dimensão de profundidade.

Flusser mapeou o crescimento da abstração na medida em que experimentamos a comunicação tridimensional (com o corpo), a comunicação bidimensional (as imagens), a comunicação unidimensional (o traço e a linha da escrita) e a comunicação nulodimensional (o número, os algoritmos das imagens técnicas) (MENEZES, 2005:9).

A primeira dimensão da espacialidade é tridimensional, consubstanciada no gesto e na voz, na presença corporal, que é abstraída ou subtraída em etapa seguinte pelo universo bidimensional, “o mundo das superfícies”, das imagens pictóricas, da pré-história. Com a invenção da escrita esta etapa é vencida e há abstração de mais um componente do espaço, surgindo o mundo unidimensional, o universo da linearidade, do pensamento lógico e das ciências, da história, do tempo progressivo. E chega-se a uma nova etapa histórica, com abstração de mais um componente do espaço, com o advento das imagens técnicas, produzidas por aparelhos e que se constituem de representações nulodimensionais (números, fórmulas, pontos, granulações, algoritmos, “bits”, “bytes”).

A partir deste cenário nulodimensional é que diz, então Flusser: “Espaço, aqui estão as minhas dores”.

Com o papel central já destacado das imagens técnicas na contemporaneidade, é possível, então, constatar que este cenário nulodimensional passa a se constituir cada vez mais prevalecente na vida contemporânea.

A nulodimensão passa a ser o mundo para o qual somos impelidos com crescente veemência. Um mundo no qual somente há espaço para seres fluidos como o vento, evanescentes como a luz e efêmeros como o tempo. O mundo das não-coisas nos desafia, procurando desmaterializar nossas existências, transformando-as em cálculos, grânulos, pontos e números. (BAITELLO Jr, 2005:5)

É conveniente ressaltar que chegando a este cenário de nulodimensionalidade, como aponta Flusser, não há mais abstração a ser feita. O que resta ao ser humano, então, é pensar o futuro, projetar o futuro, não como “um grupo de indivíduos, mas sim como um diálogo em rede”(FLUSSER,2007:26). Ademais, pensa Flusser (2008) que as imagens técnicas não podem ser decodificadas corretamente em razão de não haver um entendimento de como elas

são produzidas, programadas ou feitas. Vivemos segundo ele num mundo regido por aparelhos, aqueles que produzem as imagens técnicas.

No contexto da caracterização que se promove em torno da expressão “comunicação, aqui estão as minhas dores”, explorada anteriormente, certamente, tem lugar a questão relativa à mediação das imagens no explosivo quadro em que se apresenta na contemporaneidade. Se foco há neste esforço acadêmico em torno na tensão entre discurso e diálogo, na superação de barreiras para o estabelecimento de postura dialógico-criativa, a centralidade da comunicação efetivada pelo discurso das imagens é questão que deve ser considerada. Principalmente quando diante de uma realidade em que se afasta a experiência concreta, consubstanciada pelo corpo e as suas relações com os sentidos.

As imagens técnicas, conforme Flusser (FLUSSER, 2008), fazem com que os homens sigam sob o seu imperativo, projeta sentido de “programar magicamente o comportamento dos receptores” e de viver, conhecer, valorar e agir cegamente em razão delas. Tudo isto, tem como objetivo, segundo Flusser, impossibilitar o diálogo “pelo bombardeio constante das mensagens coloridas e sonoras que preenchem o espaço discursivamente” (FLUSSER: 1983:66). As imagens técnicas, assim, influenciam e manipulam a sociedade, que não tem chance de escapar deste fluxo de imagens. Observa Flusser a perspectiva delas não serem “capazes de reunificar a cultura, mas apenas fundir a sociedade numa massa amorfa” (FLUSSER, 1998:38).

Um poderoso aparelho midiático a usar operação discursiva voltada a contexto instrumental, funcional, a interesses determinados e não democráticos agrava, certamente, as dores humanas. Superar as barreiras impostas por forças hegemônicas é desafio que se apresenta.

Uma reflexão de todo este processo parece necessária. Há necessidade mesmo de compreender o papel dos meios de comunicação na contemporaneidade e, acima de tudo, compreender a comunicação humana, “as mediações entre o homem e o mundo” (FLUSSER, 1998:20), sem perder de vistas as potencialidades para superação de barreiras a impedir uma forma de comunicação dialógico-critativa, o empoderamento dos indivíduos e o estabelecimento de mecanismos de ação.

1.6 - Indignação

Tratar de indignação neste esforço acadêmico encontra acolhida na própria tentativa de cumprir degraus fixados em termos de métodos de investigação a nortear o trabalho, notadamente no que se refere a âmbito vinculado ao que pode ser feito para que a comunicação humana possa atingir o objetivo que preconiza o próprio Flusser, com seu pensamento admitido na pesquisa como aporte teórico fundamental. Ademais, busca-se colocar em evidência a inquietude e o caminho do espanto na produção do conhecimento.

Parece ser possível atizar a consciência em torno de sempre termos em mente princípios e valores humanos; o fato de que o interesse geral deve sobrepujar o individual; a necessidade de desenvolver espírito criativo e crítico. Talvez, tais pontos sejam decisivos para um esforço acadêmico deste porte.

Vivemos num mundo cada vez mais interconectado, cada vez mais tecnológico e dependente da *web*. “É um vasto mundo, no qual sentimos bem em que medida é interdependente. Vivemos em uma interconectividade que nunca existiu antes. Mas nesse mundo há coisas insuportáveis[...] A pior das atitudes é a indiferença” (HESSEL,2011:22).

Para haver resistência a quadro adverso é preciso a indignação, a responsabilidade como pessoa humana. Com a indiferença se perde “a capacidade de se indignar e o engajamento, que é consequência desta capacidade” (HESSEL, 2011:22).

Neste sentido, no que concerne a desafios políticos, culturais, técnicos, antropológicos e sociais ligados à comunicação, Wolton (2004) nos oferece um caminho de reflexão, que passa pela indicação da necessidade do desenvolvimento urgente de conhecimentos e teorias para relativizar o tecnicismo e o economismo, com preservação das dimensões de emancipação que historicamente determinaram na sua origem as lutas no mundo pela democracia. Assegura, então, Wolton:

O mais importante, na informação e na comunicação, não são as ferramentas nem os mercados, mas [...] o ser humano, a sociedade e as culturas. Por isso, não há comunicação sem uma teoria da comunicação, isto é, sem uma representação das relações humanas e sociais, e finalmente, sem uma teoria da sociedade e da democracia. (WOLTON, 2004:18)

Desafios se apresentam no campo da Comunicação no enfoque fundamental da sua dimensão humana. Aplicando ao contexto da comunicação mensagem dirigida aos jovens pelo filósofo Stéphane Hessel no livro *Indignai-vos*, poderia ser ressaltado: “olhem a sua volta e vocês encontrarão os temas que justificam a sua indignação [...] Vocês encontrarão situações concretas que os levarão a praticar ações cidadãs fortes. Procurem, e encontrarão” (HESSEL,2011:25).

E, “devemos ter esperança, devemos ter esperança sempre” (HESSEL,2011:39). A esperança representa concepção de futuro (HESSEL,2011:31).

Pensa, por exemplo, Flusser, com tendência que parece conduzir a uma utopia, numa sociedade informacional que permita o diálogo, com as máquinas disponíveis para o homem a permitir possibilidades de observar as coisas de formas diversas, na sua diversidade, tudo isto sendo feito sem necessidade de deslocamentos, com possibilidade de se ter conhecimento de tudo estando no mesmo lugar, o que ele denominou de “Sociedade Telemática”.

Assim, com todas as tensões entre forças políticas e de mercado, concepção discursiva e dialógica serve como base para efeito de observação que envolve a construção do conhecimento, individual e coletivo, e o próprio exercício da cidadania na cultura digital. Os usos de tecnologias midiáticas tradicionais e hegemônicas ficam abaladas, na esteira de avanços tecnológicos que abrem possibilidades para afetar as barreiras que protegem poderosos interesses políticos e corporativos na comunicação. Talvez seja possível demonstrar que inexpugnáveis como antes já não são, por força das potencialidades abertas para práticas desviantes ou alternativas.

Mas, há muito caminho a percorrer, há muitas barreiras a superar. Principalmente quanto a necessária continuação do despertar da consciência planetária vislumbrada sobre as questões comunicacionais e sua estreita relação com a economia, a política e, sobretudo, a cultura.

Ao ser estabelecido foco neste esforço acadêmico sobre a tensão entre discurso e diálogo, a perspectiva mais favorável à condição de dialogicidade da comunicação, da condição dialógico-criativa da comunicação humana, implicações há no sentido de se reconhecer a necessidade de superação de situação de prevalência de operação discursiva na comunicação.

Fazer algo coletivamente, como movimento cultural, é um caminho adequado para tal superação. “Individualmente podemos recuperar o exercício da vontade [...] O corpo ainda está presente e é a instância do exercício da vontade. Flusser era uma otimista incorrigível, pois depositava esperança que o aparelho iria se corrigir” (ARAÚJO, 2012:385).

O *corpus* empírico deste esforço acadêmico parece guardar coerência com a prática de ações cidadãs fortes, que precisa, evidentemente, ser compreendida na sua amplitude e coerência, no contexto dos grandes desafios que devem ser enfrentados no universo da comunicação, da comunicação humana.

CAPÍTULO 2 - O GLOBAL VOICES: DISCURSOS E DIÁLOGOS

Global Voices (www.globalvoicesonline.org) constitui o *corpus* empírico deste esforço acadêmico.

O objetivo de compreensão é determinado numa iniciativa que se define como uma comunidade de blogueiros e tradutores espalhados pelo planeta e que juntos cuidam da cobertura de blogs e de mídia cidadã de toda parte, dando ênfase às vozes que não são normalmente escutadas pelos veículos de comunicação internacional.

O objeto de análise alcança, então, uma experiência levada a efeito no ambiente midiático digital, da comunicação *online*, que parece se constituir numa significativa marca da contemporaneidade época na qual se vê afirmada uma centralidade da comunicação, conforme observado em capítulo anterior, com proeminência de enfoque de processo de comunicação com sua natureza de processo de mediação.

A investigação se efetiva em torno de compreensão de aspectos da comunicação revelados em contexto de ambiente comunicacional a determinar práticas vinculadoras. O uso de ferramenta colaborativa no campo das mídias sociais digitais, observado em caminho pavimentado pelo pensamento teórico de Vilém Flusser, com sua comunicologia, que implica considerar a dimensão humana da comunicação, a necessidade que tem todo ser humano de se comunicar como forma de atingir objetivo de evitar a solidão, meta que implica busca da harmonia entre discurso e diálogo, constitui foco de análise uma vez presente a perspectiva de criação de formas inovadoras de ação e interação na sociedade.

Nesse contexto, a Internet dá mostra de constituir ambiente global que possibilita inovadoras formas de participação e interação, de movimento, de ação, ao oferecer potencial para o suporte direto e imediato de contato entre participantes de um ato comunicativo. Parece ter potencial para o empoderamento individual e coletivo, para transformações humanas e sociais.

Global Voices, projeto viabilizado nas teias do digital mundo da Internet, é apresentado como movimento de âmbito internacional e voluntário. Busca coletar, sumarizar e contextualizar conteúdos encontrados em *weblogs*, ou simplesmente *blogs*, *podcasts*, sítios de compartilhamento de fotos e *videoblogs* em todo o mundo, mecanismos de expressão próprios da Internet e que permitem salientar proximidades, encontros, relacionamentos nas redes digitais conectadas, viabilizadas pelo ambiente midiático digital.

É considerado, assim, *Global Voices*, como uma rede internacional de blogueiros instituída, como foi estampado na sua página na Internet, na seguinte conformidade:

O *Global Voices* pretende agregar, contextualizar e amplificar a conversação global *on-line* – realçando locais e pessoas que outras mídias muitas vezes ignoram. Nós trabalhamos para desenvolver ferramentas, instituições e relações que possam contribuir para que todas as vozes, em todos os cantos, possam ser ouvidas. (GLOBAL VOICES,a) ⁽¹⁾

Global Voices tem como slogan: “O mundo está falando, você está ouvindo?”.

Tal mensagem talvez possa de pronto já resumir a dimensão do seu propósito e o poder que pretende efetivar e valorizar. Mais do que falar, foco subjacente se concentra no ouvir, o que parece de logo já transmitir ideia que o diferencia de modo de operação da mídia dita tradicional com seus relatos mais focados em termos funcionais, discursivos. Nesse sentido, aposta no advento das mídias digitais com suas ferramentas disponibilizadas a permitir estabelecimento de cultura participativa, alimentando esperança de transformações sociais.

(1) Utiliza-se tradução para o Português disponibilizada no próprio contexto do *Global Voices* em www.pt.globalvoicesonline.org. O mesmo procedimento é adotado em diversas citações retiradas da página eletrônica referida.

O universo dos blogs, a blogosfera, enquanto espaço de trocas informativas e comunicativas, se constituiu em representação das possibilidades participativas abertas para o estabelecimento de uma conversação global.

O objetivo do *Global Voices* se consagra no colaborar para a prática da liberdade de expressão, da ampliação de vozes e das suas causas, dando ênfase a locais e pessoas ignoradas pela estrutura do aparelho midiático corrente. Demonstra, então, crença no discurso livre, no direito de todos a falar, a falar para o mundo, mas, ressalta a importância de que sejam os discursos ouvidos, compreendidos, que as pessoas, os outros, estejam escutando.

Aproveita-se fortemente do sentido de atenção ao papel da mídia com as possibilidades tecnologicamente abertas pelo ambiente digital que permita quebra de paradigma quando consideradas potencialidades para atitude participativa, colaborativa. Ressaltam-se as possibilidades para a produção e difusão de informações na perspectiva de cultura dialógico-criativa, a favorecer o diálogo aberto e contínuo, com ação comunicativa horizontal, descentralizada, interativa.

Parece se aproximar de certa forma dos ideais mais amplos da iniciativa da Unesco, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, consagrada no influente relatório da Comissão MacBride apresentado em 1980 com seu título que muito já diz: “Muitas vozes, um mundo” (UNESCO, 1983).

Aliás, parece ser conveniente, sempre conveniente, ressaltar que, em termos da abrangência do que representa a comunicação, não há como deixar de ser considerada a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), que proclama no seu artigo 19: “Todos tem direito à liberdade de opinião e de expressão; este direito inclui a liberdade de sustentar opiniões sem interferência e procurar, receber e transmitir informações e ideias mediante meios independentemente de fronteiras”.

Assim, também as próprias conclusões do já referido Relatório da Comissão MacBride (UNESCO,1980) “se baseiam na firme convicção de que a comunicação se constitui um direito fundamental tanto do indivíduo quanto da coletividade, que deve estar garantido a todas as comunidades e nações”.

Global Voices oferece oportunidade para reflexão sobre o papel dos cidadãos e da mídia no ecossistema global da comunicação de hoje. Discurso de engajamento cívico, para enfrentamento de problemas locais e globais, afirma-se como possibilidades abertas diante do crescimento exponencial da base de alcance da comunicação *online*, em processo que valoriza a integração de conhecimentos e habilidades para um contexto de vanguarda abrangido por

uma própria ideia de ecologia da comunicação. Contexto de vanguarda que abre primariamente possibilidades de atendimento à própria necessidade humana de comunicar-se.

No *Global Voices* há a tentativa de aproveitar a oportunidade disponibilizada pelo avanço tecnológico para abertura de espaço global de conversação, de melhor compreensão do mundo, levando em consideração a possibilidade de pessoas marginalizadas pela mídia tradicional poderem expressar-se sem intermediação. Aproveita-se o potencial de tendência determinado pelos blogs enquanto instrumento de mensagens instantâneas da sociedade em rede, em contexto caracterizado pela disponibilidade da publicidade, de tornar público determinado discurso, em condições operacionais marcadas por “simplicidade e baixo custo” (MACNAMARA, 2007).

É fato que “os blogs ocupam um lugar cada vez maior no espaço virtual” (MARTINO, 2010:271). A iniciativa do *Global Voices* acompanha o crescimento da blogosfera internacional. Para se ter uma ideia dessa forte tendência de crescimento do número de blogs no mundo, dados da NM Incite (2012), empresa de consultoria de mídias sociais, pertencente a Nielsen, instituto de pesquisa mundialmente conhecido, e a McKinsey, tida como uma das mais importantes empresas de consultoria do mundo, dão conta no final de 2011 de acompanhamento de 181 milhões de blogs em todo o mundo, contra 36 milhões que se apresentavam cinco anos antes, em 2006.

Diante de alterações estruturais nos meios de comunicação, reveladas no contexto de transformações na prática de produção e circulação de informações, o *Global Voices* ocupa espaço no ambiente proporcionado pelo universo digital para manifestação livre, própria do sentido de liberdade de expressão a ser garantida a todo ser humano, e, livre também das amarras de meios tradicionais de comunicação. Estimula movimento em torno de processos midiáticos produzidos por quem deseja construir uma melhor conversação global. Preocupa-se em oferecer orientações sobre a forma como a mensagem pode ser mais eficiente em termos do escrever a opinião e de partilhá-la.

O *Global Voices* parece determinar que o sentido de afirmação do direito de comunicar atribuído a todo ser humano deva ser não meramente um discurso filosófico, mas, sobretudo, o fortalecimento de sentimento voltado para a necessária e decisiva ação social, do efetivo exercício de cidadania política para garantia de direito.

Se parece ser preciso considerar a informação como uma necessidade humana fundamental, um direito humano fundamental, talvez seja possível admitir que a iniciativa do *Global Voices* tem no seu bojo potencialidade para quebrar a barreira que determina a importância de a subordinação da transmissão de informação vincular-se apenas a preceitos

de uma lógica mercantil de meios de comunicação. É possível que haja indicativos no *Global Voices* de transferência aos cidadãos de mecanismos de interferência na produção, administração e consumo de informação, pela via de canais alternativos de comunicação, quando considerados meios de comunicação ditos tradicionais. A noção de monopólio da informação nesse caso fica abalada.

Observa-se que *Global Voices* é pensado num mundo de seres humanos nas suas diferenças, no contexto da alteridade manifestada no universo diferente dos iguais, na amplitude da diversidade.

Num mundo obviamente também marcado pela diversidade de línguas ou idiomas, o projeto abrange, então, preocupações com a tradução das mensagens veiculadas. Tenta-se superar uma decisiva barreira cultural do processo humano básico que é a comunicação, tenta-se viabilizar harmonia entre discurso e diálogo no que respeita à diversidade linguística. É claro que a língua é vetor fundamental para a comunicação. O *Global Voices* tem projeto específico para tradução de seus textos, que hoje já alcança cerca de trinta idiomas. Artigos no *Global Voices* são publicados primariamente em inglês que remetem às línguas do país retratado, e posteriormente se faz a tradução para vários outros idiomas.

Parece conveniente destacar nesse contexto de diversidade linguística, na conformidade do ressaltado pela Unesco (2013), que todas as línguas não aparecem de forma igual no espaço digital. Existem, segundo ainda a Unesco (2013) cerca de 6.500 línguas faladas no mundo, dessas, somente 60 estão representadas na Internet. Swahili, por exemplo, é uma língua falada por mais de 30 milhões de pessoas, mas tem, de forma geral, pouca presença na Internet. O *Global Voices* em seu objetivo de salvaguardar a diversidade linguística, oferece espaço para a tradução de textos em swahili.

Da mesma forma, num outro exemplo significativo, o aimará, uma língua nativa da América e um dos idiomas oficiais do Peru e da Bolívia, encontra espaço no projeto de tradução de conteúdo do *Global Voices*. E isto se deu a partir de iniciativa tomada quando um grupo de voluntários de El Alto, na Bolívia, resolveu criar uma comunidade virtual na Internet para destacar e promover a língua aimará por meio de criação de conteúdos de mídias digitais obtendo incorporação ao *Global Voices*.

2.1 - Como surgiu – Gênese

Global Voices foi fundado formalmente em 2005 por Rebecca MacKinnon e Ethan Zuckerman, dois colegas, bolsistas da Universidade de Harvard, vinculados ao Berkman Center for Internet & Society, da Harvard Law School. O projeto inicialmente foi abrigado neste referido centro de estudos. Na realidade, a ideia toma corpo em dezembro de 2004, quando se realizou uma conferência sobre internet e sociedade promovida pelo centro de estudos da consagrada Universidade de Harvard.

Convém destacar que o Berkman Center for Internet & Society, da Harvard University, com sua missão de explorar e entender o ciberespaço, estudar seu desenvolvimento, dinâmicas, normas e padrões e avaliar a necessidade ou falta delas em termos de leis e sanções, reúne uma série de grupos relacionados com o estudo de temas vinculados a Internet como espaço social e político, conforme pode ser observado por consulta em sua página eletrônica disponível em www.cyber.law.harvard.edu.

O Berkman Center promove eventos que buscam gerar interações tanto em termos de processo como de produto, caracterizando um elemento fundamental do seu modo de ação. A busca é de encorajar o envolvimento de todos os que queiram a ele se juntar no contexto das iniciativas de eventos levadas a efeito com propósito de aprender, engajar e se conectar.

Na agenda da conferência realizada no final de 2004, denominada “*Internet & Society 2004: Votes, Bits y Bytes*”, promovida pelo Berkman Center para examinar o uso das tecnologias da informação e da comunicação na transformação política, estava programada uma sessão de trabalho sobre o tema: “*Global Voices Online: Blogging for Independent Journalists, Concerned Citizens and Activists*” (BERKMAN CENTER, 2004).

Segundo relato de Rebecca MacKinnon (2004), sobre o processo de criação do *Global Voices*, havia já naquela época um reconhecimento atestado por estudos do *Berkman Center* do crescimento da blogosfera internacional. E havia também constatação cada vez mais efetiva de controle e bloqueios da Internet por sociedades não-democráticas, além dos problemas decorrentes do direcionamento e concentração da informação por meios de comunicação tradicionais e a falta de representatividade em termos de difusão de informações no mundo em desenvolvimento.

Um sentimento da necessidade de construção de pontes em processo de cooperação para a efetivar de uma conversação global se consolidava entre os participantes da conferência. Participantes, blogueiros de várias partes do mundo, que acreditavam, sobretudo,

na liberdade de expressão, no livre acesso da informação e da Internet “livre do medo” para todas as pessoas no planeta.

Os participantes, na conformidade ainda do relato de MacKinnon, acreditavam na conversação e compartilhamento de trabalhos criativos entre cidadãos comuns no ciberespaço, como forma de melhorar o estado do mundo. Acreditavam na força que podia representar a Internet, com a proliferação de blogs para melhorar, em quantidade e qualidade, a circulação de notícias internacionais, para tornar os cidadãos melhor informados sobre o mundo.

Uma crença comum se estabelecia: a necessidade de empoderamento dos indivíduos com ferramentas disponíveis no ambiente da Internet. A esperança se situava no sentido de empoderamento de pessoas comuns para expressar e publicar seus pontos de vista na *Web* numa forma não mediada, quando considerada a perspectiva de tornar menos suscetíveis à manipulação desta por qualquer pessoa.

Ajudar cidadãos a conversar através de fronteiras não se constituía numa tarefa fácil. Era preciso pensar em tradução das mensagens. Tais operações por aparatos tecnológicos, por máquinas de tradução, não eram adequadas. Um esforço foi dedicado ao encontro de caminhos para ajudar na construção de pontes que resolvesse tal questão, o que passaria, então, pelo desenvolvimento de melhor fonte aberta de instrumentos de tradução e de comunidades voluntárias para a realização de tão importante tarefa.

O *Global Voices* suportava esperanças para o atendimento dos anseios daqueles participantes da conferência que determinava os contornos da sua instituição e que refletia necessidade de tantas comunidades que já se movimentavam em torno de blogs para aumentar o seu poder transformador e ajudar então a superar fossos geográficos e linguísticos, construindo as denominadas pontes para a conversação global. Para conectar todos os pontos do mundo.

Ao ser observado o seu próprio processo de gênese, o *Global Voices* parece buscar estabelecer a prática de ponte entre diferentes culturas. Um dos seus fundadores, Ethan Zuckerman, chega a dizer: “é minha opinião que viver no século 21 requer a compreensão do que as pessoas pensam, sentem e querem, em diferentes partes do mundo” (ZUCKERMAN, 2008). Nesse contexto e como ponto central, é dada ênfase no projeto a países e pessoas que não estão representadas pela mídia tradicional. Assim, por meio de processo de agregação, contextualização, seleção, tradução e amplificação de blogs, vinculados ao foco estabelecido de forma enfática, trabalho colaborativo é desenvolvido.

Fica estabelecida crença no ambiente digital, na perspectiva das potencialidades abertas em termos de participação e interação, com o advento de ferramentas de edição fáceis de usar no processo de comunicação *online*, onde os blogs representam exemplo significativo.

Há aposta no fortalecimento das condições para o exercício de ação concreta para transformação da própria comunicação, quando considerado um abalo nas estruturas hegemônicas, linear e funcional, das mídias ditas tradicionais e o contexto de propriedade da informação. Nas mídias digitais reside o foco das experiências do *Global Voices*. A geração espontânea e ativa de conteúdo por parte de usuários, de cidadãos, é contexto determinado, em processo idealizado em torno de apresentação no seu sítio eletrônico de artigos diários a descrever acontecimentos em todo o mundo, fazendo referência e contextualizando os pontos de vista e relatos de blogueiros e outros editores de conteúdo *online*.

Convém salientar que os dois inspiradores e fundadores do *Global Voices* já atuavam como blogueiros na época da sua criação. MacKinnon repercutia experiências em países onde atuou profissionalmente, como a China, enquanto Zuckerman dedicava atenção à África em razão do seu papel como fundador da Geekcorps, organização direcionada para a difusão de tecnologia digital em locais desfavorecidos do mundo. A trajetória profissional e acadêmica deles reflete interesse sobre política global da Internet, liberdade de expressão, impacto das tecnologias da informação e comunicação sobre direitos humanos, engajamento cívico através de ferramentas e conexões internacionais via mídias e mudança social.

Talvez seja interessante, neste esforço de compreensão, observar o que diz de si mesmo, em manifestação recente, Ethan Zuckerman (2013):

Eu sou um ativista, blogueiro e geek (nerd), que vive no oeste de Massachusetts, e trabalho como diretor do Center for Civil Media at MIT, e principal cientista pesquisador do MIT Media Lab. Eu anteriormente trabalhei como pesquisador associado do Berkman Center. Como co-fundador do *Global Voices*, estou interessado nas maneiras em que as mídias cidadãs podem direcionar duradouros preconceitos nas novas mídias. Antes de trabalhar no Berkman, eu ajudei a fundar Geekcorps, uma organização sem fins lucrativos, que acompanha os geeks no mundo em desenvolvimento para executar treinamentos na tecnologia da Internet. Antes disso, eu fazia parte do time que fundou Tripod, uma das primeiras empresas da comunidade on-line. Quando não estou blogando, pesquisando e criando problemas, eu ajudo no

Worldchanging, Open Society Institute's Information Program e outros projetos divertidos de desenvolvimento tecnológico.

No esforço de análise compreensiva que se realiza, o objeto empírico considerado, na dimensão dos propósitos da sua instituição materializados também pela visão e experiência de vida dos seus fundadores, parece indicar fortalecimento de um caminho analítico que se desliza tanto na defesa do direito humano e social à informação e a comunicação quanto na necessidade de um profundo debate sobre a comunicação, sobre a comunicação humana.

No relato sobre os debates que determinaram a criação do *Global Voices*, Rebecca MacKinnon (2004), na qualidade de cofundadora, sustentava: “não se sabe exatamente o que pode advir disto em termos geopolíticos, mas de qualquer maneira, não deve ser algo ruim – e pode vir a ser algo poderoso.”

2.2 - Constituição independente do *Global Voices*

Como já ressaltado, o *Global Voices* foi lançado em 2005 como projeto do Berkman Center for Internet and Society, da Harvard Law School. Hospedado em servidores desse centro de estudos, numa estrutura de *Wordpress website*, passou, então, a funcionar o *Global Voices* no seguinte endereço eletrônico <http://cyber.law.harvard.edu/globalvoices>. A maioria das suas postagens foram inicialmente escritas por seus dois fundadores, Ethan Zuckerman e Rebecca MacKinnon.

Depois de ter permanecido por três anos sendo administrado e executado pelo Berkman Center, *Global Voices* foi formalmente constituído na Holanda em 2008 com a denominação de *Stichting Global Voices*, na condição de uma fundação sem fins lucrativos. Não possui um escritório fixo, funciona como uma comunidade virtual através de múltiplos fusos horários e fortalece, assim, o seu contexto de organização e funcionamento virtual. Tem colaboradores espalhados por todo o mundo, de todas as esferas da vida e continentes. A maioria dos colaboradores é de voluntários, mas há alguns editores e ocupantes de posições de liderança remunerados.

Como fundação sem fins lucrativos, o *Global Voices* é administrado por um conselho de administração, que é composto pelos seus dois fundadores, Ethan Zuckerman e Rebecca MacKinnon, bem como, por representantes dos voluntários, dos colaboradores e de

personalidades influentes em termos de mídia global *online*. Excetuando os seus fundadores os membros do conselho de administração tem mandatos de três anos. As reuniões, a maioria delas telefônicas, são realizadas a cada três meses. Políticas no campo administrativo, editorial, estrutural e criativo podem ser discutidas abertamente pelos participantes da comunidade. No desenvolvimento dos trabalhos concepção de liderança por equipe é estabelecida.

Por ser caracterizado como uma grande comunidade que se estende por muitos países, línguas, culturas e normas de comportamento, preceitos éticos são observados, debatidos e construídos conjuntamente no *Global Voices*. A diretriz que envolve um conjunto de princípios para o comportamento quando considerada a variedade de contextos e situações próprias da diversidade do mundo encontra sustentação na promoção de um ambiente de comunidade onde há busca pelo sentimento de que sejam todos os indivíduos tratados igualmente com respeito e dignidade. Referências há à necessidade que tem toda pessoa de trabalhar em ambiente que promove a igualdade de oportunidades, sem práticas preconceituosas, discriminatórias, como as de assédio.

Ao atingirem com a sua operação vários ambientes legais e regulamentares ao redor do mundo, os membros do *Global Voices* são aconselhados a se familiarizar com a legislação local e observar detalhes relativos a viagens em diferentes contextos culturais.

Para a sua manutenção depende o *Global Voices* de bolsas, patrocínios, trabalhos comissionados e doações. A sua expansão rápida é admitida graças ao vínculo institucional e suporte financeiro do Berkman Center, do suporte da Reuters, da MacArthur Foundation, além da declarada energia e criatividade dos colaboradores. Apoios em termos de doações, patrocínios e suportes, fixos e eventuais, são apontados, a envolver outras organizações privadas. Contribuições financeiras voluntárias, de doadores independentes e do público em geral, são efetivadas através da Internet na página *Friends of Global Voices* (Amigos do Global Voices).

2.3 - Princípios e valores

Os valores do *Global Voices* estão expressos no que é denominado “Manifesto”, documento elaborado coletivamente pelos participantes da Conferência de 2004 e de muitos blogueiros espalhados por todo o mundo, nos seguintes termos:

Nós acreditamos na liberdade de expressão: em proteger o direito de falar – e o direito de ouvir. Nós acreditamos no acesso universal a ferramentas de expressão.

Para esses fins, queremos possibilitar que todo mundo que queira se expressar tenha os mecanismos adequados para fazê-lo – e qualquer um que queira ouvir e entender essa mensagem tenha os recursos para ouvi-la e compreende-la.

Graças a novas ferramentas, as formas de expressão não precisam mais ser controladas pelos que possuem os mecanismos tradicionais de publicação e distribuição, ou por governos que podem restringir a reflexão e a comunicação. Agora, qualquer um pode experimentar o poder da imprensa. Todos podem contar suas histórias para o mundo.

Nós queremos construir ligações entre as culturas e os idiomas que dividem as pessoas, para que elas se entendam mais profundamente. Procuramos trabalhar juntos e mais efetivamente, e agir de forma mais enérgica.

Nós acreditamos no poder da comunicação direta. O elo entre indivíduos de diferentes mundos é pessoal, político e poderoso. Nós acreditamos que o diálogo através das fronteiras é essencial para um futuro livre, justo, próspero e sustentável – para todos os cidadãos deste planeta.

Enquanto continuamos a trabalhar e a nos expressar como indivíduos, também queremos identificar e promover nossos interesses e objetivos comuns. Nós nos comprometemos a respeitar, assistir, ensinar, aprender e a ouvir o próximo.

Nós somos o Global Voices. (GLOBAL VOICES,b)

O Manifesto que define valores fundamentais do *Global Voices* reflete sentimentos de muitos identificados com o propósito de criar uma comunidade de blogueiros sustentada por ideais humanistas que afirmam a condição humana, em processo que reconhece potencialidades abertas por ferramentas tecnologicamente disponibilizadas no campo da Comunicação. Consagrado fica o sentido de construção de uma comunidade que abrange diversas culturas, diversos idiomas, o contexto de um mundo reconhecido nas suas diferenças.

Observa-se no articulado manifesto valorização expressa da liberdade de expressão, da comunicação direta, do elo entre indivíduos de todo o mundo. Faz-se referência à possibilidade que se tem de, com novas ferramentas, enfrentar um contexto no qual as formas de expressão são controladas por quem detém os mecanismos tradicionais de publicação e distribuição, ou por governos que podem restringir a reflexão e a comunicação. Todos, então, podem contar suas histórias para o mundo. E, mais do que isso, procura mostrar essa condição

para que qualquer um que queira ouvir e entender a mensagem transmitida tenha meios de assim fazer.

Um sentido de conversação global é estabelecido em contexto colaborativo, de ação conjunta em prol de um mundo livre, justo, próspero e sustentável. Compromisso se observa pela valorização das escolhas e atitudes individuais, mas, com ressalva de forma de agir mais enérgica na identificação e promoção dos interesses e objetivos comuns. Enfim, com os valores fundamentais que o impulsionam a se comprometer, o indivíduo no *Global Voices* é levado a respeitar, assistir, ensinar, aprender e a ouvir o próximo.

Quando considerado o campo da Comunicação, o *Global Voices* parece repetir com o seu manifesto, os anseios e a esperança de avanços mais elevados da humanidade em um quadro de circunstâncias difíceis, de complexos desafios do nosso futuro, admitindo com entusiasmo e criatividade oportunidades potencialmente abertas numa lógica de processos comunicacionais de interação, de participação, de cooperação ampla e profunda. Contexto que parece consagrar mesmo ideais dialógico-criativos, que repudia formas meramente discursivas de operações midiáticas. Que parece consagrar fundamentos básicos do exercício que determina finalidades nobres da criação e da comunicação, da comunicação humana.

2.4 - O movimento, a ação

Quando da conferência realizada em 2004 que serviu de embrião para a instituição do *Global Voices*, um dos seus cofundadores, Ethan Zuckerman, sustentava: “algo de grandes proporções está começando a surgir...O que realmente tenho curiosidade em descobrir é se não estamos em vias de nos tornar um movimento” (MacKinnon,2004).

O projeto avançou, cresceu em tamanho e escopo, tomou dimensões mesmo de um movimento, de uma ação internacional com aproveitamento das potencialidades abertas por ferramentas de comunicação digital, pela Internet, que veio a determinar um aumento impressionante no número de blogs, do registro frequente de informações na rede conectada, e, com isto, a possibilidade de diálogo entre pessoas e delas com o mundo exterior, em processo onde se pode vislumbrar a dispensa do uso da mídia dita tradicional carregada com seus discursos.

O *Global Voices* avança num ambiente propício para quem acredita na liberdade de expressão, para o acesso livre à informação e que já conta, segundo seu Relatório Anual de

2012 (GLOBAL VOICES,c), com 1.300 escritores, tradutores e editores que produzem histórias em mais de trinta idiomas. São colaboradores espalhados por vários países que buscam atingir objetivo que passa por trabalho levado a efeito numa plataforma de edição *online* para que uma audiência global receba mensagens de forma instantânea, em tempo real, elaboradas localmente com uso das mídias digitais.

Colaboradores que abraçam o propósito do *Global Voices* de observar e amplificar vozes da blogosfera global, de coletar, resumir e contextualizar conteúdos de blogs de todas as partes do mundo, com ênfase naquelas vozes que não estão normalmente presentes na mídia tradicional.

O *Global Voices* recebe 500.000 visitas por mês (ZUCKEMAN,2013), considerando todos os diferentes idiomas e edições.

Na linguagem da Internet, com os seus desafios, *Global Voices* pode estar inserido no contexto do *Bridge-Blogging* ou “Blogagem-Ponte”, que vem a se constituir em nome dado “à atividade de blogar de modo a criar uma ponte entre dois grupos ou espaços distintos, geralmente pinçando conteúdos produzidos pelo primeiro grupo e agregando a eles material que permita a sua compreensão aos leitores pertencentes ao segundo grupo” (SPYER 2009:32). Blogueiros que constituem a comunidade do *Global Voices* escrevem, falam, sobre temas de seus países ou regiões para uma audiência global. O *Global Voices* agrega ideias e conversações de “bloqueiros-pontes”, fazendo seleção de uma gama de diversas manifestações expressas em mídias cidadãs.

Sendo central na ação do *Global Voices* a prática de pontes entre diversas culturas, estabelecida a sua dimensão global, o seu foco em blogs parece determinar sentido desta ferramenta de democratização de conteúdo, de espaço de conversações e de comunidade de relacionamento.

Busca o *Global Voices* manter coerência entre os objetivos que determinaram sua instituição e as motivações que direcionam o seu caminho. Parece ficar claro, assim, que há pontos unificadores, revelados, em linhas gerais, na importância alcançada pela língua inglesa no mundo e a sua fluência como ponto de partida para as suas ações; as referências destacadas ao universo dos blogs, ao ativismo e ao aproveitamento de potencialidades abertas pelas mídias digitais para a participação e interação; e, o sentido de organização com forte tendência a administração compartilhada.

Não se observam traços de comportamento típico de mídia tradicional na perspectiva de abordagem de temas originais, nem adota como prática corriqueira a citação remissiva de

textos publicados por tal mídia. O foco é a produção de conteúdo decorrente de moderadas e editadas coberturas de blogs e outras mídias cidadãs.

Agregar, contextualizar e amplificar são termos que parecem mesmo descrever o trabalho conjunto daqueles que atuam no *Global Voices*.

Ao considerar a predominância da mídia internacional de língua inglesa que ignora muito dos temas essenciais para os cidadãos do mundo, ao se criar pontes entre os abismos que dividem seres humanos, deseja o *Global Voices*, como já ressaltado, agregar, contextualizar e amplificar a conversação global *online*, direcionando holofotes para lugares e pessoas que outras mídias ignoram.

Há preocupação, então, de publicação de conteúdos que reflitam a descrição de determinado evento, na forma como o seu responsável expõe, seguido por coletas de opiniões e perspectivas de blogueiros e cidadãos a oferecer sentido de agregação. A contextualização parece se manifestar na possibilidade de valorização das histórias abrangidas num contexto maior que poderia ser, por exemplo, de categorização que é feita por idioma, região, palavras-chave, permitindo disponibilidade para diversas plataformas como o site, feeds RSS, Twitter. Com a amplificação talvez tenhamos a consagração que se quer oferecer às vozes que não estão sendo ouvidas, que não estão presentes ou são ignoradas pela mídia tradicional. Tal noção parece ainda mais fortalecida pelo âmbito de tradução de conteúdos que se estabelece.

O Global Voices se afirma em contexto de ação colaborativa, de cooperação. Autores, tradutores, editores e subeditores desenvolvem tarefa com o objetivo de promover a conversação global *on-line*.

Ação colaborativa admitida no âmbito do entendimento de que o melhor caminho para apoiar as mídias cidadãs emergentes em todo o mundo passa pela ideia de se visitar os blogs e sítios da web que são merecedores de destaque nas histórias selecionadas e presentes no *Global Voices*. “Milhões de pessoas mantêm blogs, podcasts, carregam fotos, vídeos e informação em todo o mundo, mas a não ser que saibamos onde procurar, pode ser difícil encontrar vozes credíveis e respeitadas” (GLOBAL VOICES,a).

A quantidade de informações produzidas pelo *Global Voices* é significativa. A comunidade não é formada apenas de ativistas e jornalistas. Muitos dos colaboradores são simplesmente pessoas que querem escrever sobre seus países, sua região, que querem fazer parte de uma comunidade internacional com pessoas de outras culturas.

Em contexto de uma rede interconectada do ambiente digital formada por diversos colaboradores, o *Global Voices* parece se constituir num veículo ideal destinado a levar a uma audiência global informações sobre temas que afetam a vida cotidiana dos autores blogueiros

na realidade em que estão inseridos. Parece oferecer sentido de encontro a anseios que atinge o coração da família humana quando consideradas questões vinculadas à superação de conflitos, preconceitos, desigualdades. Demonstra, assim, inserção na onda de avanços que se podem admitir em razão de potencialidades apontadas e abertas por tecnologias midiáticas digitais a favorecer interação e participação.

Os produtos editoriais do *Global Voices* alcançam, em processos tecnologicamente mediados, aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, com acento, é evidente, no propósito de cobertura de temáticas vinculadas a quem se encontra excluído ou não são ouvidos pela hegemônica mídia internacional. É conveniente notar que há disposição para limitada cobertura da realidade Norte Americana, da Austrália e de grande parte da Europa. Perseguem-se, assim, preceitos norteadores da instituição do *Global Voices* materializados na atenção para as vozes que raramente são ouvidas na grande mídia. É possível que blogueiros das áreas citadas sejam considerados se atendem a tal objetivo. Observam-se discurso de independência editorial e esforço de busca para postura apartidária e não confessional.

2.5 - Organização de conteúdo

Global Voices tipifica ou categoriza todo o conteúdo do sítio eletrônico levando em consideração regiões, países e tópicos. A razão para criar categorias de países, que segue lista de países do Wikipedia, é contribuir para tornar mais fácil a navegação para pessoas que buscam específica informação. Da mesma forma, tópicos indicam agrupamentos de conteúdo abordado para efeito também de facilitação de consulta.

Em forma destacada categorizada como cobertura especial (Special Coverage, na página principal na língua inglesa), são agrupadas e sintetizadas as coberturas mais extensas do *Global Voices* e que reflete as notícias mais citadas contidas em blogs e mídia cidadã ao redor do planeta. Como exemplo, no que se refere ao Brasil, há a cobertura das intensas manifestações populares ocorridas nas ruas do país em meados deste ano de 2013, constituindo-se como conteúdo a ser incorporado a este contexto de cobertura especial e também intitulado “Revolta do Vinagre no Brasil (Brazil’s Vinagar Revolt)”, fixado em alusão ao fato de que os manifestantes começaram a usar roupas encharcadas de vinagre como proteção contra as bombas de gás lacrimogêneo lançadas pela polícia para dispersar a multidão em 13 de junho de 2013.

O *Global Voices* tem um espaço virtual para que a comunidade que dele participa possa compartilhar e criar documentos, diretrizes e guias, voltadas a estilo, como, também, para discussão dos seus objetivos comuns. Tal espaço tem sua denominação que já identifica formato: “*Global Voices Wiki*”. A página eletrônica para sua consulta está disponível em: http://wiki.globalvoicesonline.org/article/Main_Page.

Os seus diversos colaboradores se servem de guias e diretrizes, documentos de referência que visam ajudar a comunidade a garantir padrões editoriais em todo o seu sítio eletrônico. No que se refere a autores, guia para consulta está disponível em: http://wiki.globalvoicesonline.org/article/Category:GV_Guides.

Autores estabelecidos nas mais diversas regiões do mundo, versados nos seus idiomas e com conhecimento das suas realidades culturais regionalmente afirmadas, realizam tarefa de agregar conversas verificadas no ambiente virtual, em esferas da blogosfera mapeadas em termos regionais ou linguísticos. Conteúdo, artigos, são produzidos. Comentários são admitidos. Processo de tradução é efetivado através do Projeto Língua (Project Lingua), operado por tradutores voluntários, que amplifica as histórias publicadas em línguas outras além do dominante inglês. Como possibilidade aventada, contextualizado fica quem desconhecia a realidade abordada.

Um papel decisivo nesse processo é desempenhado por editores que comandam equipes de autores voluntários que relatam a partir de blogs e mídias cidadãos de suas regiões ou idiomas.

Um guia, disponibilizado pelo *Global Voices* na rede mundial de computadores, em http://wiki.globalvoicesonline.org/article/Editor_Guidelines, oferece ideia sobre o trabalho desenvolvido pelos editores. São diretrizes que dão uma visão geral das suas responsabilidades no contexto dos objetivos do *Global Voices*. Mostra que além de editar e publicar mensagens ou traduções, os editores também recrutam e treinam novos autores e tradutores e são responsáveis por manter os voluntários motivados, felizes com a tarefa. Há indicação de metas a serem cumpridas.

Reconhece *Global Voices* que o mundo não pode ser apenas considerado em razão de divisões por regiões. A questão linguística, do idioma, é decisiva também neste aspecto. Assim, no seu contexto primariamente definido na língua inglesa que se constitui em seu elemento de referência linguística e caracterizador do endereço eletrônico considerado como o seu principal, há funções editoriais no *Global Voices* a envolver editores por regiões e por idioma ou língua, estes ainda considerados em razão da produção de mensagens originais na língua determinante do autor do conteúdo, independentemente do aspecto geográfico, e os que

trabalham diretamente para projeto de tradução sem a vinculação com aspectos de linguagem mais específica.

Atualmente, existem nove editores que são responsáveis por monitorar e destacar conteúdo significativo da blogosfera das seguintes regiões: Caribe, Ásia Central e Cáucaso, Europa Central e Oriental, América Latina, Oriente Médio e Norte da África, Nordeste da Ásia, Sudeste da Ásia, África Subsaariana.

Há hoje editores de linguagem direcionados especificamente para o universo linguístico do Árabe, Catalão, Chinês, Francês, Japonês, Persa, Português, Rússia / Bielorrússia / Ucrainiano, Espanhol, Coreano.

No que concerne a projeto de tradução, que abre linha de comunicação com aqueles que não falam a língua inglesa, há atualmente sítios eletrônicos do *Global Voices* em: albanês, árabe, aymara, bangla, búlgaro, catalão, chinês, dinamarquês, holandês, francês, alemão, grego, khmer (cambojano), húngaro, indonésia, italiano, farsi, japonês, coreano, macedônio, malgaxe, myanmar (Birmânia), polonês, português, russo, sérvio, espanhol, suaíli, sueco, turco, urdu. Atualmente procura o *Global Voices* editores voluntários para sítios eletrônicos em filipino, hebraico e híndi, o que demonstra a atenção que é dada à expansão de tal propósito que, em síntese, determina sentido de amplificação de vozes a que se propõe.

Todo o conteúdo do *Global Voices* é possível compartilhar. Ele é publicado no contexto do *Creative Commons Attributions-Only license*. Em caso de uso é necessário atribuir o *Global Voices* e o autor claramente com a fonte original.

O *Global Voices* tem sido fonte de muitas matérias da mídia tradicional e há uma página no seu sítio eletrônico, em inglês, que registra em arquivo tais citações (www.globalvoicesonline.org/about/media-archive).

Desde o início do projeto são realizados encontros presenciais, geralmente conferências, cúpulas ou reuniões com a participação de colaboradores, técnicos, acadêmicos e também de inovadores e inspiradores ativistas da mídia cidadã, pessoas de diversas partes do mundo, para discutir, compartilhar informações e definir rumos ou caminhos a seguir. Trata-se de iniciativa que tem se tornado em importante e regular evento para *Global Voices*. Já foram realizadas sete destas conferências, a saber: Londres – 2005; New Delhi – 2006; Budapeste – 2008; Beirute – 2009; Santiago/Chile – 2010; Tunísia – 2011; Nairobi/Quênia – 2012. Existe página eletrônica específica que registra em inglês, detalhes sobre conferências até então realizadas (www.globalvoices.org/about/annual-summits).

Na sua página na Internet é possível verificar, em termos de justificativas para a realização de tais eventos presenciais, o seguinte: “Uma comunidade virtual que trabalha em conjunto às vezes necessita de encontros cara-a-cara e se divertir juntos também”⁽²⁾. Para quem dedica tanto tempo para experiências virtuais, a ideia de valorização de encontros “cara-a-cara” parece indicar caminho para reflexão mais profunda sobre a extensão do papel dos processos midiáticos. Talvez implique mesmo na necessidade de considerar que a comunicação tem eixo essencial na sua compreensão expressa em sentimento que vai mais além do elemento tecnológico, que segue na direção de que há uma dimensão humana a ser considerada.

Os meios de comunicação parecem mesmo se constituir potencialmente em instrumentos a determinar influência na nossa interpretação dos fatos e na nossa compreensão do mundo na amplitude de sua diversidade. Mundo de muitos povos, raças, línguas, crenças, culturas, enfim, admirável mundo das diferenças. A comunicação evidentemente se apresenta com pontos de vista e imagens, estas tão proeminentes no contexto de centralidade da comunicação no atual estágio civilizatório, como possibilidade aberta e dinâmica para a cooperação e a harmonia entre os seres humanos e suas comunidades.

Em tal circunstância, a tensão entre discurso e diálogo é questão que parece merecer devida atenção. O estabelecimento de contexto dialógico-criativo se impõe como necessidade a permear o universo midiático. Modos de operação que determina proeminência de discursos parecem merecer questionamentos profundos a implicar na valorização de formas participativas e interativas que permita consubstanciar, nas diferenças, a necessária harmonia, a cooperação, o contexto dialógico que visa consagrar a comunicação como necessidade verdadeiramente humana.

A opção por enfoque global, de mundo ampliado que se faz no presente esforço acadêmico, tenta conduzir, então, com o contexto do seu *corpus* empírico, para a contribuição essencial que se indica em termos de abarcar sentimento de superação de distâncias que separam povos, seres humanos. Seres humanos que precisam saber do seu mundo, precisam livremente de informações, precisam se comunicar, precisam entender para se comunicar. Certamente, “é conversando que a gente se entende”.

A experiência do *Global Voices* parece permitir ressaltar a admissão do contexto de prática social da comunicação em um ambiente midiático. E ao assim ser constatado, parece reafirmar a importância da conectividade entre comunicação, sociedade e cultura.

Ao se pensar, em prática social, necessidade parece haver de se pensar em transformação social, em processo de construção humana como mecanismo constitutivo da própria concepção de cultura.

Talvez seja mesmo possível admitir que cada vez mais a informação e o conhecimento determinam a criação de riqueza, a transformação social e o desenvolvimento humano. Parece ser preciso pensar, então, em ação, em movimento humano a determinar a sociabilidade ou o que se denomina de social. O *Global Voices* parece oferecer uma contribuição essencial neste contexto, contribuição esta que avança na sua dimensão e escopo com admissão de projetos agregados à sua ideia inicial.

2.6 - Projetos Adicionais

Em adição à sua atividade principal, o *Global Voices* estimula e desenvolve projetos estabelecidos no contexto de responder a demandas vinculadas a seu objetivo e a adaptar o potencial criativo da própria comunidade com ele envolvida. Muitos destes projetos têm crescido e se tornado sítios eletrônicos com suas próprias comunidades.

No manifesto que detalha princípios e valores da iniciativa levada a efeito no ambiente digital que constitui o *Global Voices*, é possível verificar a crença no poder da comunicação direta; no elo entre indivíduos de diferentes mundos; no diálogo através das fronteiras como fator determinante para um futuro livre, justo e sustentável para todos os seres humanos. Determinação há, então, para um trabalho contínuo que possa identificar e promover os interesses e objetivos abraçados, em processo que envolve compromisso com o respeitar, assistir, ensinar, aprender e ouvir o próximo.

Observa-se neste contexto, então, o desenvolvimento de projetos que aparecem como extensão da sua ação motivadora com presença no cenário global. Alguns deles são desenvolvidos em conjunto com outras instituições. Destaque há para o já comentado Projeto Língua (*Língua Global Voices Translation Project*), mas, outros existem como o *Global Voices Advocacy*, *Rising Voices*, *Global Voices Books*, *The Technology for Transparency Network*, *RuNet Echo*, *Voices Without Voices*, *Human Rights Video Hub*.

O Projeto Língua ou *Global Voices Translation Project* parece merecer mesmo destaque. Tal projeto teve inspiração na conferência anual do *Global Voices* realizada em 2006 em New Delhi, na Índia, que teve foco na forte ênfase sobre línguas e tradução. Ele tem

base no âmbito da busca de amplificação de vozes, das vozes não ouvidas, ignoradas na conversação global *on-line* que determina o objetivo do *Global Voices*. Amplificação das histórias dos excluídos pelos canais midiáticos tradicionais, na direção de línguas outras que não o Inglês com ajuda de tradutores voluntários. O projeto abre uma linha de comunicação com aqueles que não falam o idioma inglês e seus leitores pela tradução de conteúdo em outras línguas.

No sumário de tal conferência, disponível em: www.gvdelhi2006.wordpress.com, que tinha como questão central ou tema a busca de reflexão sobre como se usar a Internet para construir um mais democrático, participativo discurso global, como devemos criar uma mais inclusiva conversação sobre o que está acontecendo no nosso planeta e como os seres humanos em diferentes partes do mundo estão impactando cada outro, é possível verificar justificativas para a instituição do Projeto Língua, onde há consideração sobre o fato de que mesmo alguém tendo acesso à Internet e possuindo instrumentos para exercer ação ou se expressar num blog um principal fator que limita as conversações globais são as barreiras linguísticas.

O processo de tradução no contexto do *Global Voices* evolui com o próprio passar do tempo de presença de tal experiência, pela história de eventos que consagra o projeto na sua forma atual, mas, decisivamente, parece certo, ele se encontra na essência de sua instituição. No seu início, há indicação de ser a tradução um ponto crítico, o processo foi se aperfeiçoando com discussões abertas, compartilhadas, até se chegar ao formato estruturado pelo específico Projeto Língua, que culmina, junto com os tradutores voluntários, com a contratação de tradutores para a cobertura necessária à produção de conteúdo em determinadas línguas na abrangência de suas peculiaridades.

Neste contexto, a atual organização estrutural do *Global Voices* determina a sobreposição de cobertura de processo de tradução efetivado levando-se em consideração regiões, cobertura geográfica, e de idiomas.

A tradução da mesma notícia, do mesmo conteúdo, para diversos idiomas é, certamente, uma contribuição essencial para salvar as distâncias dos povos, dos seres humanos. Observa-se, assim, que *Global Voices* está continuamente expandindo seus serviços para incluir mais idiomas no contexto do seu Projeto Língua. Convém salientar que após o primeiro ano de criação de tal projeto cinco idiomas eram traduzidos no *Global Voices* com a instituição de específicos sítios eletrônicos, hoje este número é de cerca de trinta.

O Projeto *Advocacy (Global Voices Advocacy)* busca construir uma rede global de combate a censura a blogueiros e ativistas *on-line* em todo o mundo em desenvolvimento,

sendo dedicado, assim, a proteger a liberdade de expressão e o livre acesso à informação *on-line*. Com a influência, rede de relacionamentos, conhecimento e as vozes que se deseja amplificar, objetivo é traçado com este projeto no sentido de oferecer relatos sobre ameaças a liberdade de expressão *on-line*, o compartilhamento de táticas para defesa do trabalho e da palavra dos cidadãos conectados e sustentar esforços para melhorar a política e práticas para a Internet diante de desafios que emergem.

O Projeto *Rising Voices*, visa estender os benefícios e alcance da mídia cidadã, ligando ativistas de mídia *on-line* em todo o mundo com apoio às suas melhores ideias. Busca empoderar comunidades sub-representadas para fazer com que suas vozes sejam ouvidas *on-line* com ações que passam até por atitudes que visam providenciar apoio financeiro ou garantias por menores que sejam para novos projetos, com desenvolvendo de uma série de ações participativas.

O Projeto *Global Voices Books*, aproveita o próprio rico arquivo do *Global Voices*, considerado na sua importância histórica, como fator determinante a merecer maior divulgação. Tal projeto cuida de montar e produzir livros eletrônicos, dossiês e publicações tópicas numa variedade de formatos sob licença *Creative Content*.

The Technology for Transparency Network (A Tecnologia para a Rede de Transparência, em tradução livre) é uma pesquisa participativa a envolver projeto de mapeamento visando obter uma melhor compreensão do estado atual de projetos de tecnologia *online* que aumentam a transparência, a responsabilidade de governo e engajamento cívico na América Latina, África Subsaariana, Sudeste da Ásia, Sul da Ásia, China e Europa Central e Oriental. O projeto é co-financiado pelo *Open Society Institute's Information Program e Omidyar Network's Media, Markets & Transparency*.

RuNet Eco é um projeto do *Global Voices*, financiado pelo Open Society Institute. O seu objetivo principal é ampliar e aprofundar a compreensão da Internet da Rússia (RuNet) e comunidades *online* relacionadas. Busca se tornar a principal fonte de informações objetivas, valiosas e abrangentes da Internet russa.

Há registros de que em 2008 *Global Voices*, na conformidade de encomenda feita pela Reuters, desenvolveu projeto de criação de um sítio eletrônico, denominado *Voices Without Votes* (Vozes sem votos), levado a efeito durante a campanha presidencial estadunidense de 2008, com objetivo de acompanhar a conversação *online* global sobre a política dos Estados Unidos e a política externa. Este projeto tem como subtítulo “Americanos votam. O mundo fala” (*Americans vote. The world speaks*), que na sua essência já deixa claro o que se pretendia acompanhar.

Claro parece ficar no desenvolvimento destes outros projetos, que os mesmos guardam coerência com uma unidade de propósito que indica vínculos do *Global Voices* com questões relativas à liberdade de expressão, ao ativismo, à exploração do potencial das mídias digitais em termos de interação e participação, bem como, quando considerado a organização ou administração das iniciativas, ao caráter de ações compartilhadas, na essência do virtual.

Observa-se que o propósito do *Global Voices* reside em agregar, contextualizar e amplificar a conversação global *online*. As expressões que se destacam – agregar, contextualizar e amplificar – parecem mesmo apontar as razões de ser do *Global Voices*, materializadas no objetivo da organização de acompanhar, cobrir e sumarizar o que está acontecendo no universo da blogosfera em todo o mundo, numa tentativa de lidar com fluxos globais de informação em ambiente distorcido onde as vozes das pessoas das regiões hegemônicas da América do Norte e da Europa Ocidental são desproporcionalmente amplificadas na mídia global.

Com os projetos abordados, parece ser possível observar que mais além das tarefas próprias do universo dos autores, editores, tradutores, que dão forma aos conteúdos presentes no *Global Voices*, há uma extensão de atividades estabelecidas em contexto de fortalecimento ou suporte para as condições necessárias de que seus objetivos primários sejam alcançados e que passa pelo desenvolvimento de ações sintetizadas nos propósitos dos projetos referidos.

Ao fazer referência a projetos adicionais desenvolvidos no contexto da iniciativa primária do *Global Voices* pretensão se estabelece em torno de busca da melhor compreensão dos seus objetivos. Certamente, muito há por considerar, por analisar principalmente quando necessário parece ser observar a relação contínua entre o fazer e o dizer.

2.7 - Dúvidas - Espanto

O pulso das coisas deste mundo parece que deve ser sentido pelo desenrolar dos acontecimentos, pela certeza de que no mundo se passa a todo instante uma infinidade de eventos. Há necessidade de aproximação do mundo e da vida, quando considerados os seus aspectos explícitos e implícitos, quando admitidos sentidos múltiplos, complexos. Dúvidas ao serem estabelecidas devem merecer atenção como processo estimulador do conhecimento, da compreensão, na aposta de que a compreensão faz compreender (KÜNSCH, 2010).

Talvez seja possível, então, seguindo no caminho da busca da compreensão que se pretende com este esforço acadêmico e admitindo contexto crítico, também revelar dúvidas, questionamentos quando considerado o objeto empírico da pesquisa.

Observa-se, por exemplo, que se trata *Global Voices* de um projeto editado. Há editores responsáveis pela seleção e contextualização de conteúdo, que supervisiona os autores ou os blogueiros de todo o mundo. Aos editores cabe escolher quais blogs aparecerá no sítio eletrônico do *Global Voices*. A princípio isto pode parecer conflituoso com a ideia de ambiente livre de formato mediado para divulgação de conteúdo que o próprio *Global Voices* sustenta.

Pode, talvez, servir tal constatação para reflexão mais abrangente que certamente pode caber nos estudos da Comunicação e que diz respeito ao fato de que parece não bastar ter espírito libertário e que, no mínimo, é preciso um apelo à discussão quando em evidência questões vinculadas à liberdade de expressão. O homem é um ser social, a sociedade parece que pode ser caracterizada por uma convivência ordenada. A liberdade se constitui em aspiração sublime própria do ser humano, essencial para o seu viver, assim como a comunicação. Mas será a liberdade infinita? Há limites para a liberdade?

O manifesto que determina princípios e valores do *Global Voices* sustenta que as formas de expressão não precisam mais ser controladas pelos que possuem os mecanismos tradicionais de publicação e distribuição, ou por governos que podem restringir a reflexão e a comunicação. Todos podem contar suas histórias para o mundo. As histórias a serem contadas para o mundo precisam, também no *Global Voices*, mesmo com seu espírito libertário, passar por processo de edição, seleção e contextualização. Os editores do *Global Voices* revêm todas as histórias antes de serem publicadas.

Mais do que duvidar de intenções de indivíduos envolvidos com a instituição do *Global Voices*, ou de qualquer outra iniciativa do gênero, parece ser conveniente também ressaltar a necessária reflexão a envolver os contornos do ambiente digital onde se afirmam tais iniciativas, onde se determina uma centralidade da própria comunicação, com proeminência de seus artefatos e das imagens técnicas, e assim tentar compreender atitudes que se fazem presentes em processos de dúvidas.

O ambiente que se observa no desenvolvimento de iniciativas como a do *Global Voices* é digital. O ambiente é digital, para o bem e para o mal. Assertiva que parece ser aplicada, historicamente, a outras criações humanas quando considerados avanços tecnológicos. Como já ressaltado na parte introdutória desta dissertação, parece claro que todas as ações, inclusive na Internet, têm um peso ético, são sujeitas a uma avaliação ética.

A indicação, por exemplo, de que qualquer um pode fazer comentários no *Global Voices*, mas que tais comentários só são divulgados após um processo de avaliação, de moderação, tem justificativa de que é preciso ser evitados spam, pornografia e manifestações de ódio (GLOBAL VOICES, d).

Observa-se que o *Global Voices* expressamente encoraja todos a agir com ceticismo ao haver aproximação com as informações de todos os blogs, incluindo a si mesmo, até se conhecer com mais profundidade preconceitos e fraquezas humanas que são admitidas como inevitáveis às pessoas que se manifestam em blogs. Da mesma forma, aponta para a necessidade de que não sejam desprezados pontos de vista de blogueiros que não se concorda, mas que eles sejam ligados num processo útil de compreensão de como as pessoas num país ou comunidade pensam (GLOBAL VOICES, d)

Verifica-se, também, que o *Global Voices*, apesar do reconhecimento das generosas doações voluntárias de cidadãos de todo o mundo, tem estrutura de suporte financeiro basicamente ainda fundamentado em contribuições de patrocinadores. No rol de patrocinadores (GLOBAL VOICES, e) observa-se que praticamente na sua totalidade eles estão estabelecidos em países que não constituem em seu foco de ação quando considerado a essencial questão de vozes excluídas da mídia hegemônica tradicional. Países que sustentam lógica política e mercantil na comunicação que dá razão a iniciativas como a do próprio *Global Voices*.

Global Voices foi lançado, como já observado, como um projeto do *Berkman Center for Internet and Society*, da *Harvard Law School*. O suporte institucional e financeiro deste centro de estudo tornou *Global Voices* possível. Ao longo de sua história diversas fundações vinculadas a ações filantrópicas, ditas humanitárias, de apoio a iniciativas direcionadas a inovações da mídia, da liberdade de expressão, de defesa de direitos humanos, têm apoiado editorialmente e contribuído financeiramente para a sua manutenção e desenvolvimento. São exemplos de fundações que assim agem: *MacArthur Foundation*, *Open Society*, *Ford Foundation*, *Knight Foundation*. Há também ONG como a holandesa *Hivos*. E também há empresas como Google, Yahoo! e a Reuters na lista de patrocinadores.

Parece mesmo ter o *Global Voices* capacidade de atrair financiadores importantes para o suporte do seu desenvolvimento. Observa-se que compõem a sua relação de patrocinadores significativas fundações privadas instituídas por expoentes da vida empresarial, na riqueza produzida pelo atual estágio do capitalismo, com suas convicções sobre o poder do mercado, tais como, Pierre Omidyar, da fundação *Omidyar Network*, criador do ebay, sítio eletrônico de leilões on-line e um dos maiores bilionários do mundo listados

pela Revista Forbes (FORBES,2013), bem como, o megainvestidor George Soros, com sua *Open Society Foundations*, também presente na mesma lista da Forbes.

Por outro lado, a Reuters é citada no *Global Voices* como principal apoiador editorial durante muitos anos. Relato de Ethan Zuckerman (2006), um dos co-fundadores do *Global Voices*, disponível em <http://globalvoicesonline.org/2006/04/14/announcing-our-alliance-with-reuters/>, dá conta, em 2006, do anúncio de aliança com a Reuters. Tal aliança, com uma empresa de mídia global do porte da Reuters, foi comemorada de forma entusiástica, havendo expressa referência ao gesto da empresa como uma generosidade a permitir expandir o alcance e a qualidade da informação disponibilizada gratuitamente para qualquer um que quisesse usá-la.

A Reuters sediou, na sua sede mundial em Londres, a primeira conferência do *Global Voices*, em 2005. Viabilizou com uma contribuição ao *Berkman Center*, que na época hospedava o *Global Voices*, a contratação em tempo integral do então seu editor-chefe. O relato de Zuckerman aponta na direção de uma grande oportunidade que se abria para ajudar a Reuters – e a comunidade global de mídia como um todo – para melhor entender a ação expressa nos blogs e o impacto da mídia cidadã na sociedade. A crença que se afirma tem fulcro no potencial que a informação, opinião e perspectivas transmitidas por blogueiros pode complementar trabalho convencional em torno de operações midiáticas, e que tal trabalho conjunto pode oferecer uma imagem mais precisa e representativa dos eventos e opiniões ao redor do mundo.

Global Voices ressalta sempre que a sua existência é possível graças à generosidade dos seus editores e colaboradores, bem como, dos seus patrocinadores. Observa-se que a Reuters é merecedora de menções especiais neste sentido. Há indicação que a Thompson Reuters forneceu apoio financeiro generoso até o final de 2008, hoje mantém parceria mais voltada apenas, pelo observado, para o campo editorial.

Parece evidente que o grande risco de aceitar contribuições principalmente financeiras do setor privado reside na perspectiva de percepção negativa em termos do comprometimento de discurso de independência que se afirma quando considerado os propósitos de uma organização como o *Global Voices*.

Entre outras, Google e Reuters, empresas gigantes com atuação no mundo da comunicação, são declaradas como patrocinadoras do *Global Voices*. Se nos concentrarmos apenas nelas numa análise a envolver questionamentos de tal situação, pelo significado que elas possuem para o contexto da comunicação, talvez possamos admitir mesmo dúvidas, ao

menos espanto, quanto a declarada independência que se sustenta em torno de iniciativa como a do *Global Voices*.

Ativamente afirmada pelo *Global Voices* é a sua independência manifestada pela defesa intransigente de seus propósitos de agregar, contextualizar e ampliar vozes globais, especificamente aquelas excluídas por sistema que abarca meios de comunicação tradicionais, e pelo apoio que recebe dos seus colaboradores em todo o mundo que confiam nestes propósitos.

A ideia que passa *Global Voices*, então, parece ser de aprendizado e compartilhamento de experiências e, neste contexto, parece ser possível compreender suas ações, mesmo aquelas relacionadas a patrocinadores, quando considerado sentido voltado para que seja dada oportunidade de que muitos falem e sejam ouvidos, de que se estabeleça até maior liberdade à controvérsia, aos desacordos como forma construtiva de se tentar a inovação e o comprometimento não-conformista.

Global Voices, com seus propósitos, conhece e reconhece a importância e a força dos blogs como instrumentos agregadores que permitem oferecer suporte à liberdade de expressão potencializada no universo da diversidade que marca o mundo.

Talvez o interesse de uma empresa como a Reuters, uma importante agência de notícias presente na vida mundial há mais de 150 anos, ao abrir seu horizonte para valorizar, até com aporte financeiro, iniciativa como a do *Global Voices* possa representar ato também de reconhecimento da força que representa os blogs, da necessidade de adaptação de modelo de negócio a uma nova realidade de se buscar inserção num mundo mais interativo, mais participativo quando considerado os processos midiáticos.

O fato de o *Global Voices* receber recursos de empresa privada como a Reuters, enquanto agência de notícias, que em tese poderia estar incluída no rol das questões a ser enfrentadas quando considerado os seus objetivos, notadamente no que concerne a quadro de domínio hegemônico do fluxo de informações e sua distribuição global em ambiente concentrador e que exclui vozes de determinados países ou regiões, talvez possa mesmo produzir espanto. O espanto certamente determina a necessidade de novos estudos.

2.8 - Esperança: o discurso e o diálogo

Iniciativas como a do *Global Voices* talvez possa representar esperança em torno de caminhos construtivos para as transformações possíveis que se desejam quando considerado o potencial que se observa com o ambiente tecnológico digital a permitir que a comunicação possa fluir onde mais necessária, onde a cidadania seja fortalecida, onde os seres humanos livremente possam dispor das informações para formar opiniões, construir diálogos, retroalimentados por novas informações. Interação, participação, cooperação são palavras de ordem neste contexto, que implica identificação de valores individuais com os públicos ou coletivos. Implica a capacidade de se identificar com o outro. Nada parece poder se dar, então, numa forma mecânica. Há que ser considerado o encontro com o humano.

No contexto da tensão entre discurso e diálogo, entre modos de operação de meios de comunicação discursivos ou dialógicos, o ambiente digital abre possibilidades, certamente, de formas interativas e participativas nos processos comunicacionais, a evidenciar quebras de paradigmas. Abre possibilidades para que vozes globais excluídas do cenário midiático possam ser ouvidas. Vislumbra-se, por exemplo, com o *Global Voices* oportunidade para ambiente dialógico-criativo, uma vez encorajada aproximação a informações produzidas em blogs que refletem realidades diversas, que reconhece o mundo nas suas diferenças. Mecanismo de expressão é estabelecido e aberta fica possibilidade de quem queira ouvir e entender mensagem transmitida.

A centralidade da comunicação na contemporaneidade determinada pela proeminência de meios de comunicação, de aparelhos disponibilizados e de imagens técnicas, parece conduzir a sentimento de vazio, de falta de reconhecimento de vetores de significação, de perda pelo homem de sua humanidade. Há, certamente, muito que se avançar para a superação de conflitos, desigualdades, exclusões. Assim, necessário parece ser refletir e agir em torno de questões a envolver a propriedade multiplicativa da comunicação considerada no contexto de mundo, de mundo ampliado, a permitir descobrir constantemente novos mundos, que ampliam os sentidos humanos, a escala humana de observação, a capacidade humana de compreensão.

O fortalecimento de ideais de conversação, considerado o âmbito planetário, que remete ao contexto do sensível, à apuração da sensibilidade, à nobreza do ser criativo materializado na capacidade de gerar coisas novas e originais parece ser questão decisiva no nosso tempo. Impulso criador certamente pode ser dado pela abertura a fluxo de informações

livre de amarras meramente discursivas, amarradas apenas ao sentido de existência do respeito dos pontos de vista, do diálogo, na profundidade de uma dinâmica cultural onde o tecido comunicativo admita o discurso e o diálogo em coexistência.

Em Vilém Flusser (2007) se encontra alerta pela predominância na contemporaneidade de discursos no contexto das operações midiáticas. Em espaços em que a unilateralidade da comunicação prepondera, diálogos ficam mais difíceis. Comprometida fica a comunicação humana. Saídas para tanto poderiam ser vislumbradas no contexto mesmo dos aparatos tecnológicos disponibilizados em redes conectadas. Assim, como aponta o próprio Flusser, pode ocorrer, por exemplo, com a concepção do que denomina como “sociedade telemática”, observada na perspectiva da pluralidade, do encontro e do diálogo. Talvez se esteja a pensar em perspectiva utópica, mas, parece ser possível não deixar de ter esperança, de pensar no que pode se constituir num projeto de um amanhã.

Ao pensar em Vilém Flusser, condição se estabelece para pensar a teoria da comunicação observada pelo caráter humanístico, que coloca no centro do processo o ser humano, com seu desenvolvimento histórico e cultural, com sua necessidade fundamental de se comunicar, num contexto de influência dos aparatos tecnológicos fixados na concepção de meios de comunicação.

Melhor, então, parece mesmo neste momento, na busca da compreensão pretendida, considerar o pensamento de Vilém Flusser na condição que o consagra como *corpus* teórico deste esforço acadêmico.

CAPÍTULO 3 - A COMUNICOLOGIA DE VILÉM FLUSSER. SOCIEDADE PROGRAMADA E SOCIEDADE CRIATIVA

Vilém Flusser observa:

Para produzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação. Essa é a forma de comunicação dialógica. Para preservar, manter a informação, os homens compartilham informações existentes na esperança de que elas, assim compartilhadas, possam resistir melhor ao efeito entrópico da natureza. Essa é a forma de comunicação discursiva. (FLUSSER,2007:97)

Em Flusser, podemos constatar, então, que a resposta que poderia ser dada à pergunta “o que é comunicação?” se enquadra dentro de contexto que privilegia a distinção entre comunicação dialógica e comunicação discursiva, fundada em parâmetros que passa pela produção, armazenamento e compartilhamento de informações.

Tal contexto parece merecer uma reflexão mais profunda, quando considerada a compreensão do fenômeno da comunicação, ao se observar a experiência do viver em universo de um “oceano de signos e mensagens” (MARTINO, 2007:9), de um “oceano de informações” (MARTINO,2005:15).

No contexto de uma centralidade da comunicação na contemporaneidade, determinada por avanços tecnológicos, que chega ao ambiente do digital, a massificação dos espaços multimidiáticos se potencializa, num processo que se apresenta, parece conveniente ressaltar, na estreita relação entre tecnologia e mercado.

Flusser, parece já indicar, com sua concepção de comunicação humana, perspectiva que contempla sentido a denotar mais amplamente que “a estrutura da comunicação é regida por um grande número de variáveis” (MARTINO, 2005:14). Parece interessante, então, ao admitir contexto de prática social, deixar patenteada a estreita vinculação entre comunicação e cultura.

Sustenta Flusser uma noção de comunicação humana que parece admitir um aspecto humano nobre fixado no campo da sensibilidade, das opiniões e sensações. Parece afirmar

convicção da importância da relação entre o sentir, projetar e o criar na comunicação, no contexto da produção, armazenagem e transmissão de informações.

Por outro lado, a abordagem original sobre comunicação discursiva e comunicação dialógica, a distinção estabelecida entre o discurso e o diálogo que se observa em Flusser, parece se constituir em questão a merecer atenção e a justificar interesse de análise em reflexão que considera posturas humanas manifestadas no universo das tecnologias midiáticas digitais, a determinar na atualidade a formação de redes sociais conectadas.

Na dimensão da filosofia de Flusser, com a possibilidade de sua adequação aos nossos dias, talvez seja necessário, então, dedicar foco ao que ele sustenta, a saber:

Nunca antes na história a comunicação foi tão boa e funcionou de forma tão extensiva e tão intensiva como hoje. O que as pessoas pensam é na dificuldade de produzir diálogos efetivos. Isto é, de trocar informações com o objetivo de adquirir novas informações. E essa dificuldade deve ser conduzida diretamente ao funcionamento hoje em dia tão perfeito da comunicação, a saber, deve ser dirigida para a onipresença dos discursos predominantes, que tornam todo diálogo impossível e ao mesmo tempo desnecessário. (FLUSSER, 2007:98)

Na extensão de uma reflexão que engloba considerar diálogo e discurso implicados um no outro, ressaltando uma importante diferença presente na noção de comunicação, avança, então, Flusser, para enfrentar e justificar, a título de exemplo, a tão “conhecida queixa de que ‘não se pode mais comunicar’” (FLUSSER, 2007:98).

3.1 - Mundo Codificado

Avança Flusser, no caminho que parece fortalecer o sentido da comunicação estabelecido não como um conceito abstrato e sim como compreensão das coisas que estão acontecendo. Considerando caráter humanístico da comunicação, sustenta que processos comunicacionais ocorrem no reino da cultura, no campo das relações, onde cada parte depende da outra, com processos que buscam dar significação à vida.

Ressalta, então, Flusser:

Pode-se afirmar, na verdade, que a comunicação só pode atingir seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado à vida, quando há um equilíbrio entre discurso e diálogo. Como hoje predomina o discurso, os homens sentem-se solitários, apesar da permanente ligação com as chamadas “fontes de informação”. E quando os diálogos provincianos predominam sobre o discurso, como acontecia antes da revolução da comunicação, os homens sentem-se sozinhos, apesar do diálogo, porque se sentem extirpados da história.(FLUSSER, 2007: 98)

Flusser ao assim proceder parece querer deixar claro que “toda estrutura social pode ser encarada como engrenagem de diálogos e discursos” (FLUSSER, 2008:88). Faz referência a equilíbrio, consciente de uma utopia. Chega a afirmar, quando cita a engrenagem de diálogos e discursos, que “o equilíbrio entre os dois é utopia” (FLUSSER, 2008:88).

Assim pensa, mas demonstra otimismo. Pensa com a ideia de projeto, “um termo muito apreciado por Flusser” (ZIELINSKI, 2011:8)) revelado na conformidade de que “para ele, ‘projeto’ era o conceito contrário ao do sujeito clássico da modernidade. Projetar o mundo significa criá-lo novo ou ao menos diferente, ‘projetá-lo’ na acepção direta (arquitetônica) do termo” (ZIELINSKI, 2011:8). Maravilhoso parece ser mesmo termos consciência da necessidade de pensar em criar um mundo novo ou ao menos diferente.

Parece interessante observar que o contexto abordado por Flusser para a comunicação humana traz a palavra “esperança” bem destacada. Oferece talvez o filósofo ideia de esperança como sentimento humano do que pode vir a ser. Ressalta a “esperança” dos homens em sintetizar novas e compartilhar existentes informações como melhor forma de resistir ao efeito entrópico da natureza (FLUSSER, 2007:97). Dá desde logo Flusser uma indicação mais abrangente de um contexto que não considera a teoria da comunicação como uma ciência natural. Oferece perspectiva de compreensão da teoria da comunicação com enfoque direcionado ao engajamento essencial com o humano, com a essência da ação humana que constitui o ato de comunicar (MARTINO, 2007:103). E, parece ser importante repetir, “só é possível agir a partir de informações” (Idem:103).

O caráter humanístico da comunicação em Flusser é assegurado ainda na abrangência reservada para tal fenômeno como pertencente ao contexto das disciplinas das humanidades, aquelas “relacionadas com os aspectos não naturais do homem, que já foram conhecidas como ‘ciências do espírito’ (Geisteswissenschaften)”(FLUSSER, 2007b:89).

Aponta Flusser, assim, com sua filosofia, que “os homens comunicam-se uns com os outros de uma maneira ‘não natural’: na fala não são produzidos sons naturais, como, por exemplo, no canto dos pássaros, e a escrita não é um gesto natural como a dança das abelhas”

(FLUSSER, 2007:89). Longe de condicionamento ou de determinismo biológico, comum aos demais seres vivos, na comunicação se configura a específica condição humana.

Em decorrência da afirmada condição artificial da comunicação humana, em Flusser há ideia de um universo de códigos, de um mundo codificado. O homem exerce a sua capacidade de criar o novo tendo em mente a força do significado das suas representações.

Somos conduzidos a enfrentar, então, a questão que determina um caráter de disciplina interpretativa da teoria da comunicação. Na realidade, em Flusser, a comunicação não pode ser apenas explicada, ela tem que criar significados. “A comunicação humana será abordada como um fenômeno significativo e a ser interpretado”(FLUSSER, 2007:92).

Aliás, Flusser adotou o critério de pensar que consagra o contexto de metodologia fenomenológica, que considera o observar. Observar o que ocorre no mundo, onde cada um de nós constrói uma parte do conhecimento. Considera, então, as “relações entre ‘observadores’, isto é, entre sujeitos” (FLUSSER:201:155). A concepção de que a realidade se constitui numa maneira de perceber o mundo é destacada a partir da seguinte imagem: “a realidade, este conjunto de dados brutos, está lá, dada e brutal, próxima do intelecto, mas inatingível. Este, o intelecto, dispõe de uma coleção de óculos, das diversas línguas, para observá-la. Toda vez que troca de óculos, a realidade ‘parece ser’ diferente” (FLUSSER, 2004:52-53).

O caráter artificial da comunicação humana, “que nem sempre é totalmente consciente”, é, em Flusser, um processo desencadeado por meio de “artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos” (FLUSSER, 2007:89).

Ao estabelecer proeminência de forma de comunicação não “natural” ele nos conduz para a ideia de um mundo codificado que represa informações adquiridas a partir de símbolos ordenados, e que afirma “um tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada” (FLUSSER, 2007:90).

No campo do agir humano, o objetivo da comunicação, com seu caráter artificial, em Flusser, representa um esforço para esquecimento de um mundo da “natureza” que condena o homem a um insignificante contexto de solidão e morte, ou seja, que nos leva a

fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da ‘natureza’...Em suma, o homem se comunica com os outros. Ele é um ‘animal político’, não porque ele é um animal social, mas porque ele é um animal solitário, incapaz de viver na solidão. (FLUSSER, 2007/90.91)

A fortalecer o entendimento da condição artificial da comunicação humana, indica Flusser o que caracterizaria uma “segunda natureza” do homem, aquela que corresponde a um sentido de construção de um mundo cheio de significados, diferente da biológica “primeira natureza”, a qual, “sem sentido, sem significado”, condena o homem simplesmente à solidão e à morte. Assim, “a comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte” (FLUSSER, 2007:90).

E neste processo que envolve questionamento e negação da possibilidade de se viver com esse conhecimento da solidão fundamental e sem sentido, sustenta Flusser que a “comunicação humana tece o véu do mundo codificado, o véu da arte, da ciência, da filosofia, da religião, ao redor de nós, e o tece com pontos cada vez mais apertados, para que esqueçamos nossa própria solidão e nossa morte, e também a morte daqueles que amamos”. (FLUSSER, 2007:91)

A comunicação humana para Flusser é “um processo que corre contra a tendência da natureza à entropia” (FLUSSER, 2007:94). Ou seja, para Flusser reforçado fica sentido de que a comunicação humana é artificial, decisivamente neguentropica, uma vez que ao contrário dos fenômenos naturais, os seres humanos com ela conseguem desenvolver uma forma de reverter a situação que os físicos denominam de entropia, caracterizado por processo de perda de calor e a degradação dos sistemas (MENEZES,2011:54);

Salienta Flusser, que “o homem não é o único epiciclo¹ negativamente entrópico, na linha geral da natureza rumo à entropia, mas ele parece ser o único capaz de produzir informações com o propósito deliberado de se opor à entropia” (FLUSSER, 2011:68).

Ante o sentido provável da natureza como um sistema caracterizado pela entropia, “que tende de maneira absurda à morte térmica”,² por um caminho natural do “viver” que leva o homem e as coisas “pelo tempo e com o tempo rumo ao perecimento” (FLUSSER, 2007:69), a comunicação humana é capaz de produzir situações improváveis desse caminho natural, com a troca de informações pelas pessoas ou por meio de um canal comunicante.

¹ “A palavra ‘epiciclo’ comparece muitas vezes na obra de Flusser. Ele chama de volta a metáfora... espiral e do círculo... No lugar da linha reta que Flusser associa a uma perspectiva altamente problemática da história, como a do crescimento contínuo e do progresso linear ininterrupto – ou, para usar termo já mencionado, como o desenvolvimento de um pensamento voraz e agressivo que conquista e assimila realidade -, o círculo e a espiral representam perspectiva obviamente cíclica e baseada na repetição e na diferença, a qual corresponde, na obra do filósofo, ao termo ‘reflexão’, implicando movimento auto-crítico que se dá para trás e não para a frente”(GULDIN, Rainer, *in* Bernardo, Gustavo *et al*, Vilém Flusser uma introdução. São Paulo: Annablume, 2008, p. 84).

² Na conformidade de n. do T. inserida no contexto da obra FLUSSER, 2010: “*Wärmetod*, no original. A idéia de morte térmica advém da segunda lei da termodinâmica. Essa lei estabelece que a entropia tende a aumentar em um sistema isolado” (FLUSSER, 2010:27).

Assim, esclarece Flusser (2007:27): “informa-se (produzem-se situações improváveis) para contrapor o ‘espírito’ à matéria, que tende de maneira absurda à morte térmica. Esse ‘espírito’ penetra o objeto por ocasião do inscrever, para ‘dar-lhe vida’, isto é, torná-lo improvável”.

Passamos a admitir, então, o contexto de que “quanto mais improvável, mais informativo” (FLUSSER, 2010:27) se constitui o ambiente. Seguindo a tendência negentrópica, a comunicação humana “deve ser interpretada subjetivamente” (FLUSSER, 2007:96). Ao se tentar interpretar em vez de explicar, quando tratado o acúmulo de informações que caracteriza a comunicação humana como contranatural, afetado fica, estatisticamente, o pensar no provável que é próprio do contexto da entropia e passamos a ter em mente um processo improvável, embora possível, mas como um propósito humano, que não se manifesta pelo acaso e da necessidade, mas da liberdade (FLUSSER, 2007:94).

Para Flusser, então, “‘informação’ é a imagem refletida da ‘entropia’, ela é a inversão da tendência de todos os objetos (do mundo objetivo, em geral) incorrerem em situações cada vez mais prováveis e, por último, em uma situação disforme e o mais provável possível” (FLUSSER, 2010:27). Portanto, “pode-se dizer do gesto de informar que o objetivo de um sujeito se expressa ao negar a tendência objetiva para a entropia” (FLUSSER, 2010:27).

Flusser, enfim, ressalta a capacidade de armazenamento de informações de códigos elaborados humanamente contra a entropia. Distingue a “explicação” dessa capacidade de sua “interpretação”. Consagra o caráter de disciplina interpretativa da teoria da comunicação, ou seja, de “mostrar o que ela significa”. Acentua um ponto de vista humanístico. Aborda a comunicação humana como um fenômeno significativo e a ser interpretado capaz de mostrar aspectos diversos se submetido à análise em torno do humanizar e do naturalizar. Assegura, então, a expressão da liberdade humana. Trata a comunicação humana “como um fenômeno da liberdade” (FLUSSER, 2007:96).

Indica, Flusser (2007), que “o homem é um animal não natural”, e um animal social na medida em que aprende “a se servir dos instrumentos de comunicação”. Se assim não procede ele se caracteriza “como um idiota (na origem da palavra, uma pessoa privada, *Privatperson*)”. E complementa: “A idiotia, o ser-homem imperfeito, é falta de arte” (FLUSSER, 2007:89).

Caminha, Flusser, caracterizando a comunicação humana como processo artificial, no qual os indivíduos comunicam-se uns com os outros, influenciados pelos “artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos” (FLUSSER, 2007:89), ou seja, “influenciados pela cultura” (FLUSSER, 2007:90). O homem é afirmado como ser “capaz de transmitir e guardar informações não apenas *herdadas*, mas

adquiridas. Podemos chamar tal capacidade especificamente humana: *espírito* e seu resultado, *cultura*” (FLUSSER, 2011:68), conclui Flusser. Cultura e comunicação manifestam-se em contexto sistêmico de interdependência. “O chão que pisamos”, como diz Flusser (1983:12), a cultura que se constrói mediante a comunicação.

Na esteira do seu pensamento, noção mais ampla se configura em torno da necessidade humana de engajamento com a comunicação.

Considerando a comunicação humana do ponto de vista da existência (como tentativa de superação da morte por meio da companhia dos outros), ou então considerando-a do ponto de vista formal (como tentativa de produzir e armazenar informações), fica parecendo que ela entre outros aspectos, é uma tentativa de negar a natureza, na verdade tanto a “natureza” lá fora como também a “natureza” do homem. É por isso que estamos todos engajados na comunicação. (FLUSSER, 2007:94, 95)

No que tange ainda à ênfase que se observa em Flusser em termos de considerar a comunicação humana como negativamente entrópica, em ser ela “inatural, contranatural”, tal condição se afirma por ela se propor a armazenar informações (FLUSSER, 2007:93). “Pode-se afirmar que a transmissão de informações adquiridas de geração em geração seja um aspecto essencial da comunicação humana, e é isso sobretudo que caracteriza o homem: ele é um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas” (FLUSSER, 2007:93).

Ao elaborar posicionamento fundado em torno de abordagem que passa por contexto de produção e armazenamento de informações, das represadas informações adquiridas num mundo codificado ou num mundo construído, é bom repetir, a partir de símbolos ordenados, “com produção intencional de códigos” (FLUSSER, 2007:93), apresenta Flusser uma questão crucial: “como os homens decidem produzir informações e como elas devem ser preservadas?” (FLUSSER, 2007:96).

De forma didática oferece, então, a resposta que chega à importante e decisiva distinção já comentada entre comunicação discursiva e comunicação dialógica.

3.2 - A tensão entre discurso e diálogo

O “filósofo mostra a importante diferença entre participar de um discurso e participar de um diálogo” (MENEZES,2010:28), e isto é salientado levando em consideração um dos desafios da contemporaneidade que é justamente, a “dificuldade de produzir diálogos efetivos, isto é, de trocar informações com o objetivo de adquirir novas informações” (FLUSSER, 2007:98).

Em termos de condições da produção de diálogos efetivos, a título exemplificativo, conforme aponta Menezes (2011:55), Flusser, no texto “Política e Língua”, publicado em 1968 no jornal *O Estado de S.Paulo* e na coletânea *Ficções Filosóficas* (1998),

mostra que o diálogo pode ser concebido como uma situação na qual dois (ou mais) sistemas trocam informações por uma canal comunicante. Neste contexto, os sistemas são pessoas, as informações são as sentenças e o canal é uma língua. Para tal, enumera algumas condições prévias para o diálogo: (a) os sistemas não podem ser idênticos ou muito semelhantes; (b) os sistemas não podem ser inteiramente ou quase inteiramente diferentes; (c) um dos sistemas não pode englobar ou quase englobar o outro; (d) os sistemas devem estar abertos um para o outro. (FLUSSER, 2008:100)

No que se refere ao contexto de significação do diálogo, quando considerado as relações humanas, o enaltecimento da condição humana, parece mesmo ser de suma importância, principalmente diante do que ocorre nos nossos dias, atentar para o que nos brinda Flusser com o seu esforço criativo, na seguinte conformidade:

O diálogo é, pois, uma situação relativamente rara, e por isto, preciosa. Surge apenas quando dois sistemas diferentes, mas semelhantes, se abrem mutuamente, e quanto têm amplidão comparável. E cessa quando a troca de informação tiver assimilado os sistemas um ao outro. Enquanto dura, sentenças parcialmente redundantes e parcialmente ruidosas são transformadas em informação pelo receptor, cujo repertório e cuja estrutura ficam por isto enriquecidos. E provocam, no receptor, outras sentenças que são emitidas para enriquecer o parceiro. Este jogo é o único no qual ambos os jogadores saem ganhando enquanto dura. (FLUSSER, 1998: 101)

A original distinção entre diálogo e discurso estabelecida na teoria da comunicação de Flusser, entre duas formas de comunicação – a discursiva e a dialógica -, ressalta um sistema de estruturas da comunicação em condição que passa pelo seguinte âmbito: “(a) nenhuma das duas formas de comunicação pode existir sem a outra; (b) a diferença entre as duas formas é uma questão de ‘distancia’ da observação” (FLUSSER,2007:97).

A produção de um diálogo, então, pressupõe a disponibilidade de informações colhidas pelos participantes em razão de discursos anteriores. Por outro lado, para que o discurso aconteça, torna-se necessário que aquele que o profere, o emissor, tenha que dispor de informações produzidas em diálogo anterior. Declarada fica, assim, a total falta de determinação de precedência entre o diálogo e o discurso. Em termos de diferença que se estabelece com a observação, cada diálogo pode se caracterizar como discursos voltados para a troca e cada discurso como parte de um diálogo (FLUSSER, 2007:97).

Num mundo onde as portas da comunicação estão tão escancaradas, seguindo o que expressa Flusser (2007), “na forma tão extensiva e tão intensiva” como hoje ela funciona, é impressionante podermos ainda constatar a dificuldade de produção de autênticos diálogos, de se trocar “informações com o objetivo de adquirir novas informações”.

Há predominância, então, do discurso. E é conveniente, assim, repetir o que conclui Flusser: “Pode-se afirmar, na verdade, que a comunicação só pode alcançar seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado à vida, quando há um equilíbrio entre discurso e diálogo”. (FLUSSER,2007:98). A falta de tal equilíbrio torna “todo diálogo impossível e ao mesmo tempo desnecessário”, alerta Flusser (2007).

A condição humana é reflexão presente de forma extensiva no pensamento de Flusser. Ele pensa a comunicação humana sob um caráter existencial. Pelo filosófico viés de um alcance de objetivo que passa pela ideia do ser humano “superar a solidão e dar significado à vida”. Chega a sustentar expressamente que é possível “tentar compreender a atmosfera existencial que diferencia a participação no diálogo da participação no discurso, graças à crítica histórica, ao mesmo tempo estética, política e epistemológica” (FLUSSER, 2007:99).

A vida humana na contemporaneidade parece mesmo ser o foco de sua filosofia. Uma contemporaneidade marcada pela centralidade dos meios de comunicação, na forma como já observada, que leva a reflexões sobre fraturas, dores humanas.

Neste contexto que visa a compreensão de aspectos da comunicação humana, que tenta enveredar pela “busca das raízes dos processos de comunicação e nos estudos dos complexos sistemas digitais que marcam a contemporaneidade” (CHIACHIRI et al, 2012:24),

é conveniente ressaltar o propósito de oferecimento de abordagem que privilegia base cultural e antropológica.

Ao considerar contexto histórico de meios de comunicação, há evidências de que a “filosofia flusseriana tem um cunho antropológico” (HANKE, 2009:76). A condição humana na conformidade como inserida no seu pensamento parece mesmo encaminhar para uma necessária busca de sentido pelo que está a ocorrer opondo resistência a uma ordem determinista do mundo, à mera ideia de progresso linear, de progresso técnico inexorável, quase natural.

Incorporado o contexto de complexidade, diante da prática social da comunicação em um ambiente midiático, em sentido que abarca análise da comunicação como experiência cultural, e que reafirma a importância da conectividade entre comunicação, sociedade e cultura, parece ser mesmo interessante não esquecer o contexto histórico.

Flusser, como já observado, quando busca melhor esclarecer a distinção entre comunicação discursiva e comunicação dialógica, chega a fazer referência a diálogos provincianos que prevaleciam antes da revolução da comunicação e que não eram capazes de promover o objetivo da comunicação, uma vez presente o sentido redutor de primazia do diálogo sobre o discurso, quando necessário é o equilíbrio entre eles. Na atual revolução da comunicação, como salientado, prevalecem discursos.

Ressalta, ainda, expressamente Flusser:

A diferença entre discurso e diálogo e o conceito de equilíbrio entre ambos permitem perspectivas históricas específicas. É possível, por exemplo, distinguir períodos predominantemente dialógicos (como o *ancien regime*, como suas *tables rondes e assemblées constitutionnelles*) e períodos predominantemente discursivos (como por exemplo o Romantismo, com seus oradores populares e sua noção de progresso). (FLUSSER, 2007:98)

Ao dedicar atenção ao contexto histórico foco se estabelece no universo das projeções e desdobramentos futuros, no tecer a trama do futuro, questão que parece importante principalmente quando diante de propósito que envolve considerar a condição humana e a vinculação existente entre comunicação, cultura e sociedade.

Com o contexto histórico e pensando no tecer as tramas do futuro, convém ressaltar que deixa transparecer Flusser, que a comunicação humana sempre depende da mídia - o homem “precisa ‘mediar’ (*vermitteln*), precisa dar um sentido ao mundo”- (FLUSSER,

2007:130), e, assim, busca decifrar os códigos de materialidade disseminados sobre os seus aparatos.

Ao observar o quadro de falta do equilíbrio tão necessário à comunicação humana, que é capaz de decompor o tecido social, parece ser conveniente melhor analisar o contexto em que se apresenta o pensamento de Flusser no que concerne aos abalos nos métodos pelos quais os processos comunicativos se estabelecem, principalmente quando considerado o âmbito de produção e armazenamento de informações.

É possível verificar, então, que Flusser (1983) discorre sobre estruturas ou métodos de diálogo e discurso.

Os diálogos são classificados como circulares (exemplos: mesas redondas e parlamentos) ou redes (exemplos: sistema telefônico e opinião pública) (FLUSSER, 1983:58).

Os discursos, por sua vez, são teatrais (exemplos: aulas e concertos), nos quais os receptores cercam o emissor em forma de semicírculo; piramidais (exemplos: exércitos, igrejas e feudalismo), que ocorre com a distribuição da informação entre retransmissores, que a purificam de ruídos, para retransmiti-la a receptores; árvores (exemplos: ciência e artes), nas quais há a distribuição de informação pelo emissor entre círculos dialógicos, que o inserem em síntese de informações novas; e anfiteatrais, caracterizados pelo fato do emissor emitir a informação em direção ao espaço vazio, para ser captada por quem nele se encontra (exemplos: rádio e imprensa) (FLUSSER, 1983, 2011).

Salienta, ainda, Flusser (2022:69) que “a todo método discursivo corresponde determinada situação cultural: o primeiro método exige situação ‘responsável’. O segundo, ‘autoritária’; o terceiro, ‘progressista’; o quarto, ‘massificada’”.

Na conformidade do que expõe e como classifica os discursos, passa Flusser (1983) a analisar historicamente o domínio que se estabelece em torno do discurso e que tem proporcionado o indicado desequilíbrio da comunicação.

Expõe, então, Flusser o discurso teatral como o mais antigo, e que vem a se constituir naquele utilizado pelo patriarca que transmite os mitos da tribo à geração nova, bem como o discurso do avô que conta lendas aos netos. É um método de discurso em que há a possibilidade do emissor ser contestado e se vê obrigado ou com a responsabilidade de dar respostas. Exige o ser “responsável” (FLUSSER, 2011) e constitui-se, assim, em método aberto para o diálogo.

No período neolítico tardio de crescimento das cidades e dos seus empreendimentos coletivos, o que se pretende é a obediência e não o diálogo. Assim, o discurso piramidal se estabelece com o distanciamento do emissor em relação aos receptores. “*Relais*”, são

introduzidos entre o emissor e os receptores. O clima de tradição e religiosidade torna-se prevaente. Tal situação se expande para estruturas como a igreja, o Estado, o exército, os partidos políticos e as empresas. O diálogo torna-se difícil. O armazenamento de informações é privilegiado em detrimento da elaboração de informações novas.

Durante o renascimento, então, reformas são efetivadas e, com a eficiência da estrutura piramidal de certa forma preservada, busca-se abri-la para diálogos. Assim, os “*relais*” foram transformados em círculos dialógicos, conservando, entretanto, a organização hierárquica. Disso resultou o discurso em árvore, que veio a se impor como o característico da modernidade.

Uma vez substituídas as autoridades hierárquicas por círculos dialógicos, o discurso piramidal foi subdividido em ramos ou especialidades, que tendiam a se sub-ramificarem e a se entrecruzarem. Tal estruturação permitiu avanços com a dinâmica fértil para produção de informações novas, mas, por outro lado, trouxe problemas em termos de estabelecimento de códigos específicos só acessíveis para especialistas.

Traduzir as mensagens dos discursos em árvore para códigos socialmente decifráveis foi a solução encontrada para o problema enfrentado. A construção de aparelhos que “transcodam”(FLUSSER,1983:91) é o caminho adotado. Assim, surge o discurso anfiteatral, que caracteriza a atualidade com seus aparelhos de comunicação de massa que transcodificam as mensagens provindas das árvores da ciência, da técnica, da arte, da politologia, para códigos extremamente simples e pobres. As mensagens assim são irradiadas rumo ao espaço e, quem estiver sincronizado, sintonizado, programado para tanto, captará essas mensagens.

Flusser denomina os aparelhos que “transcodam” (FLUSSER, 1993) as mensagens de caixas pretas. Tais aparelhos resultam de transformação da sua estrutura original. Enquanto as árvores funcionam linearmente, os *media*, multidimensionalmente. “Se admitirmos que a linearidade é a estrutura da história, os *media* se apresentam como comunicação pós-histórica” (FLUSSER, 1983:62).

Convém ressaltar que Flusser assegura a existência das quatro formas de discurso, quando da análise da situação considerada atual. Salienta, entretanto, que os discursos teatrais (escolas, teatros etc.) e os discursos piramidais (Estado, partido etc.), estão em crise. Os discursos em árvore vão-se ramificando, em posição acoplada aos discursos anfiteatrais que “transcodam” (FLUSSER, 1983) suas mensagens. “Destarte os *mass media* estão se tornando fontes preferenciais das informações disponíveis. São eles que codificam o nosso mundo. Vivemos em clima de pós-história” (FLUSSER, 1983:62).

Historicamente analisa Flusser a situação de desequilíbrio da comunicação humana, com a perspectiva de decomposição do tecido social. E se de história estamos a tratar, parece que temos condições, ainda de avançar, seguindo o próprio Flusser, na busca da observação de fenômenos traduzidos numa espécie de história da cultura em processo vinculado de forma mais estreita à história da técnica, como forma também de agregar conhecimentos na análise que se objetiva em torno de aspectos da comunicação. Com seu esquema teórico, Flusser chega a caracterizar transição de momento histórico-cultural refletido também num momento tecnológico.

3.3 - Escalada da abstração

Sustenta Flusser (2008:15), que “somos testemunhas, colaboradores e vítimas de revolução cultural cujo âmbito apenas adivinhamos. Um dos sintomas dessa revolução é a emergência das imagens técnicas em nosso torno” (FLUSSER,2008:15).

Ao abordar este contexto revolucionário contemporâneo propõe Flusser “um modelo ‘fenomenológico’ da história da cultura, um modelo que não visa validade geral mas apenas servir de gancho sobre o qual se possa pendurar o problema das tecno-imagens” (FLUSSER,2008:18).

O afastamento, alienado, do homem do mundo concreto se constitui em foco que não se estabelece linearmente, conforme esclarece Flusser (FLUSSER, 2008:18). Ele oferece ideia de um caminho rumo à abstração na história da humanidade. Uma sequência de passos de subtração, que leva à ideia teórica de ausência de dimensões, ou de ausência total de valores, que culmina no estágio de predominância do que é denominado pelo filósofo como imagens técnicas, aquelas produzidas por aparatos tecnológicos.

Indica, então, períodos históricos determinados pela evolução das mídias. Determina o contexto de pré-história, história e pós-história, tentando contemplar desde as sociedades anteriores – orais e imagéticas, com desenhos ou imagens pictóricas - (Pré-história), passando pelas sociedades apoiadas na escrita (Histórica), até as circunstâncias atuais (Pós-história), as culturas influenciadas pela aparelhagem técnica, pelas imagens técnicas (HANKE, 2009:75).

Estabelece Flusser, a história dos meios de comunicação na noção de “escalada da abstração” ou de subtração de dimensões perceptivas, na medida em que considera experiências em torno da comunicação tridimensional (com o corpo), da comunicação

bidimensional (as imagens), da comunicação unidimensional (o traço e a linha da escrita) e a comunicação nulodimensional (o número, os algoritmos das imagens técnicas) (MENEZES, 2005:9).

Percorre Flusser a evolução dos meios de comunicação, com traços no seu caminho teórico que parece evidenciar atenção a efeitos antropológicos e busca agir em contexto de teoria comparativa. Leva em consideração, assim, culturas primitivas. Faz abordagem que envolve desde as formas mais primárias até as mais atuais, as imagens técnicas, utilizadas pelo homem no universo da comunicação.

Acolhe o contexto do estado primordial de modo de vida natural do homem e o seu processo de emancipação gradativo através do desenvolvimento dos meios de comunicação, das suas crises sofridas com o aparecimento de novos sistemas de comunicação. Chega a alertar que “como a estrutura de mediação influi sobre a mensagem, há mutação na nossa vivência, nosso conhecimento e nossos valores” (FLUSSER,2008:19).

Flusser no seu livro *Filosofia da Caixa Preta* (2011), apresenta um glossário em que é possível distinguir os períodos históricos que determinam a sua análise sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação e seu papel decisivo na comunicação humana, e que contextualiza a sua concepção de “escalada da abstração”.

Assim, pré-história é caracterizada textualmente pelo “domínio de ideias, ausência de conceitos, ou domínio de imagens, ausência de textos”; a história como “tradução linearmente progressiva de ideias em conceitos, ou de imagens em textos”; e, por último, a pós-história como “processo circular que retraduz textos em imagens”.

Desta forma, a concepção da “escalada da abstração” explorada por Flusser tem início com a ideia mais elementar de comunicação realizada de forma tridimensional, ou seja, com o corpo, na amplitude do uso de seus sentidos, gestos, sons, odores, movimentos. A manipulação, a capacidade e habilidade do homem em produzir objetos com suas mãos, é ressaltado como gesto primordial; “graças a ele o homem abstrai o tempo do mundo concreto e transforma a si próprio em ente abstraidor, isto é, um homem propriamente dito [...] Entretanto as mãos não manipulam cegamente elas estão sobre o controle dos olhos” (FLUSSER,2008:16).

O uso de objetos de suportes na escalada da abstração caracteriza a forma bidimensional da comunicação. Surge a imagem. “Milhões de anos se passaram até que tivéssemos aprendido a olhar primeiro e manipular em seguida, a fazer imagens que servissem de modelos para uma ação subsequente (FLUSSER, 2008:16). Configura-se ideia de fixação da visão da circunstância: “os olhos percebem as superfícies dos volumes. As imagens

abstraem, portanto, a profundidade da circunstância e a fixam em planos, transformam a circunstância em cena. A visão é o segundo gesto a abstrair (abstrai a profundidade da circunstância)” (FLUSSER,2008:16). Com isto, ressalta, então, Flusser (2008), o homem se transforma e se torna um ente que age conforme projeto, se transforma em *homo sapiens*.

Ao ser considerada que comporta ambiguidade a “mediação entre homem e circunstância palpável, propósito das imagens” (FLUSSER, 2008:16), uma vez ser possível admitir, “que as imagens podem substituir-se pela circunstância a ser por elas representada, podem tornar-se opacas e vedar o acesso ao mundo palpável” (FLUSSER, 2008:16), novo avanço ocorre na escalada da abstração. Inaugura-se o mundo da escrita, da comunicação unidimensional, do traço e da linha. O homem aprende a tornar transparentes as imagens, a explicá-las, alinhá-las e contá-las (nos dois sentidos do termo) (Idem). Desenvolve “as cenas em processos, vale dizer, a escrever textos e a ‘conceber o imaginado”” (Idem). Assim, “a conceituação é o terceiro gesto abstraidor (abstrai a largura da superfície); graças a ele o homem transforma a si próprio em homem histórico, em ator que concebe o imaginado” (id:17).

Com avanços tecnológicos, chega-se ao universo das imagens técnicas e que caracteriza o grau nulodimensional da comunicação na escalada da abstração. Flusser (2008:17) o caracteriza a partir do universo mediado pelos textos, que é contável e ordenado conforme os seus “fios”. O texto científico é aí considerado. Por falta de confiança nas convenções que ordenam os fios dos textos, quebra-se a sua “linearidade lógico-matemática”. Estrutura se forma fundada em amontoados de partículas, de *quanta*, de *bits*, de pontos zero-dimensionais. Tais pontos não são manipuláveis (não são acessíveis às mãos), nem imagináveis (não são acessíveis aos olhos) e nem concebíveis (não são acessíveis aos dedos). Mas são calculáveis, tateáveis pelas pontas de dedos munidas de teclas. Podem ser agrupados, computados. O cálculo e a computação, então, são o quarto gesto abstraidor (abstrai o comprimento da linha), o homem, assim, transforma a si próprio em jogador que calcula e computa o concebido.

Enfim, em termos mais conciso, direto e com outros elementos exemplificativos, na “escalada da abstração” de Flusser um primeiro grau de abstração se observa num contexto de espaço-tempo tridimensional, em que nasce a cultura, em que se privilegia o corpo na comunicação e a utilização de ferramentas feitas de pedras e osso. Num estágio posterior, no encontro de um espaço-tempo bidimensional, o homem avança por meio de abstração de objetos e da gravação em superfícies – por exemplo, em paredes e grutas-, aprende a fazer imagens. O próximo passo na sua escalada de abstração avança para o unidimensional, para o

linear, transformando cenas imagéticas em processos, em linhas que representam o mundo. Finalmente, chega-se ao grau de abstração nulodimensional das imagens técnicas (HANKE, 2009).

Observa-se que “a ideia de escalada da abstração começa com a história da devoração. A Comunicação humana devora etapa por etapa e finaliza em imagem técnica. A partir do sistema binário das combinações de nada e ponto: surgem as imagens técnicas” (ARAÚJO, 2012:185).

Neste contexto, seguindo o que expressa textualmente Flusser, “ferramentas, imagens, textos e imagens técnicas são mediações em níveis de abstração crescente, uma sequência linear e emergente, com capacidade de expressar significados cada vez menos imediatos e com temporalidade própria” (HANKE, 2009:78).

Na história do desenvolvimento dos meios de comunicação, que compreende contexto da própria história da humanidade, “torna-se possível distinguir, grosso modo, os seguintes períodos: o das mãos, o das ferramentas, o das máquinas e o dos aparelhos eletrônicos (*Apparate*) (FLUSSER: 2007:36).

Ademais, com os níveis crescente de abstração é possível, ainda, seguindo Flusser, verificar em cada um deles competências cognitivas próprias, que se revelam na seguinte conformidade: “a competência de agir (*Tatkraft*); a competência de apresentar (*Vorstellungskraft*); a competência de conceituar (*Begriffskraft*); e a competência de imaginar (*Einbildungskraft*). Evidentemente, em termos empíricos, tais níveis se sobrepõem e misturam-se entre si” (HANKE,2009:78).

Salienta Flusser que “os quatro passos rumo à abstração, sugeridos acima, não foram necessariamente tomados um após o outro” (FLUSSER, 2008:18). E complementa expressamente: “os quatro passos rumo à abstração, sugeridos acima, não formam série ininterrupta: foram sempre interrompidas por passos de volta para o concreto. O propósito de toda abstração é o de tomar distância do concreto para poder agarrá-lo melhor” (Idem).

Sendo a comunicação, de acordo com Flusser, sempre dependente das mídias (HANKE, 2009) sustenta ele que qualquer mídia tem lógica própria, ou seja, que qualquer uma delas transmite informações na conformidade de suas próprias leis, dos seus códigos e, assim, havendo mudança na estrutura midiática há conseqüentemente mudança na informação e, em decorrência, na realidade percebida (HANKE,2009). “Por isso, a noção de código é fundamental para o conceito flusseriano de comunicação” (HANKE, 2009:81).

Hoje se vive num contexto marcado pelo universo das imagens técnicas, produzidas por aparelhos, que se resume em fórmula abstrata, algoritmo, número, grânulo, pixel, ponto.

Universo da nulodimensão que se expande com vigor na vida contemporânea e que se afirma, como sustenta Flusser, com a “desintegração ‘espontânea’ da linearidade que nos obriga a ousarmos o salto rumo a um nível novo. De fato, o salto é ousado. Porque a desintegração das ondas em gotas, dos juízos em bits e das ações em *actomas* desvenda o abismo do nada” (FLUSSER,2008:23).

Dedicar atenção à “escalada da abstração” parece ser atitude conveniente quando considerada reflexão que abarca compreensão da troca de paradigmas da comunicação na contemporaneidade, em processo no qual se afigura a desmaterialização e a digitalização, diante do potencial de transformação das estruturas sociais. Da mesma forma, assim se revela o impacto das imagens técnicas e a imaginação mediada decorrente. Enfim, parece contribuir para a compreensão do momento em que se vive e como caminho para projetar o futuro, haja vista a perspectiva das potencialidades criativas, dialógico-criativas, que um novo ambiente comunicacional proclama.

3.4 - Tecido comunicativo de discurso e diálogo

Flusser com seus pensamentos, mesmo emergentes em época ainda não marcada pelos avanços tecnológicos midiáticos na extensão como se apresenta nos dias atuais, parece abrir possibilidade para afirmá-los como úteis instrumentos na busca da compreensão de fenômenos vinculados a um processo revolucionário que veio a produzir na contemporaneidade transformação de paradigma na comunicação.

Se atenção é dedicada às consequências da revolução causada na contemporaneidade pela tecnologia da mídia e da comunicação, Flusser “assumi cedo e sem quaisquer reservas, o desafio de um futuro moldado pela mídia (STRÖHL, 2000:58-59 *apud* HANKE, 2004).

Com Flusser há busca pela compreensão da comunicação humana em processo onde se torna necessário considerar a sua própria estrutura, consubstanciada pela condição do ser humano como modo de receber informações.

O equilíbrio entre dois modos de conhecimento tão marcantes passa a ser considerado, então, como elemento a permitir que a comunicação possa atingir a sua finalidade, a saber: o modo de conhecimento discursivo caracterizado como objetivo e o modo de conhecimento dialógico, intersubjetivo, “aquele onde o outro fala com os outros”

(FLUSSER, 1983:57). Possível parece ser mesmo vislumbrar, assim, um pujante tecido social marcado pelo pulsar das informações, pelos organizados códigos de comunicação.

Na filosofia flusseriana, “o que distingue discurso do diálogo é sobretudo o clima: o diálogo se dá em clima de responsabilidade. Responsabilidade é abertura para respostas” (FLUSSER, 1983:57).

Compreender a comunicação humana com Flusser é observar a noção do homem como um ente histórico, que tem a capacidade de armazenar e transmitir experiências adquiridas, ou seja, “o homem produz, armazena e transmite informações novas” (FLUSSER, 1983:57).

Dois aspectos diferentes, então, se sobressaem na comunicação: o produtivo de informação e o cumulativo.

A produção de informações não é criação “ex nihilo”: informações novas são produzidas por síntese de informações disponíveis. Tal método sintético é chamado “diálogo”. A acumulação de informações se dá graças à transmissão de informações rumo a memórias (humanas ou outras), nas quais a informação é depositada. Tal método distributivo é chamado “discurso”. Todo discurso pressupõe diálogo, porque pressupõe informação elaborada dialogicamente. Todo diálogo pressupõe discurso, porque pressupõe recepção de informações a serem sintetizadas. (FLUSSER, 1983:58)

Nesse contexto, um tecido comunicativo, com discursos e diálogos em dinâmica interação, é revelado consubstanciado pela própria sociedade humana. A dinâmica da história se afirma. Dois métodos de comunicação – diálogo e discurso – se estabelecem como decisivos no específico tecido comunicativo. Havendo prevalência de um sobre o outro, “a sociedade está em perigo. Exige equilíbrio, sempre precário, entre diálogo e discurso” (FLUSSER, 1983:58).

O predomínio dos discursos sobre os diálogos como se observa na contemporaneidade, segundo Flusser, abala o tecido comunicativo. Uma sensação de solidão se impõe. Flusser (1983:89) salienta que as mesmas informações são disponibilizadas na forma de um bombardeio cotidiano de discursos extremamente bem distribuídos, e toda troca dialógica de tais informações passam a se tornar assim redundante. E conclui: “A nossa sensação de solidão se deve a nossa incapacidade crescente de elaborarmos informações novas em diálogo uns com outros” (FLUSSER, 1983:89).

Nesta circunstância, convém talvez observar a ideia de progresso que tanto se propaga na contemporaneidade também no contexto do que pensa Flusser. “Essa opinião, essa ‘fé no progresso’, deve ser renegada”(FLUSSER,2007:60), sustenta o filósofo. E assim o faz diante de observações sobre o caminho trilhado pelo homem, desde a Revolução Industrial até a fase atual de informatização, onde seus passos configuram um novo homem que “não é mais uma pessoa de ações concretas, mas sim um performer: homo ludens e não homo faber” (FLUSSER, 2007:58). Para Flusser, a vida deste novo homem “deixa de ser um drama e passa a ser um espetáculo. Não se trata de ações, mas de sensações. O novo homem não quer ter ou fazer, ele quer vivenciar. Ele deseja experimentar, conhecer, e, sobretudo, desfrutar” (FLUSSER, 2007:58).

Como observado o ser humano vem manipulando o seu ambiente. Na trajetória da humanidade a determinação do progresso, acreditava-se, segundo Flusser (2007:60,61), ser estabelecida graças ao trabalho das mãos. Hoje, em tempos de imagens técnicas, alerta o filósofo, estas não podem ser apalpadas com as mãos, não podem ser manipuladas (FLUSSER, 2007:62). Há um crescente contexto de imaterialidade. Representações infográficas se afirmam. “As superfícies adquirem cada vez mais importância no nosso dia a dia” (FLUSSER, 2007:102). As superfícies estão nas telas da televisão, do cinema, dos cartazes, das revistas ilustradas, dos computadores.

Quando se faz referência a tecido comunicativo vislumbrado na perspectiva da tensão entre discurso e diálogo parece ser conveniente ressaltar a necessidade de amplitude de compreensão das ideias propostas por Flusser. O progresso determinado pelas imagens técnicas aponta ainda desequilíbrio na comunicação, há neste contexto prevalência de operações discursivas. O filósofo sustenta um contexto revolucionário e o seu esforço teórico se manifesta em “mostrar que o significado geral do mundo e da vida em si mudou sob o impacto da revolução na comunicação” (FLUSSER, 2007:127). E que há espaço para ousado salto novo que permita determinar significado à vida.

Assim, parece conveniente avançar em caminho sintetizado no que se observa em Flusser, a contemplar abordagem sobre o contexto que se apresenta e o que se pode esperar, que esperança há, de um ambiente comunicacional modelado por aparatos tecnológicos, quando considerado o caráter humanístico da comunicação.

3.5 - Sociedade programada e sociedade criativa

O pensamento de Flusser parece representar possibilidade de mergulho mais profundo na análise de questões vinculadas à comunicação humana, englobando objetos relativos ao processo de comunicação, os aparatos da comunicação, a mídia, a imagem. Tem foco nos códigos envolvidos nos processos comunicacionais, chega a assim determinar: “Onde quer que se descubram códigos, pode-se deduzir algo sobre a humanidade” (FLUSSER, 2007:130). A sua denominada “comunicologia”, ao tratar dos meios de comunicação e das mediações, considera direcionamento estabelecido de forma histórica, cultural e tecnologicamente (HANKE,2009:75).

A vida humana na contemporaneidade parece mesmo ser foco da filosofia flusseriana. Uma contemporaneidade marcada pela centralidade da comunicação que se configura na preponderância dos meios de comunicação e de imagens técnicas, como definidas por Flusser as imagens produzidas por aparatos tecnológicos.

É certo que “está havendo uma explosão informacional na sociedade humana de nosso tempo” (BAUITELLO Jr. 2005:69), mas, como aponta Flusser, a comunicação não consegue alcançar o seu objetivo. Não há equilíbrio entre discurso e diálogo.

No contexto em que se aponta uma explosão informacional, com o desenvolvimento de aparatos midiáticos na contemporaneidade, se afirma cultura fundada em processos de automação, distribuição e consumo de informação, processo este, que abrange as imagens. “Imagens são superfícies que pretendem representar algo.[...] São códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas.[...] São mediações entre o homem e o mundo” (FLUSSER, 2011:20,23). Segundo Flusser, “o homem ‘existe’, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre o mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo” (FLUSSER,2011:23).

Mas, as imagens técnicas, alerta Flusser(2011), tem tornado o seu propósito em biombo e não mais mapa. “O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas” (FLUSSER, 2011:23).

Com as imagens técnicas ou tecno-imagens, “o homem se esquece do motivo pelo qual imagens são produzidas, servirem de instrumentos para orientá-lo no mundo.

Imaginação torna-se alucinação e o homem passa a ser incapaz de decifrar imagens, de reconstituir as dimensões abstraídas” (FLUSSER,2011:24). As imagens técnicas são “atualmente onipresentes” (FLUSSER, 2011:23) e sua função na conformidade do pensamento flusseriano, “é a de emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente. As imagens técnicas devem substituir a consciência histórica” (FLUSSER, 2011:33).

Como já salientado, historicamente aponta Flusser que processos comunicativos sofreram modificações introduzidas pelos meios técnicos. Estamos na contemporaneidade situado num contexto por ele definido como da “pós-história”. Assim, seguindo seu pensamento (2008, 2011), chega a humanidade ao estágio das imagens técnicas, com sua onipresença, produzidas por aparelhos dentro de base que leva em consideração cálculos e computação, bits, bytes, pontos, grânulos, pixels expostos em telas, painéis, monitores, na sua superficialidade. A imagem técnica é feita de pontos, é, portanto, “nulodimensional, é da ordem do grau zero do espaço” (BAITELLO Jr., in FLUSSER, 2008:10).

Convém ainda ressaltar, que “Flusser destaca como revolucionários dois graus de mediação: a invenção do alfabeto (e da escrita linear); e a invenção da fotografia, em meados do século XIX. A importância desta última é ter lançado uma revolução cultural das imagens técnicas” (HANKE, 2009:78). Com a fotografia ocorre, para Flusser, um início de uma caminhada que resulta na invenção das mídias audiovisuais, com suas fotos, filmes, vídeos, imagens televisivas e computadorizadas, que assumem o papel de portadores de informação outrora desempenhado por textos lineares (FLUSSER,2008:15). Consolida-se, então, ainda mais, o universo das imagens técnicas, das superfícies imaginadas, que alteram a forma como experimentamos, percebemos e valorizamos o mundo. A sociedade passa a trabalhar menos com textos e mais com imagens (MENEZES, 2010:5).

Aliás, Flusser faz referência nas suas abordagens sobre imagens técnicas a fotografia. “A palavra ‘fotografia’ deve ser lida como metonímia, isto é, como uma palavra para designar o universo de imagens mediadas por tecnologias” (MENEZES, 2010:5). Para Flusser, as ideias sobre imagens técnicas alcançam aquelas como “fotografia e televisão [...] Junto com estas ideias, alcançamos a região das futuras imagens eletrônicas que sintetizam a sociedade”. (FLUSSER, 2008:13).

Segundo ainda Flusser (2007:152), se observa que “uma imagem é, entre outras coisas, uma mensagem: ela tem um emissor e procura um receptor”. Neste contexto, ressalta ainda ele que tal procura se constitui numa questão de transporte, já que imagens são superfícies. Como elas podem ser transportadas é questão que enfrenta o filósofo, dando

exemplos que passa pela ideia de corpos onde nas suas superfícies as imagens são transportadas. Se corpos, por exemplo, se constituírem em paredes de cavernas, as imagens não são transportáveis. Há corpos, entretanto, como quadros de madeira e as telas emolduradas, que podem ser comodamente transportadas. Mas, há, também, corpos mais inovadores que transportam imagens, onde

é possível produzir imagens incorpóreas, superfícies “puras”, e é possível traduzir (transcodificar) todas as imagens anteriores nesse tipo de imagem. Nesses casos, os receptores não são mais transportados: essas imagens podem ser reproduzidas á vontade e alcançar cada receptor isolado, onde quer que ele esteja.[...]as imagens se tornam cada vez mais transportáveis, e os receptores cada vez mais imóveis, isto é, o espaço político se torna cada vez mais supérfluo. (FLUSSER, 2007:152,153)

Assim, além da importante concepção dada por Flusser sobre a “escalada da abstração”, passa a despertar atenção a necessidade de reflexão “sobre as consequências sócio-ambientais (não apenas na natureza e na sociedade, mas sobretudo na cultura) geradas pela proliferação das tecno-imagens” (BAITELLO Jr., in FLUSSER, 2008:10). Importância é dada para a verificação do funcionamento de nossa sociedade marcada pelo colapso da escrita, do texto com sua linearidade que configura a história e pela hegemonia de forma não linear das imagens midiáticas, das imagens técnicas de um período pós-histórico.

Desafiante passa a ser a concepção exposta por Flusser (2007,2011) de que tais tecno-imagens não são mais baseadas na habilidade humana da imaginação, da livre faculdade do imaginar. Elas passam a ter base em processos de automação de um aparelho tecnologicamente desenvolvido. Possuem, então, as imagens técnicas uma configuração de texto científico, portanto pós-histórico, uma vez nelas reconhecidas a ação do aparelho como um resultado de teorias científicas (FLUSSER, 2007,2011).

Busca Flusser clarificar seu pensamento sobre as imagens técnicas direcionando atenção para a distinção existente entre estas e as ditas imagens tradicionais, aquelas que aparecem, por exemplo, nas paredes de cavernas da pré-história. E alerta: “as novas imagens não ocupam o mesmo nível ontológico das imagens tradicionais, porque são fenômenos sem paralelo no passado. As imagens tradicionais são superfícies abstraídas de volume, enquanto as imagens técnicas são superfícies construídas com pontos”. (FLUSSER,2008:15).

Em termos de gesto produtor estabelece, então, que “a imagem tradicional é produzida por gesto que abstrai a profundidade da circunstância, isto é, por gesto que vai do concreto

para o abstrato” (FLUSSER,2008:19). Em contraposição, “a tecno-imagem é produzida por gesto que reagrupa pontos para formarem superfícies, isto é, por gesto que vai do abstrato rumo ao concreto” (FLUSSER, 2008:19). Com relação, então, a significado que o gesto produtor confere a imagem é possível verificar oposição entre o aquele que é conferido à imagem tradicional e o conferido à imagem técnica (FLUSSER,2008:19).

As imagens pós-históricas ao contrário das tradicionais existentes no período pré-histórico são imagens produzidas por aparelhos. É certo, então, que há necessidade de um ser humano que precisa saber manusear tais aparelhos. Neste processo há que ser considerada a existência não só do aparelho, mas, conforme Flusser (2008,2011), de um “funcionário” que seja capaz de “produzir” a imagem técnica. O “funcionário”, assim, é considerado como todo aquele que obedece regidamente as normas impostas pelo programa e pelos aparelhos. Ou seja, passa a ideia de que está sempre a dizer sim para o sistema imperativo e impositivo. O funcionário move-se pela repetição, pela mesmice.

O funcionário é um agente humano que manipula o aparelho já previamente programado por aquele que o produziu. (FLUSSER, 2011:42). “Os aparelhos não são refletores, mas projetores. Não ‘explicam’ o mundo, como fazem as imagens tradicionais, mas ‘informam’ o mundo” (FLUSSER, 2008, p. 71). O funcionário tenta descobrir potencialidades do aparelho. “Seu interesse está concentrado no aparelho e o mundo lá fora só interessa em função do programa” (FLUSSER, 2011:42).

O funcionário sabe como acionar botões, teclas, e escolher, dentre o que está disponibilizado no aparelho o que lhe parece mais adequado. Ao poder fazer escolhas, o funcionário crê estar exercendo liberdade, mas a sua escolha está, como observado em Flusser (2008,2011), programada. Para poder expandir as categorias possíveis de escolhas, seria preciso penetrar no interior do aparelho, no interior do sistema para desvendá-lo.

Observa-se, quando considerado o universo das imagens técnicas na lógica em que pensa Flusser, que há um contexto a envolver um aparelho e um agente humano que o manipula, com implicações em torno das significações decorrentes do processo comunicativo. Tal contexto se apresenta em Flusser (2011), na qualificação complexa de “aparelho-operador” (FLUSSER,2011:32), sendo considerado como “demasiadamente complicado para que possa ser penetrado: é *caixa preta* e o que se vê é apenas *input* e *output*. Quem vê *input* e *output* vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da *Caixa Preta*” (FLUSSER, 2011:32).

Alerta Flusser que “tudo, atualmente, tende para as imagens técnicas, são elas a memória eterna de todo empenho. Todo ato científico, artístico e político visa eternizar-se em

imagem técnica, visa ser fotografado, filmado, vídeoteipado” (FLUSSER, 2011:35). Nesta circunstância, que se revela num ritmo frenético, e se insere no contexto da explosão informacional do nosso tempo, “as imagens passam a ser as barragens que acumulam eventos a fim de recordá-los em obstáculos repetitivos, isto é, em programas. Não estamos mais mergulhados na corrente histórica, mas sim nos quedamos sentados, solitários, face às imagens que nos mostram programas” (FLUSSER,2008:59).

Em Flusser, contexto de uma sociedade programada é, então, configurado com o universo zerodimensional de pontos, das imagens técnicas. Uma sociedade programada a partir do aparelho, produtor de tais imagens. A ideia de “caixa preta”, as noções de “aparelho” e “programa” a envolver em Flusser a concepção de imagem técnica parece indicar alcance de domínios de diversos campos do nosso viver. Certamente há que ser considerada a sociedade programada a partir do aparelho com seus parâmetros políticos, econômicos e sociais.

Ressalta Flusser, que “em termos mais adequados: as imagens técnicas significam programas” (FLUSSER, 1983:53). Elas são projeções que partem de programas e visam programar receptores, com pretensão significado situado em imperativo a ser obedecido (FLUSSER, 1983).

Em termos da tensão discurso e diálogo, a admissão de tal contexto impositivo, de caminho a ser seguido, de moldar comportamento dos receptores de mensagens, determina a impossibilidade do diálogo. Sustenta Flusser (1983:66) esta assertiva “pelo bombardeio constante das mensagens coloridas e sonoras que preenchem o espaço discursivamente”. E assim é procedido em condição a atestar que “todo indivíduo estará ligado a todos os demais indivíduos do mundo inteiro através da imagem técnica que o está programando, já que a imagem se dirige a todos os indivíduos indistintamente e da mesma forma” (FLUSSER, 2008:56).

O pensamento de Flusser, com a explosão das técnicas e das mídias, com os seus aparatos ou “caixas pretas”, parece poder permitir pensar numa natureza funcional dos sistemas e programas produtores das imagens técnicas, uma vez presente possibilidade de as mesmas serem produzidas na lógica de interesse determinado quando considerado, especialmente na comunicação, forma hegemônica de ação materializada pelas dependências ou vinculações a estritos preceitos de natureza política e de mercado. O convencimento coletivo pode dar significado a proliferação de imagens técnicas em processo de instrumentalização da comunicação. Ações humanas que pudesse servir aos interesses

comuns aos homens poderiam estar sujeitas a serem realizadas na conformidade do atendimento direcionado ao aperfeiçoamento dos aparelhos produtores das tecno-imagens.

É possível pensar na possibilidade dos aparatos servirem para construção de “um cenário midiático de hipnogenia dos receptores e da mídia, incluindo os sujeitos e objetos” (ARAÚJO, 2012:385). Os aparelhos podem se tornar sistemas que servem como representações do próprio mundo, em processo a privilegiar a produção de modelos mecanicistas do mundo (e do homem). O homem pode se caracterizar com um mero operador de aparelhos, sendo tolhido de sua capacidade de imaginar, de criar, de ter condições de programar o seu próprio aparelho. “Por detrás de todos estes programas co-implicados e conflitivos reside a intenção de conferir significado a um universo absurdo, de dar sentido a uma vida em universo absurdo”. (FLUSSER, 2008:54).

Mas, o próprio Flusser aponta possibilidade de caminho diverso na perspectiva que se insurge contra a concepção da sociedade programada. Um outro mundo é possível nas lentes de Flusser. Aposta ele, talvez mesmo com tendência utópica, no engajamento pela preservação e propagação da liberdade e da dignidade humana. E assim procede considerando a própria realidade das imagens técnicas. Elogia, então, a superficialidade.

Flusser (2008:67) chega a fazer referência à necessidade de que questões eminentemente técnicas sejam consideradas, em análise crítica, para a consecução do necessário engajamento que deve injetar “valores” nas formas comunicacionais determinadas pelo contexto das imagens técnicas. Demonstra preocupação com a dispersão da sociedade, envolta com os feixes que irradiam imagens e que contribuem para a existência de indivíduos solitários e programados, que transforma a humanidade em massa aparentemente amorfa (FLUSSER,2008:67).

Pensando mais profundamente no engajamento possível que poderia injetar “valores” na sociedade, assegura Flusser, que tal condicionamento político a ser adotado “não se dirige contra as imagens. Ele procura inverter a função das imagens, mas admite que elas continuarão a formar o centro da sociedade por todo o futuro previsível. Ele procura fazer com que as imagens sirvam o diálogo mais que a discursos, mas não pretende aboli-las (FLUSSER,2008:70).

Convém salientar que, no contexto de cultura influenciada pela aparelhagem técnica, pelos meios de comunicação, e, como consequência, pelas imagens técnicas, a tensão entre discurso e diálogo aparece como questão decisiva no universo dos meios de comunicação, na conformidade do que pensa Flusser. Assim, os meios de comunicação “que operam discursivamente são oriundos de um emissor e dirigem-se a um receptor, enquanto os que

operam dialogicamente permitem, além da recepção e do processamento de informação, também a sua remissão” (HANKE, 2009:86).

Desta forma, talvez seja conveniente salientar que os meios de comunicação não são propriamente em si discursivos ou dialógicos, mas, sim, a sua maneira de operação (HANKE, 2009:86). Assim, em caso de comunicação operando discursivamente, a

responsabilidade não é das imagens técnicas em si, mas de sua operação discursiva. Uma vez tornada dialógicas, em curto ou longo prazo, nas imagens técnicas, as tendências dialógicas vão se impor contra o poderoso aparelho mediático, que ergue entre as pessoas uma barreira insuperável. Esta sociedade de informação baseada em verdadeiras redes terá “uma estrutura comunicativa dialógica, uma interlocução global. (HANKE,2009:87)

Vislumbra-se em torno do “complexo aparelho-operador” filosoficamente pensado por Flusser a possibilidade de cooperação que possa reunir o humano e o aparelho, o maquínico, numa perspectiva de uma sociedade dialógico-criativa. Uma sociedade não mais programada e, sim, uma sociedade criativa.

Observa-se em Flusser que a liberdade se constitui em questão essencial em suas reflexões. “Toda filosofia trata, em última análise, do problema da liberdade”, sustenta Flusser (2011:104). Ao constatar, com a sociedade programada, “que o clima do absurdo se torna palpável” (FLUSSER, 2011:105), chega a perguntar: “Aonde, pois o espaço para a liberdade?” (FLUSSER, 2011:105). É crítico contra quem tem postulado que a automação leva ao fim da liberdade humana, chega neste sentido a afirmar que o novo engajamento político não se opõe à revolução técnica atual (FLUSSER, 2008:70). Consagra a possibilidade de criação e liberdade em uma sociedade programada e dominada pelos aparelhos.

Pensa, então, Flusser, numa “sociedade telemática”(2008). Sociedade constituída como uma rede de pessoas e máquinas, sem centros e concentrações de poder, estabelecida em “relação de mútuo respeito” entre indivíduos. Onde informação é gerada via uma forma dialógica de comunicação e não no caminho unidirecional da radiodifusão.

O termo telemática, esclarece Flusser (2008:83), evidencia convergência entre tendências distintas que motivaram a revolução cultural da atualidade. A primeira delas, tinha foco na computação de elementos pontuais e o termo “informática” pode servir para rotulá-la (“embora tal termo seja posterior e se defina de maneira diferente da proposta original”). A segunda tendência buscava irradiar os elementos pontuais e pode ser rotulada pelo termo

“telecomunicação” (“embora o termo também seja posterior ao evento”). Assegura, assim, Flusser: “Graças a tal amálgama técnico dos conceitos ‘informação’ e ‘comunicação’, as imagens técnicas começam a revelar seu verdadeiro caráter” (FLUSSER,2008:84).

Clama Flusser por reação à revolução que paralisa os seres humanos, que não querem ver o que está acontecendo em razão de imagens técnicas que transmite sensação espectral do vazio (FLUSSER,2008:85). Clama contra o medo para a ação, deixando evidente a possibilidade de ser a telemática a abertura nunca antes sonhada rumo ao outro. O encontro com o outro facilitado pelo desenvolvimento tecnológico. “Todos os homens do mundo estarão doravante ligados a todos os homens do mundo.[...] Por cima de todas as divisões geográficas, sociais, culturais precedentes, poderei doravante participar da comunidade humana” (FLUSSER, 2008:86), sustenta Flusser, em época, é bom lembrar, onde ainda não se tinha o que se tem hoje em termos de comunicação no mundo digital, especialmente quando considerado o desenvolvimento das redes conectadas e da Internet.

A liberdade é enaltecida na “sociedade telemática”. O universo das tecno-imagens é configurado como o universo da liberdade uma vez que as determinações desaparecerão, minimizadas e miniaturizadas, no horizonte do interesse, e no centro se elevará o campo da informação pura na sociedade telemática (FLUSSER,2008:139). Uma visão de sociedade na qual as consciências entorpecidas, deixam de contemplar, passivos, as imagens divertidas, para passarem a usar as imagens como trampolim rumo a relações intra-humanas (FLUSSER,2008:70).

Um processo de engajamento se vislumbra e que visa inverter o fluxo dos programas. Os programas não devem mais correr dos aparelhos rumo ao homem, mas do homem rumo ao aparelho. Não homens, mas aparelhos devem ser programados, e o devem ser por decisão humana em prol da liberdade humana (FLUSSER, 2008:80). Liberdade entendida, como ressalta Flusser, não como “a capacidade de se opor a esta ou aquela determinação, mas a capacidade de desprezar todas as condições e a elaborar universo não-determinado” (FLUSSER,2008:132).

Dúvidas são colocadas por Flusser sobre a possibilidade do estabelecimento de diálogos na sociedade telemática virem a servir de funções dos emissores que controlam de maneira central os feixes irradiadores. Haveria risco de todo o diálogo se tornar redundante, vindo a favorecer o discurso dos aparelhos que poderiam se tornar mais imperativo graças precisamente aos diálogos telematizados (FLUSSER,2008:87).

O filósofo enfrenta tal tema apresentando argumentos que passam pelo necessário convencimento das pessoas quanto às virtualidades dialógicas das imagens, como eram

outrora das linhas de texto, promovendo um recuo no divertimento. “De tal consciência imaginística nova se abririam horizontes para diálogos infinitamente mais informativos que os diálogos unidimensionais da sociedade histórica precedentes” (FLUSSER,2008:89);

Com as imagens técnicas possibilitando capacidade de diálogos, imagina Flusser uma condição de riqueza criadora inimaginável. Os diálogos, por intermédio de imagens sintetizadas (ou por intermédio de imagens pré-fabricadas, mas telematizadas), poderiam, “de repente, tornar todos ‘artistas’ (aqui, o termo ‘arte’ engloba ciência, política e filosofia” (FLUSSER,2008:89).

Chega até a imaginar o filósofo a possibilidade dos diálogos telematizados virem a estabelecer consensos quanto à futura programação dos aparelhos, onde a sociedade retomaria o controle sobre os aparelhos e estes serviriam aos propósitos humanos: “manipulariam automaticamente o mundo para informá-lo segundo as formas deliberadas em diálogo ‘livre’ (FLUSSER,2008:89).

Demonstra convicção, Flusser, de que saídas há para a instalação da “sociedade telemática”, para inverter situação em direção à liberdade, uma vez que considera os aparelhos ainda mal instalados, e que há vestígios de “contatos vivos e quentes” entre os homens, que ainda não foram totalmente dispersados (FLUSSER, 2008:90). Mas alerta que as aberturas para tanto são estreitas e que é preciso mesmo assim aproveitá-las urgentemente. Proclama, então: “ façamos uso, portanto, da nossa angústia restante, para que o milagre aconteça. Dialoguemos ‘viva você’, para podermos em seguida dialogar através das imagens” (FLUSSER, 2008:90).

O milagre representa uma sociedade com propósito de criar informações em colaboração de todos com todos, uma “cultura democrática” em vez de “cultura de massa” (FLUSSER, 2008:71). “O núcleo de tal sociedade não será mais a circulação entre imagens e homens, mas sim a troca de informações entre homens por intermédio de imagens” (FLUSSER, 2008:71).

Consagra Flusser, pelo que parece, sentido de conexão entre o criar, o ser criativo, e a própria sociedade da informação, com suas imagens técnicas. Nesta circunstância Flusser oferece resposta sobre o que é comunicação, determinada na concepção que privilegia a distinção entre comunicação dialógica e comunicação discursiva, fundada em parâmetros que passa pela produção, armazenamento e compartilhamento de informações, também considerando neste contexto o universo das imagens produzidas por aparelhos. Talvez, então, seja mesmo conveniente seguir Flusser, na seguinte conformidade: “ao dizer isto tudo, vejo-

me mergulhado no universo das tecno-imagens[...] Dessa minha posição, posso elogiar a superfície e a superficialidade” (FLUSSER, 2008:150).

Flusser demonstra esperança de um devir participativo, dialógico-criativo, em contexto que leva em consideração os aparatos. Talvez, tudo possa mesmo demonstrar tendência utópica. Flusser rebate: “Utopia? Mas toda futuração atualmente é utopia” (FLUSSER, 2008:81).

O que parece certo é que hoje há a Internet e proliferam as redes sociais conectadas com o mundo, os aparatos tecnológicos digitais a permitir expansão do acesso à informação e a maior participação e interação nos processos midiáticos. De ambiente comunicacional unidirecional passamos a ter ambiente bidirecional e interativo. Há transformações nos modos de ser e há necessidade ainda de que sejam exploradas na sua maior amplitude as potencialidades criativas decorrentes, para melhorar a situação existencial contemporânea.

Neste contexto, sem querer destruir a esperança, parece necessário ressaltar, como afirma Dominique Wolton, que “a intolerância e o desejo de poder crescem sem dificuldade à sombra dos satélites e das redes” (WOLTON, in KUNSCH,2010). Isto demonstra que há muito para ser feito quando se observa concepções como a de uma “sociedade telemática”.

Mas, em termos práticos, há iniciativas levadas a efeito no universo da Internet como a do *Global Voices*, objeto empírico deste esforço acadêmico, que parece apresentar pelo menos traços que podem encontrar acolhimento, ou ao menos abertura para reflexão, quando considerados aspectos teorizados pelo filósofo theco-brasileiro Vilém Flusser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, parece mesmo que vivemos em tempos de “mídiaização de tudo” (LIVINGSTONE apud CHIACHIRI et al, 2012).

A centralidade da comunicação na contemporaneidade se afirma em contexto de prevalência dos meios de comunicação, com a produção de imagens pelos aparatos tecnológicos, as imagens técnicas como conceituado por Vilém Flusser.

Entre as conquistas observadas na contemporaneidade encontra-se, certamente, o avanço tecnológico no campo da Comunicação.

Um contexto de velocidade das relações contemporâneas é estabelecido. Foram abertas novas perspectivas para as relações humanas. Comportamentos são cada vez mais determinados em razão de processos intermediados por aparatos eletrônicos com seus programas, aplicativos. Meios de comunicação aparecem como constituintes fundamentais da sociedade a determinar transformações no nosso mundo.

O universo tecnológico digital, quando confrontado com o anterior, analógico, configura contexto revolucionário a promover quebras de paradigmas fundamentalmente quando observado o caráter linear, funcionalista, de audiência passiva dos meios de comunicação ditos tradicionais. A perspectiva de meios de comunicação de massa fixada em patamar que condiciona ideia de aceitação indiscutível de um unilateral ou vertical fluxo de informação não diversificada parece ficar abalada.

Os sistemas de comunicação passam a experimentar transformações profundas materializadas pelo contexto multimídia, da convergência tecnológica no ambiente digital. Novas formas de comportamento dos indivíduos, de empoderamento para a ação comunicativa são configuradas diante das possibilidades abertas para a produção e acesso a informações, para fixação de natureza horizontal participativa e interativa da comunicação, a caracterizar condição ativa da audiência, e se estabelecem em contexto promissor de avanços quando considerado o fortalecimento da cidadania, da democracia, da afirmação da dignidade da pessoa humana, da própria condição humana.

Neste esforço acadêmico destaque se buscou dar à comunicação como fenômeno a ser compreendido e valorizado no contexto das relações sociais, da interação humana, do ato de interagir como condição a oferecer significado à vida, de compreender o mundo e por ele ser compreendido, em processo que reconhece a complexidade, com a amplitude das diferenças envolvidas.

No entendimento da comunicação como interatividade, criação de vínculos se consolida. E se de meios de comunicação, de mídia, estamos a tratar dentro de contexto em que se observa uma centralidade da comunicação, certamente, como ponto determinante, fica afirmado que “os mundos da mídia são fenômenos do relacional” (ZIELINSKI, 2006:50). Os mundos da mídia com suas convenções, linguagens, códigos a determinar indicadores que consolidam ideias, atitudes e a interação social.

A Internet, certamente, constitui-se em exemplo mais significativo de todo um contexto de ambiente digital determinado na contemporaneidade de oportunidades para permitir ideal de comunicação entre seres humanos livres e iguais, de forma não hierarquizada, simétrica quanto aos atores envolvidos. Estruturas tecnológicas inovadoras potencialmente abrem perspectivas para superação de barreiras - econômicas, sociais, culturais -, para uma comunicação global consagrada na concepção do compartilhar, do tornar comum, que se consubstancia pela forma horizontal, pela interatividade entre indivíduos e grupos.

Talvez mesmo seja possível admitir que as possibilidades abertas com o desenvolvimento de tecnologias que vieram permitir a viabilização de fenômenos como o da Internet, têm o condão de possibilitar o fortalecimento da compreensão da comunicação na concepção afirmada em processo a implicar interação, que supera, portanto, o sentido de distribuição de informação concentrada em mãos de poucos produtores e distribuidores. Mais além, então, de se pensar em distribuição de conteúdos, há que ser dedicada, talvez, devida atenção ao processo da comunicação.

Observam-se potencialidades neste universo da Internet para o estabelecimento de contexto dialógico-criativo da comunicação. A Internet parece mesmo se constituir num potente instrumento de transformação tecnológica e social na contemporaneidade. Com ela instala-se possibilidade de haver, através dos aparatos e dispositivos de comunicação, conexão em rede com capacidade de atingir a população mundial como um todo.

Parece claro, entretanto, que muito há para ser analisado e criticado quando presente um sentido mais positivo, ou até mesmo, no limite, entusiasmado, para os avanços tecnológicos no campo da Comunicação. Não se pode esquecer da forte vinculação ainda existente entre tecnologia e mercado, bem como, as influências determinadas pelos caminhos políticos, as razões e perigos éticos.

O acesso à informação e a capacidade decorrente de comunicação ainda sofrem influência do poder econômico, político, e o conhecimento, com suas variáveis e dependências sociais e econômicas, também representa fator primordial nesse processo.

Razões econômicas, culturais e sociais contribuem para a exclusão digital, por exemplo. Os avanços tecnológicos na comunicação ainda não chegam a todos, há fendas, fraturas, desigualdades, abismos a serem superados. Há dores humanas.

Nada parece poder justificar análise entusiasticamente cega por dita sensação de progresso consubstanciada apenas pelo determinismo tecnológico. A condição humana há que ser considerada nesse processo.

Mas, mesmo com as inquietudes e críticas de discurso mais cético sobre o desenvolvimento de tecnologias digitais, fortes evidências justificam benefícios no caminho de potencialidades abertas com o ambiente digital para se fazer emergir uma sociedade do conhecimento, tecida pelas redes conectadas e com geração e fortalecimento de vínculos, fundamento para a caracterização da comunicação.

Parece ser possível, então, pensar, como faz Flusser (2005, 2007), em mídia dialógica, aquela que pode ser capaz de se contrapor ou abalar estruturas existentes, determinada em contraposição pela mídia discursiva com sua maneira de operação unidirecional, centralizada, funcional. Flusser, levando em consideração o universo dos meios de comunicação, da mídia, parece oferecer útil possibilidade de abertura para reflexão sobre a tensão entre discurso e diálogo, sobre o equilíbrio necessário destes elementos para que possa a comunicação humana atingir o seu objetivo.

A análise de uma questão tão complexa, que envolve encarar acima de tudo o uso dos meios de comunicação num contexto de ambiente digital, o uso, parece importante ressaltar, e não o meio de comunicação em si como mera ferramenta ou instrumento de transmissão de informações, representa também oportunidade para observar o fenômeno comunicacional na perspectiva tanto da ação individual quanto da ação coletiva, que nasce da geração de ações individuais.

Temos oportunidade de fazer referência a meios participativos, interativos, colaborativos, capazes de atender a requisito existencial vinculado às razões e aos significados da comunicação humana. Em contexto da relação criativa com o outro, na possibilidade de estabelecimento de espaços de interação, temos condições de pensar em ações coletivas, em transformações sociais possíveis para que a comunicação humana atinja seu objetivo. Para que os enunciados direitos fundamentais do ser humano sejam protegidos. Para que, consubstanciado na liberdade e na igualdade, o direito de todo ser humano de ter voz, de expressar-se, seja protegido.

Plataformas de mídias sociais aparecem com potencialidade para oferecer fortalecimento do sentido de pluralismo e diversidade. Amplificação de vozes, vozes globais,

torna-se possível na sua diversidade, nas suas diferenças. Muitos, antes silenciosos perante o mundo, hoje têm a possibilidade de se expressar *online*, de publicar o que pensa, graças a barreiras menores de entrada no universo midiático que se estabelece com as redes conectadas no ambiente digital, quando comparado com quadro dos meios de comunicação tradicionais considerados no contexto de relacionamento “um para todos”.

O *corpus* empírico deste esforço acadêmico, o projeto *Global Voices* levado a efeito no universo da Internet, determina iniciativa disponibilizada nessa esfera de amplificação de vozes. Determina busca de compreensão de aspectos do fenômeno comunicacional, de interações com outros, dentro de contexto a permitir reflexão sobre iniciativa que poderia ser caracterizada como alternativa quando considerado o universo das mídias tradicionais ainda hegemônicas na difusão de informações, de promoção de ambiente comunicativo marcado por centros emissores e receptores passivos.

Ademais, constitui-se em respaldo para a compreensão da extensão das possibilidades de quebras de barreiras direcionadas a superar forma de operação discursiva de meios de comunicação, de estabelecimento de condições para exercício de potencialidades de ser cada um, ao mesmo tempo, emissor e receptor de mensagens.

Global Voices (www.globalvoicesonline.org), como estudado, visa criar um canal global de distribuição de informações, de espaço, para que vozes globais sejam conhecidas e reconhecidas, que possam se expressar e serem ouvidas, em contexto onde o foco são justamente aqueles que a grande mídia despreza. A ideia passa pela promoção de modo de operação que não determine uma comunicação de mão única, que não privilegie modo discursivo de operação midiática. Ao contrário, busca facilitar a multiplicação de registros levados a efeito pelo impulso tecnológico da sociedade contemporânea, em processo que pode permitir ao ser humano não ficar limitado a uma concepção linear de transmissão de conteúdos. Busca afirmar contexto interativo, participativo, colaborativo.

Um projeto de cunho colaborativo, pensado, inclusive, na perspectiva da língua, do idioma, como um vetor fundamental da comunicação, como fonte de afirmação cultural. No *Global Voices* a língua inglesa é considerada como uma espécie de “língua-ponte” e há processo de tradução realizado por tradutores de diversas partes do mundo, como forma de se alcançar uma audiência global com perspectiva de ser preservado o sentido de valorização cultural, das diferenças, e os interesses sociais de específicas comunidades.

A Internet certamente tornou o mundo menor, mas, a língua ainda pode ser considerada uma barreira para que as pessoas possam melhor se entender mutuamente. Em contexto colaborativo, projeto que pensa naqueles marginalizados pela mídia tradicional nas

diversas partes do mundo e viabilizado com tradução na forma indicada de mensagens publicadas no seu espaço virtual, parece já se constituir num avanço a afirmar formas de relações sociais, de comunicação como fenômeno do relacional e de potencial para a promoção de processo dialógico no universo dos processos midiáticos.

Parece ser de fundamental importância, na complexa dinâmica das sociedades contemporâneas, valorizar as capacidades culturais e as articulações que possam ocorrer em redes conectadas em benefício das ações de consolidação de direitos, do desenvolvimento local e do próprio sentido individual de valorização da vida, do significado da vida, tudo isso pensado dentro do universo da comunicação e nas potencialidades abertas pelo uso dos meios de comunicação.

Pensar nessa perspectiva talvez seja ainda mais fascinante quando se leva em consideração as questões vinculadas à alteridade, à abertura para o outro. Talvez considerar o pensamento de Martin Buber (2008, 2007), que influencia Flusser (HANKE,2009:88), voltado para a valorização da comunicação e do diálogo, da interação humana, da condição do homem como um ser de relações, e que ressalta a importância da vida comunitária, que se revela na permissão para que cada ser humano possa relacionar-se com o seu próximo, considerando a abrangência da relação dialógica caracterizada, por ele, como relação “EU-TU” e abominando a relação “EU-ISSO” na medida em que não se abre disponibilidade para o encontro com o outro.

O contexto de comunicação que se vislumbra, então, é considerado dentro do âmbito criativo que abarca o imprevisto, o imponderável. Cabe, talvez, também lembrar o contexto da complexidade de Edgar Morin (1996).

Complexidade por ele considerada na combinação de ordem e desordem a permitir valorização de uma prática social dialógica, na qual se observa possibilidade de se associar termos complementares e ao mesmo tempo antagônicos, na qual se vislumbra possibilidade de darmos “...conta de que trabalhar com a desordem e a incerteza não significa deixar-se submergir por elas, é, enfim, colocar à prova um pensamento energético que os olhe de frente[...] O verdadeiro pensamento é o que olha de frente, enfrenta a desordem e a incerteza” (MORIN, 1996:277).

Meios de comunicação transformam o mundo, abrem as portas do mundo para permitir que possamos encará-lo nas suas diferenças, na perspectiva de se olhar para a frente enfrentando a desordem e a incerteza através de práticas comunicativas que asseguram a condição que aponta Flusser (2008) de sermos todos artistas, pela capacidade criativa ou riqueza criadora inerente ao ser humano.

Iniciativas como a do *Global Voices* parece mesmo permitir a afirmação de um contexto dialógico-criativo quando considerado modos midiáticos de operação. Outras iniciativas correlatas, é claro, circulam no universo da Internet, a permitir, com o atributo da conexão, que seres humanos possam, seguindo ensinamentos de Flusser (2007,2008), ter condições de comunicar-se, de dar significado à vida, de fugir da solidão.

A possibilidade de iniciativas como a do *Global Voices* parece reforçar contexto da cooperação, de atitudes cooperativas que podem ser intensificadas com o ambiente midiático digital em prol da comunicação humana.

Nunca a comunicação foi tão extensiva e tão intensiva como hoje, sustenta Flusser (2007), para ao mesmo tempo apontar o desequilíbrio que há e que a prejudica, diante da tensão entre discurso e diálogo, gerando crise cultural. O discurso hoje predomina, em detrimento do diálogo. Mesmo com tantos avanços tecnológicos, ainda não foi possível alcançar a condição de uma comunicação humana com o seu objetivo plenamente atingido, consubstanciado por equilíbrio entre discurso e diálogo.

Nesse contexto, dois fenômenos chamam atenção: conexão e solidão. “Tendência importante do século XXI diz respeito às novas tecnologias. Elas produzem dois fenômenos contraditórios: a conexão e a solidão” (ATTALI in UNESCO, 2000:515).

A comunicação humana, conforme observado em Flusser (2007), mesmo com os avanços tecnológicos a permitir tanta conexão, não consegue ainda atingir seu objetivo de equilíbrio resultante da tensão entre discurso e diálogo, e os seres humanos são alcançados pela solidão. Sente-se perdido na massa, abandonado em sua solidão.

Voltamos a lembrar o brado de Dominique Wolton (2006): “É preciso salvar a comunicação”. E parece conveniente, então, ressaltar Flusser, que, mesmo constatando a perspectiva de condição de seres humanos abandonados em sua solidão, ao mesmo tempo aponta a possibilidade de caminho tomado pela esperança para tal superação.

Parece ser possível observar revelação de esperança em Flusser na concepção que estabelece em torno de uma “Sociedade Telemática” (FLUSSER, 2008), na qual se observa perspectiva de um mundo de redes, de conexões ou nós de relações simétricas, entre seres iguais nas suas diferenças. Mesmo considerando tendência utópica, parece servir tal concepção para reflexão principalmente quando diante estamos de uma realidade, aliás, antecipada por Flusser, que marca a atualidade em torno de um mundo de redes conectadas.

Ressalta Flusser (2007), parece conveniente repetir, que o homem tem esperança de adquirir e compartilhar informações para dar significado à vida, para se comunicar, para fugir, então, da solidão.

Seguindo o que considera Flusser como essencial no estudo da teoria da Comunicação, em que, além da noção de comunicação humana e suas formas de investigação e compreensão, indica o filósofo necessidade de que caminhos sejam perseguidos na direção do que pode ser feito para que ela alcance o seu objetivo, no encaminhamento final deste esforço acadêmico tal recomendação flusseriana se tenta seguir, como forma também de permanecer vivo, aguçado, o sentimento de espanto, filosoficamente fixado em termos do que poderia ser considerado como um caminhar determinado pela curiosidade, pelo sentido do eterno aprendizado.

Na circunstância do que se destaca em torno dos fenômenos conexão e solidão, marcados num paradoxal contexto de avanços tecnológicos especialmente em análise a abranger aspectos da comunicação humana, parece interessante refletir sobre as possibilidades de, na amplitude da conexão, poder pensar em fuga da solidão.

Assim, em primeiro plano, talvez se possa admitir referência à questão da cooperação. O exercício do ato cooperativo como condição essencial para a construção de ambiente propício à interação, à valorização, e para o fortalecimento das relações sociais e da própria comunicação.

Pensar em cooperação em contexto que abrange a comunicação humana, parece desde pronto pensar na alteridade, pensar no outro, na dimensão como compreendida em Buber (2008), que torna o sentido de vinculação como fenômeno a envolver o outro com um “tu” e não como uma “coisa”. Parece ser possível considerar a cooperação no âmbito da interação social, vinculando ao contexto que abarca a prática da comunicação como compreensão, visando a um entendimento com o outro (KÜNSCH, 2007).

Isso parece ser conveniente observar quando diante estamos de perspectiva de comunicação tomada na sua dimensão de mundo ampliado, de mundo, então, que emerge com diferenças ainda mais marcantes, bastante complexas, reveladas na diversidade cultural, econômica, social e tecnológica. Quando diante de inovadoras possibilidades de práticas comunicacionais a permitir interação nas relações sociais, de se pensar e concretizar o ato de interagir com o outro ainda mais localmente distante, graças a avanços tecnológicos determinados no contexto midiático, com suas linguagens, seus códigos disponibilizados, a determinar, inclusive, o contexto de “mundo codificado” e o próprio “universo das imagens técnicas” da contemporaneidade, como apontados por Flusser (2008, 2007).

Ademais, a questão da cooperação parece ainda mais merecer referências diante de um mundo que se caracteriza cada vez mais como interdependente. Uma consciência planetária

(MORIN, 1999) é reclamada e parece ser necessária para a superação de tantos e graves problemas que ainda atinge a humanidade e o próprio futuro do planeta.

Nas mais expressivas conferências internacionais para se discutir assuntos globais, a exemplo da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, realizada no Brasil em Junho de 2012 com o propósito de contribuir para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas, a palavra cooperação fez-se presente com muita intensidade nos pronunciamentos e mesmo nos documentos resultantes da Conferência. Isso pode ser constatado, por exemplo, no documento final da Rio+20, no qual, logo no seu início, podemos verificar, como compromissos acordados, o seguinte:

Nós também estamos comprometidos em reforçar a cooperação e abordar as questões atuais e emergentes de forma a melhorar as oportunidades para todos centrada no desenvolvimento humano e ao mesmo tempo preservando e protegendo o sistema de suporte à vida de nosso lar comum, o planeta que compartilhamos. (ONU, Rio+20, grifo nosso)

Na edição comemorativa do seu 125º aniversário, em 2005, a conceituada revista *Science* publicou uma seleção das 25 questões mais importantes para os seguintes 25 anos do século XXI, na conformidade de uma pesquisa que envolveu um significativo e prestigioso grupo de cientistas. Dentre essas questões, abarcadas em todos os campos da ciência, uma diz respeito à cooperação humana. O texto, “*How did cooperative behavior evolve?*”, que trata sobre esta escolha está publicado na edição comemorativa especificada da revista, e está disponível para consulta livre no seguinte endereço eletrônico: www.sciencemag.org/site/feature/misc/webfeat/125th.

Os dicionários invariavelmente nos indicam cooperação como ação para atingir determinado fim. Até nos animais observa-se manifestação de cooperação, decorrente de fenômeno gregário (PENNISI:2005:93). Ao pensar em cooperação clara fica a necessidade que tem o homem de convivência com seus semelhantes. Somos seres geneticamente sociais. Somos seres capazes de transformar, de reorganizar a sociedade.

A comunicação parece ser mesmo fundamental em todo este processo de transformação social. Através da comunicação a humanidade parece ter hoje maiores condições de explorar, aprender e descobrir o próprio mundo. Povos e indivíduos podem vir a compreender uns aos outros e fortalecer vínculos, laços sociais. A comunicação permeia todos os aspectos do nosso viver.

Sedimentado parece ficar, então, sentimento de que, além da tecnologia, há a condição humana, há o contexto social e cultural a ser observado na comunicação. A comunicação é um fundamental processo social, revelado, no contexto de enaltecimento da condição humana, na oportunidade de estabelecimento de relações, de interação, de comunhão, de cooperação. O observar a comunicação na perspectiva que a revela como uma questão de cultura permite certamente consagrar a sua dinâmica cultural. A cultura que se constrói mediante a comunicação

Parece nunca ser demais ressaltar a natureza social do ser humano, que determina uma necessidade de se comunicar, de trocar sentimentos, de compartilhar sensações. Tem o ser humano condições de estabelecer vínculos, de pensar em termos do cultivo do outro igual, do seu semelhante, já que parece claro que o mundo social não pode ser entendido sem a comunicação com o outro.

Enfim, quando considerada a dimensão humana da comunicação parece relevante também considerar questões relativas à cooperação como base do conhecimento e conformação do mundo. E, assim, entender que é sempre possível uma nova história começar a emergir. Principalmente se talvez pudéssemos considerar tal perspectiva como um relato que se estende através de diferentes disciplinas, na qual a cooperação, a ação coletiva e as interdependências complexas desempenham um papel mais importante, longe de sentimentos próprios de um jogo em que se afirmam ganhadores e perdedores.

Ademais, pensar em condição humana parece nos conduzir para estar aberto ao reconhecimento do entorno em que vivemos, ou do mundo na sua amplitude e com seus dilemas sociais, admitindo que os meios de comunicação possam ser úteis em torno da incursão nas atividades diárias humanas. Educação para novas formas de ação coletiva nos diferentes âmbitos do conhecimento faz-se necessário, parece sempre ser conveniente ressaltar.

Assim, o uso e um consumo crítico e criterioso dos meios de comunicação parecem merecer devida preocupação, que se revela na necessária educação direcionada para tanto. Pensar assim parece, acima de tudo, reconhecer e valorizar o ecossistema midiático como um elemento da cultura e a necessidade de que estejam todos, principalmente os jovens, preparados para saberem viver com e no mundo das mídias. Isso parece constituir-se numa questão de justiça social, de valor público, de consolidação de direito humano fundamental, de estabelecer condições para plena afirmação da cidadania.

Temos, atualmente, com certeza, um ecossistema midiático que ultrapassa o paradigma funcionalista linear, que caracterizava o “modelo industrial da comunicação de

massa” (Bauer, 2011:10), com o seu sentido de audiência passiva, que organiza o mundo e a ele nos vinculamos. Hoje, a linearidade da comunicação já pode ser questionada, fato que avança com a tecnologia. Com a informática passamos a visualizar um ambiente de codificação e de decodificação. Abertas estão possibilidades de ambiente midiático que deixa transparecer ser mais propício à participação, à interação, à cooperação.

Passamos para uma realidade com características mais complexas. A mídia de massa passa informação como uma função, mas, além dela, existem outros elementos culturais que estão em movimento e nos trazendo informações dentro de um âmbito que não se constitui em um ambiente programado. Temos a mídia social, com suas redes. Há relações permeadas por um ambiente cultural. A mídia, então, mais do que um ambiente funcionalista, parece apresentar-se como parte de uma cultura.

Assim, novas competências e habilidades, até em termos de compreensão do outro, são exigidas, não só no sentido da leitura de mensagem midiática, como também em termos da compreensão dos elementos econômicos, políticos e procedimentos que estão vinculados à produção da mídia, conforme enfatizado por Bauer (Bauer, 2011,2012). Assim, a questão da educação parece ser fundamental, uma vez considerado este atual complexo ecossistema midiático com suas diversas noções de natureza técnica e, sobretudo, humana.

Educação para a Mídia, ou outra nomenclatura que possa ser melhor utilizada no nosso idioma em substituição ao termo em inglês, *Media Literacy*, parece corresponder, diante do quadro que se apresenta de centralidade da comunicação consolidada na proeminência dos meios de comunicação, como uma afirmação de direito e condição para o exercício de uma cidadania plena e ativa.

Trata-se de oferecer importância a um processo de aprendizagem e de capacitação de cidadãos, considerando o exercício autônomo de competências e habilidades diante dos meios de comunicação. Trata-se até de oferecer bases para um efetivo sentido de cooperação.

Ao levar em conta a condição humana, tentativa neste esforço acadêmico estabeleceu-se em torno do reconhecimento da compreensão dos processos de comunicação no contexto culturalista. Processos de comunicação, então, com cunho de geração existencial, que determinam vínculos, laços sociais e que considera o papel dos meios de comunicação, dos aparatos da comunicação, da imagem, como elementos determinantes da centralidade da comunicação na contemporaneidade.

Nesse contexto, convém talvez salientar ainda o caráter simbólico, o pensamento simbólico, que destaca o ser humano de outros animais. Processos de comunicação mediados por aparatos tecnológicos, na atualidade por computadores e ambientes digitais, determinam

uma realidade permeada de símbolos. O universo simbólico constitui-se em condição essencial ao processo humano da comunicação. O ser humano estabelece sua relação com o mundo através das mediações. Tecnologia e comunicação constituem, assim, universos de codificação da experiência humana (FLUSSER,2007).

Atenção se dedica à comunicação humana como um processo em que interagem duas dimensões: o discurso e o diálogo. Seguindo Flusser (2007), a comunicação não consegue, apesar de tantos avanços tecnológicos, ainda alcançar o seu objetivo, diante da falta de equilíbrio entre as suas essenciais dimensões. Há crise cultural.

Como observado, na contemporaneidade há supervalorização do discurso em detrimento do diálogo. Em termos de meios de comunicação, modo de operação discursiva prepondera, materializado por contexto de fluxo de informação unidirecional, vertical, funcional, programado de forma central. É possível, então, pensar em avanços, em “nova imaginação” (FLUSSER, 2007) e a esperança de Flusser revela-se na denominada “Sociedade Telemática”, concentrada na forma de troca de informações com outros, de maneira horizontal, participativa, interativa, de uma sociedade de comunicação plena afirmada pela possibilidade dialógico-criativa das redes de comunicação.

Diante do que se observa, parece essencial, então, refletir sobre a importância da comunicação para o ser humano levando mesmo em consideração o uso dos meios de comunicação, considerando, também, o entendimento do que está por trás deles. Há necessidade, por exemplo, de ser enfrentada a gravíssima questão da exclusão digital, do acesso a todos ao ambiente digital, de se pensar sobre governança na Internet, enfim, há necessidade de se pensar no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para que todos estejam aptos a usar e aproveitar as potencialidades abertas pelos aparatos tecnologicamente disponibilizados, para o agir cooperativo, em contexto de estabelecimento e implementação generalizada de tecnologias midiáticas que interferem em praticamente todas as esferas da existência humana.

Muitos gostariam, por exemplo, de ter acesso e habilidades necessárias para interagir com muitos outros, mundo afora, no universo estabelecido pela iniciativa do *Global Voices*, objeto empírico deste esforço acadêmico.

Ao fazer referência, então, a cidadãos, a cidadania, a envolver o pleno gozo dos direitos e da plena consciência das responsabilidades relativas à vida coletiva, parece, portanto, ser mesmo conveniente insistir na ideia de que é essencial observar atentamente não só aspectos tecnológicos numa dimensão mais contemplativa, mas o que está por trás dos meios de comunicação, a englobar potencialidades tecnológicas e as condições estruturais que

as suportam para permitir maximizar os seus benefícios diante da necessidade humana de se comunicar, de estar mais bem preparado o ser humano para criativamente dialogar. Parece, então, evidente que, acima de tudo, há de se observar a comunicação levando em consideração a condição humana.

Iniciativas de amplificação de vozes globais, como a do *Global Voices*, no ambiente tecnológico disponibilizado, certamente contribuem para não debilitar potencialidades humanas vinculadas a contexto dialógico-criativo e uma observação mais extensiva da realidade a favorecer sublimes ideais da comunicação. Certamente indica potencialidades no ambiente digital de mídias com modo de operação dialógica. Enfim, parece fortalecer a realidade essencialmente humana da experiência dialógico-criativa que conduz a processo comunicacional estabelecido no âmbito, tanto local quanto global, do conversar buscando se entender, do “conversando a gente se entende”.

A Educação para a Mídia na sua amplitude certamente implica em firmes atitudes em torno do estabelecimento de políticas públicas e a participação ativa dos educadores, notadamente aqueles do campo da comunicação, para que a comunicação, no quadro global a envolver sentido de conexão sem precedentes, possa, como sustentado por Flusser, “alcançar seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado à vida, quando há um equilíbrio entre discurso e diálogo” (Flusser,2007:98).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Um itinerário do pensamento de Edgar Morin. Palestra UNISINOS – **Instituto Humanitas**. São Leopoldo, RS.2004. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/018cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 10/05/2013.

ARAÚJO, Marlson Assis de. A ecologia flusseriana da Comunicação: ideias e conceitos chave. **Intercom – RBCC**, v.35, n.2, p.373-396, jul/dez. 2012.

ARISTOTELES. **Política**. Tradução de Maria da Gama Kury. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2008. p.293.

BAITELLO Jr, Norval. **A era da iconofagia**. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo:Hacker Editores, 2005a.

_____; CONTRERA, M.S; MENEZES, J.E.O.(orgs.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo:Anablume, 2005b.

BAITELLO Jr, Norval. “Apresentação”.In:ZIELINSKI, Siegfried.**Arqueologia da Mídia:em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir**. Tradução de Carlos D. Szlag. São Paulo:Annablume,2006.

_____. Vilém Flusser e a terceira catástrofe do homem ou as dores do espaço, a fotografia e o vento.**Flusser Studies**,3,Nov. 2006. Acessado em: 25/03/2013, disponível em: <http://www.flusserstudies.net/pag/03/terceira-catastrofe-homem.pdf>.

_____. Corpo e Imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In:Rodrigues, David (org). **Os Valores e as Atividades Corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

_____.**A serpente, a maçã e o holograma.Esboços para uma Teoria da Mídia**. São Paulo:Paulus, 2010.

BARROS, Laan Mendes de. Comunicação na contemporaneidade: perspectivas de um curso de mestrado. **Líbero**: Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero,São Paulo, v.9, nº17,p.9-20, Jun. 2006.

_____. Os meios ou as mediações? Um exercício dialético na delimitação do objeto de estudo da comunicação. **Líbero**:Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, São Paulo, v.12, n.23, p.85-94, jun. 2009.

BAUER, Thomas. _____. Vilém Flusser e a Terceira Catástrofe do Homem - ou as dores do espaço, a fotografia e o vento. **Flusser Studies** 03. 2005. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/pag/03/terceira-catastrofe-homem.pdf>. Acesso: 18/09/2013.

_____. O valor público da Media Literacy. **Líbero**: revista acadêmica/Programa de Pós-Graduação, Faculdade Casper Líbero, São Paulo – v.14, n.27, p.9-22, jun 2011. São Paulo: Faculdade Casper Líbero, 2011.

_____. In need of new paradigms theorizing media communication facing the media change. Aula Magna, **Faculdade de Filosofia e Comunicação**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. São Paulo: 2012. Disponível em: www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewdownload/12-bauer-thomas/103-in-need-of-new-paradigms-theorizing-media-communication-facing-the-media-change.html. Acesso: 02/07/2012.

BERNARDO, G; FINGER, A; GUDIN.R. 2008. **Vilém Flusser: uma introdução**. São Paulo: Annablume, 2008.

BERNARDO, Gustavo. Do pensamento como dúvida. In: BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. **Vilém Flusser: uma introdução**. São Paulo: Annablume, 2008

BORNHAUSEN, Diogo A.; MIKLOS, Jorge; SILVA, Maurício Ribeiro da (organizadores). **CISC 20 anos: Comunicação, cultura e mídia**. São José do Rio Preto, SP : Bluecom Comunicação, 2012. Disponível em: http://cisc.org.br/portal/biblioteca/CISC_20_anos-Comunicacao_Cultura_e_Midia.pdf . Acesso em: 15/09/2013.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: DIFEL, 1989.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRECHT, Bertold. Teoria do rádio (1927 – 1932). In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio: textos e contextos – Volume I**. Florianópolis: Insular, 2005.

BUCKINGHAM, David; BLOCK, Liesbeth de. Será possível possível uma voz global? Crianças migrantes, novos media e limites do empowering. Tradução Daniel Cardoso. **Media & Jornalismo**, (11) 2007, pp. 9-28. Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/5791/5246. Acesso:02/07/2012.

CARAMELLA, Elaine...[et al.] (orgs.). **Mídias - Mutiplicação e Convergências**. São Paulo: Ed.Senac, 2009.

CARDOSO, Rafael. Introdução. In: FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**. São Paulo, Cosac Naify, 2007.

CASTELLS, Manuel. Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Política. Conferência. In: **Debates** – Presidência da República Portuguesa, p. 17-30, 2005. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Rede_CC.pdf. Acesso em 07/06/2012.

_____. **A Galáxia Internet**. Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Tradução Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital**: uma visão crítica. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CHIACHIRI Filho, Antonio R. et al (orgs.). Eixos investigativos da linha de pesquisa “Processos Midiáticos:Tecnologia e Mercado”. **Líbero**: Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 19-30, dez. 2012.

COELHO, Cláudio N.P.;LIMA Jr; (orgs.). **Comunicação. Diálogos,processos e teorias**. São Paulo: São Paulo, Pleiade, 2010.

_____et al (orgs.). Eixos investigativos da linha de pesquisa “Produtos Midiáticos:Jornalismo e Entretenimento”. **Líbero**: Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 19-30, dez. 2012.

CORRÊA, Elizabeth Saad. Reflexões para uma Epistemologia da Comunicação Digital. **Observatório (OBS*) Journal**,4,p.307-320.2008. Disponível em: obs.obercom.pt/index.php/obs/article/viewArticle/116. Acesso em: 20/10/2011.

CUNHA,Rodrigo Sobral. O design segundo Vilém Flusser. **Flusser Studies**,11. Acessado em: 02/05/2013, disponível em: www.flusserstudies.net/pag/11/cunha-o-design.pdf.

DEBRAY, Regis. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **Manifestos Midiológicos**. Trad.Guilherme João de Freitas Teixeira.Petrópolis,RJ:Vozes,1995.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed.Contraponto, 1997.

DI FELICE, Massimo. **Do público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. 1. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008..

ECHETO, Victor Silva. Comunicación intercultural, ecología y residuos: entre Palo Alto, Flusser y Guattari. **Líbero**: Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, ano XIV, n.28, p.33-42, dez. 2011.

FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lúcia. **O explorador de abismo**. São Paulo: Paulus, 2012

FLUSSER, Vilém. **Pós-História.Vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

_____. **A dúvida**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1999

_____ e, STROHL, A. (org.). **Writings**. Minnesota University, Univ.Minnesota Press,2002.

_____. **Língua e realidade**. São Paulo, Ed.Annablume, 2004.

_____. **O mundo codificado:** por uma filosofia do design e da comunicação; organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007a.

_____. **Bodenlos. Uma autobiografia filosófica.** São Paulo: Annablume, 2007b.

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **A Escrita – Há futuro para a escrita?** Tradução do alemão Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **Filosofia da caixa preta.** Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FORBES. Billionaires list 2013. Disponível em: <http://www.forbes.com/billionaires/>. Acesso em: 09/11/2013.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. **Ciberlegenda:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Federal Fluminense, n.5, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/314/195>. Acesso: 08/09/2011.

GALIMBERTI, Umberto. **Os vícios capitais e os novos vícios.** Trad. Sergio José Schirato. São Paulo, Paulus: 2004.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole:** o que a globalização está fazendo de nós. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIRARDI, Liráucio Jr. Poder Simbólico, mídia e cidadania. In: **Communicare:** Revista de Pesquisa da Faculdade Cásper Libero, v.5, n.1, p.61-75. 2005.

GLOBAL VOICES a. Sobre o Global Voices. Disponível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/about/>. Acesso em 21/08/2013.

GLOBAL VOICES b. Manifesto. Disponível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/about/manifesto/> Acesso em 21/08/2013.

GLOBAL VOICES c. Relatório Anual 2012. Disponível em: <http://globalvoicesonline.org/about/annual-reports/> . Acesso em: 09/11/2013.

GLOBAL VOICES d. Disponível em: <http://globalvoicesonline.org/about/faq-frequently-asked-questions/>. Acesso em 21/08/2013.

GLOBAL VOICES e. Disponível em: <http://globalvoicesonline.org/special-thanks/> . Acesso em: 09/11/2013.

GOOS, Maria Carolina Giliolli. Jornalismo cultural no palco da complexidade. . In: KÜNSCH, Dimas A., MARTINO, Luís Mauro Sá (Organizadores). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Pleiade, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro:DP&A, 2011.

HANKE, Michael. Vilém Flusser: a cultura dos media e mediações. In: **Mídias: multiplicações e convergências**. CARAMELLA, Eliane et al. São Paulo: Editora Senac, 2009.

_____. A Comunicologia segundo Vilém Flusser. **Galáxia: Revista de estudos pós-graduados em comunicação e semióticaPUC**, São Paulo, nº7, p.59-72, abril.2004. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/1396/1180>. Acesso em: 12 maio 2011.

HEILMAIR, Alex Florian. O Conceito de Imagem Técnica na Comunicologia de Vilém Flusser. In: **CISC 20 anos : comunicação, cultura e mídia**. BORNHAUSEN, Diogo A.; MIKLOS, Jorge; SILVA, Maurício Ribeiro da (organizadores). São José do Rio Preto, SP : Bluecom Comunicação, 2012. Disponível em: http://cisc.org.br/portal/biblioteca/CISC_20_anos-Comunicacao_Cultura_e_Midia.pdf . Acesso em: 15/09/2013.

HESSEL, Stéphane; MORIN, Edgar. **O caminho da esperança**. Trad.Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos**. Trad. Marli Peres.São Paulo: Leya, 2011.

IANONI, Marcus. Sobre o quarto e o quinto poderes. **Communicare**, Revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero v.3, n.2, 2º Sem., p. 51 – 64. 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad.Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JOACHIM, Michael. A perturbante estranheza do Novo: o Brasil de Vilém Flusser. **Flusser Studies**, 03.Acessado em 05/05/2013,disponível em: www.flusserstudies.net/pag/03/joachim-michael-pertubante-estraneza.pdf,

KÜNSCH, Dimas A. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero: Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero**, Ano XII, n.24, p.41-50, dez.2009.

_____. Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto(Org.); LIMA JUNIOR, Walter Teixeira Lima (Org.). **Comunicação: diálogos, processo e teorias**. São Paulo: Plêiade, 2010.

_____. Comunicação e pensamento compreensivo. In: KÜNSCH, Dimas A., MARTINO, Luís Mauro Sá (Organizadores). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Pleiade, 2010.

LALONDE, Brice. Dias melhores virão? Entrevista concedida a Letícia Freire e Thaís Herrero em jun. 2012. *Revista Página 22*, São Paulo, nr.64. 2012. Disponível em: www.fgv.br/ces/pagina22. Acesso 26/06/2012.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993

_____. *O que é o Virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, Venício. *Mídia. Teoria e Política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOPES, Maria Immacolata V. de. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. *Famecos: Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da PUC-RS*. Porto Alegre: n.30, p.16-30, ago. 2006 Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3372/2637> 2006. Acesso: 01/12/2011.

MacBRIDE, S. (1980). *Many Voices, One World: Towards a New More Just and More Efficient World Information and Communication Order*. UNESCO, Paris, 1980

MACNAMARA, Jim. *New Media: How Web 2.0 is Changing the World*. Archipelago Press. 2007. Disponível em: <http://www.archipelagopress.com/images/ResearchPapers/New%20Media%20-%20Web%202.0%20Paper.pdf>. Acesso: 04/11/2013.

MacKINNON, Rebecca (2008). *Global Voices, generative media structures, and the end of nationalism?* Reconversation, Rebecca MacKinnon's posting about work, reading, and ideas from 2004-2011. 2008. Disponível em: <http://reconversation.blogs.com/reconversation/gvsummit2008/>. Acesso em: 19/09/2013.

_____. (2004). *Global Voices: International Bloggers Start Connecting the Dots*. 2004. Disponível em: <http://personaldemocracy.com/content/global-voices-international-bloggers-start-connecting-dots>. Acesso em: 13/08/2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicabilidade na rede: chances de uma alteridade medial. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, v.39, n.37, p.188-200. 2012. Disponível em: http://www.usp.br/significacao/pdf/37_marcondes.pdf. Acesso em: 27/09/2013.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, German. **Los ejercicios del ver.** Hegemonia audiovisual y ficción televisiva. Editorial Gedisa. Barcelona: 1999.

MARTINO, Luiz C. Abordagens e Representação do Campo Comunicacional. **CMC - Comunicação, mídia e consumo:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, São Paulo, v.3, n.8, p.33-54. 2006. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/issue/view/8>. Acesso: 10/01/2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação: troca cultural?** São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Estética da Comunicação:** da consciência comunicativa ao “eu” digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Famecos.** Porto Alegre, v. 1. n. 36, p. 111-117, agosto. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4423/0>. Acesso: 07/12/2012.

_____. **Teoria da Comunicação:** Ideias, Conceitos e Métodos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

_____. O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967 e 1986. **Intercom.** 2010b. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2161-1.pdf> Acesso: 12/01/2012.

_____; MENEZES, José Eugenio de O. Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada. **Líbero:** Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, v.15,n.29,p-9-18, jun.2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã – Feuerbach – A Contraposição entre as Cosmovisões Materialista e Idealista.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

MATTELART, Armand. **A Comunicação – mundo – Histórias das Idéias e das Estratégias.** Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1991.

_____. **A globalização da comunicação.** Tradução Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação.** 8ª.Ed. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MENDES, Ricardo. Cartas Flusserianas: diagnóstico sobre correspondência com Sérgio Paulo Rouanet. **Flusser Studies,01.** Acessado em: 20/03/2013, disponível em: www.flusserstudies.net/pag/01/mendes-cartas-flusserianas01.pdf, p.10.

MENEZES, José Eugênio de O. Pesquisa científica e cidadania. In: **Communicare**, Revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa – CIP da Faculdade Casper Líbero, v.5, n.1, 1º semestre.2005.

_____. Incomunicação e Cultura do Ouvir. 2006. **Líbero**: Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Casper Líbero, São Paulo, v.9,n.18, dez.2006

Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/4623.10/01/2012.

_____. **Rádio e Cidade**: Vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. Comunicação e Cultura do Ouvir. 2008, Disponível em: sapiensdemens.pbworks.com/f/Comunica%C3%A7%C3%A3o+e+Cultura+do+Ouvir.+Artigo+para+livro.F... Acesso em 10/01/2012

_____; MARTINEZ, Monica. As narrativas da contemporaneidade a partir da relação entre a esclada da abstração de Vilém Flusser e as pinturas rupestres da Serra da Capivara. In **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo (RS), vol.11,nº2, maio/agosto 2009.

_____. Comunicação, espaço e tempo: Vilém Flusser e os processos de vinculação. **CMC -Comunicação, mídia e consumo**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, São Paulo, v. 6 n.15, p. 1 6 5 - 1 8 2 mar.2009.

_____. Para ler Vilém Flusser. **Líbero**: revista acadêmica/Programa de Pós-graduação, Faculdade Casper Líbero.-v.13,n.25, jun. 2010. – São Paulo: Faculdade Casper Líbero, 2010.

_____. Comunicação dialógica e comunicação discursiva em Vilém Flusser. In: COSTA, Murilo Jardelino da (Org.). **A Festa da Língua – Vilém Flusser**. São Paulo: Memorial, 2011.

MORIN, Edgar _____. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar,1979.

_____. “Epistemologia da complexidade”. In. SCHNITMAN, Dora F. (org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividades**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996, pp. 274-286.

_____. **Reformar o Pensamento**. Lisboa: Instituto Piaget,1999.

_____. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios, 4 ed. – São Paulo: Cortez: 2007.

_____. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2011.

MIKLOS, Jorge. Ciber-Religião: O sacrifício do corpo na cibercultura. In: **CISC 20 Anos: Comunicação, Cultura e Mídia**. São José do Rio Preto, SP : Bluecom Comunicação, 2012.

Disponível em: http://cisc.org.br/portal/biblioteca/CISC_20_anos-Comunicacao_Cultura_e_Midia.pdf . Acesso em: 15/09/2013.

NM INCITE. Buzz in the blogosphere: Millions more bloggers and blog readers. 2012. Disponível em: <http://www.nielsen.com/us/en/newswire/2012/buzz-in-the-blogosphere-millions-more-bloggers-and-blog-readers.html>. Acesso em 04/11/2013.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. **ONU**.1948.

ONU Rio+20.Documento Final Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – **Rio+20**. <http://www.rio20.gov.br/documentos>. Acesso 26/06/2012

PENNISI, E. How did cooperative behavior evolve?. 2005. **Science** Magazine. Disponível em <http://www.sciencemag.org/content/309/5731/93.full>. Acesso 20/06/2012.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PROSS, Harry. **Estructura Simbólica del Poder**. Barcelona: Gustavo Gill, 1980.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____;ZAGO,Gabriela. Em busca das “redes que importam”:redes sociais e capital social no Twitter. **Líbero**: Revista do Programa de pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, v.12, n.24,p.81-94, dez.2009.

RHEINGOLD, H. **A Comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**. Tradução Maria Lucia G.L.Rosa. São Paulo: Ed Makron, 2001.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Cultura, conexão, contemporaneidade. In: **CMC - Comunicação, Mídia e Consumo**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing, v.4, n.9. São Paulo: ESPM, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**. São José do Rio Preto,SP: Bluecom Comunicação, 2010.

_____. “Novos desafios da comunicação”. **Lumina**,Juiz de Fora, v.4, n.1, p.1-10, jan/jun 2001. Disponível em: <<http://www.facom.ufjf.br/documentos/downloads/lumina/R5-Lucia.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

_____. e NÖTH, W. **Comunicação & Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p.11.

_____. Meios, mídias, mediações e cognição. In: CARAMELLA, Eliane et al. **Mídias: multiplicações e convergências**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

_____ ; NÖTH, Winfried. Representações da alteridade nas mídias. **Líbero**: Revista do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Casper Líbero, São Paulo, v.12, n.24, p.33-40, dez.2009.

_____. **A ecologia pluralista da Comunicação**. Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SCIENCE, Magazine. 125th Anniversary. Questions: What don't we know! Jun.2005. Disponível em: <http://www.sciencemag.org/site/feature/misc/webfeat/125th/>. Acesso em 20/06/2012.

SÊGA, Christina Pedrazza. **Sociedade e Interação**: um estudo das diferentes formas de interagir. Brasília: Ed.UnB, 2011.

SERRA, Paulo. Comunidade e mediatização. Biblioteca on-line de ciência e comunicação (BOCC). Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-comunicacao-mediatizacao.pdf>. Acesso em 19/06/2012.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994

_____. **A comunicação**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalism, Socialism and Democracy**. New York: Harper & Row, 1942, 381 pp.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Eliane Deak. Narrativa complexo-compreensiva. In: KÜNSCH, Dimas A., MARTINO, Luís Mauro Sá (Organizadores). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Pleiade, 2010.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Game-ativismo e a nova esfera pública interconectada. **Líbero**: Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Casper Líbero, São Paulo, v.12, n.24, p.131-138, dez. 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

SPYER, Juliano (org). **Para entender a Internet**. Noções práticas e desafios da comunicação em rede. 2009. Disponível em: http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/Para_entender_a_Internet.pdf . Acesso em 18/09/2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TSUI, Lokman. A Journalism of Hospitality. 2010. **Dissertação**. Disponível em: <http://dl.dropboxusercontent.com/u/22048/Tsui-Dissertation-Deposit-Final.pdf> . Acesso em: 16/08/2013.

UNESCO. Relatório MacBride. 1980. **UNESCO**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066sb.pdf>. Acesso em: 17/05/2013.

UNESCO. **Um Mundo e Muitas Vozes – Comunicação e informação na nossa época**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

UNESCO (Vários Autores). **As Chaves do Século XXI**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

UNESCO. Los idiomas importan. 2013. **UNESCO**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/es/communication-and-information/flagship-project-activities/wsis-10-review-event-25-27-february-2013/feature-stories/languages-matter/#topPage>. Acesso em: 10/10/2013.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Pensar a comunicação**. Brasília: UnB, 2004.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000.

_____. **Estratégia da decepção**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

ZAKARIA, Fareed. **O Mundo Pós-Americano**. Tradução Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da Mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir**. Tradução de Carlos D. Szlag. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. “Ser offline e existir online”. Entrevista concedida a Márcia Junges e Thamiris Magalhães / Tradutor: Luís Marcos Sander. **IHU-Online**. Revista do Insituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo (RS), ed.375, Ano XI, p.8-11, out.2011. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?id=4105&option=com_content&secao=375&view=article. Acesso em: 16/08/2012.

ZUCKERMAN, E. Announcing our alliance with Reuters. **Global Voices online**. 2006. Disponível em: <http://globalvoicesonline.org/2006/04/14/announcing-our-alliance-with-reuters/>. Acesso em: 18/09/2013.

_____. Homofilia, serendipity, xenophilia. 2008. **Zuckerman blog**. Disponível em: <http://www.ethanzuckerman.com/blog/2008/04/25/homophily-serendipity-xenophilia/#sthash.VzPn6WMp.dpufe>. Acesso em: 04/11/2013.

_____. Entrevista pessoal por email. 2013. Data do Email: 13/10/2013.